

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Campus de São Carlos – SP

MARINA ARRIAGA PERASSOLLI

**MENINOS BRINCAM DE BOLA E MENINAS
BRINCAM DE BOLA TAMBÉM:** problematizando
a dominação masculina no futebol nas aulas de
Educação Física

SÃO CARLOS -SP
2025



MARINA ARRIAGA PERASSOLLI

MENINOS BRINCAM DE BOLA E MENINAS BRINCAM DE BOLA TAMBÉM: problematizando a dominação masculina no futebol nas aulas de Educação Física

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof^o Dr^o Osmar Moreira de Souza Júnior

SÃO CARLOS - SP
2025



Perassolli, Marina Arriaga

Meninos brincam de bola e meninas brincam de bola também: problematizando a dominação masculina no futebol nas aulas de Educação Física / Marina Arriaga Perassolli -- 2025.
140f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Osmar Moreira de Souza Júnior
Banca Examinadora: Daniela Godoi Jacomassi, Cláudia Foganholi Alves
Bibliografia

1. Educação Física. 2. Futebol. 3. Gênero. I. Perassolli, Marina Arriaga. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

MARINA ARRIAGA PERASSOLLI

MENINOS BRINCAM DE BOLA E MENINAS BRINCAM DE BOLA TAMBÉM: problematizando a dominação masculina no futebol nas aulas de Educação Física

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Profº Drº Osmar Moreira de Souza Júnior

Data da defesa: 21/02/2025

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profº Drº Osmar Moreira de Souza Júnior
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Membro Titular: Profª Drª Daniela Godoi Jacomassi
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Membro Titular: Cláudia Foganholi Alves
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Local: Universidade Federal de São Carlos
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
UFSCar – Campus São Carlos

Dedico este trabalho a todos(as)
os(as) alunos e alunas que cruzaram
e ainda cruzarão meu caminho como
professora de Educação Física

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Joana e Júlio, por terem sido sempre fontes de amor, carinho e afeto, por me encorajarem a ir atrás dos meus sonhos e desejos nos mais diversos momentos da minha vida e por toda força e apoio que me deram durante esta jornada.

À minha irmã, Lígia, que é e sempre será meu exemplo e inspiração, agradeço por todo amor e por toda parceria ao longo da vida.

Às minhas filhas, Laura e Olívia, que chegaram para dar um novo sentido à minha vida. Hoje tudo que faço é e sempre será por vocês. Obrigada por serem meus raios de sol em meio à tormenta e a luz que ilumina o caminho a se seguir.

Agradeço ao meu esposo Vinícius por tantos anos de parceria, mas principalmente por ter confiado tanto em mim durante este processo. Obrigada por ter me dado forças quando achei que tudo daria errado, por todo suporte e apoio durante esta caminhada.

Aos(às) colegas da Turma IV do PROEF UFSCar por compartilharem tantas experiências ao longo destes anos juntos.

Ao meu professor, orientador e amigo, Prof^o Dr^o Osmar Moreira de Souza Júnior, obrigada por conduzir este processo de maneira tão respeitosa e por acompanhar meu crescimento e evolução como aluna, professora e pesquisadora há 16 anos. Obrigada por elevar a Educação Física e nos fazer acreditar no poder da educação.

À banca examinadora Prof^a Dr^a Daniela Godoi Jacomassi e Prof^a Dr^a Claudia Foganholi Alves, agradeço a disponibilidade e as ricas contribuições e agradeço também a todos os docentes do PROEF por todo conhecimento compartilhado.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

“Todo ano, no meu aniversário, alguém me dá uma boneca de presente. Eu gosto, mas também acho isso um pouco curioso. Mesmo com tantos tipos de brinquedo, por que me dão sempre o mesmo?” (Matheus; Comisso, 2021, p.4-5).

PERASSOLLI, Marina Arriaga. **Meninos brincam de bola e meninas brincam de bola também**: problematizando a dominação masculina no futebol nas aulas de Educação Física. Orientador: Prof^a Dr^o Osmar Moreira de Souza Júnior. 2025. 139 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2025.

RESUMO

A presente pesquisa tem como ponto de partida a dominação masculina na prática do futebol dentro e fora do ambiente escolar. Com quatro décadas de proibição da participação de mulheres nos esportes e mais especificamente no futebol, as consequências deste impedimento ainda são encontradas e a invisibilidade da participação de mulheres promove ações de preconceito e machismo durante as aulas de Educação Física. É necessário, portanto, trabalhar o futebol nas escolas para além da reprodução da lógica esporte espetacularizado, compreendendo este esporte como um fenômeno cultural que carrega inúmeras possibilidades e conhecimentos. Buscamos então com esta pesquisa identificar e analisar os processos educativos emergentes da implementação de uma unidade didática de futebol composta por 12 aulas com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental durante as aulas de Educação Física. Foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação, na qual o principal instrumento de coleta de dados foram as notas de campo e questionários que foram analisados mediante a análise de conteúdo a partir do método de codificação de categorias. Os resultados e sua análise estão divididos em categorias, sendo a primeira delas “Meninos não querem jogar com meninas porque elas são piores” a qual traz situações sexistas que ocorreram ao longo da aplicação das aulas e seus desdobramentos. A segunda é intitulada “Quando acertei o gol vi que na verdade eu consigo jogar futebol ou fazer outra coisa” e traz evidências sobre o processo de empoderamento e confiança das meninas. A terceira, intitulada “A gente não conhece nenhuma mulher atleta por isso que a gente não falou”, discute os processos educativos que emergiram a partir de fatores da lógica externa do futebol. Consideramos que a aplicação da unidade didática possibilitou aos(às) estudantes diversas experiências positivas e um aumento da confiança das meninas com relação à sua participação nas atividades esportivas e no futebol, além de ter propiciado aos(às) estudantes diversos conhecimentos relacionados à lógica externa do futebol.

Palavras-chave: Educação Física; Futebol; Gênero.

PERASSOLLI, Marina Arriaga. **Meninos brincam de bola e meninas brincam de bola também**: problematizando a dominação masculina no futebol nas aulas de Educação Física. Orientador: Prof^a Dr^o Osmar Moreira de Souza Júnior. 2025. 139 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2025.

ABSTRACT

This research takes as its starting point the male domination in the practice of soccer (football) inside and outside the school environment. With four decades of prohibition on women's participation in sports, and more specifically in soccer, the consequences of this impediment are still found, and the invisibility of women's participation promotes acts of prejudice and sexism during Physical Education classes. It is necessary, therefore, to work on soccer in schools beyond the reproduction of the spectacularized sport logic, understanding this sport as a cultural phenomenon that carries countless possibilities and knowledge. We seek, then, with this research to identify and analyze the educational processes emerging from the implementation of a didactic unit of soccer composed of 12 classes with a 5th-grade elementary school class during Physical Education classes. A qualitative research of the action-research type was carried out, in which the main data collection instrument was field notes and questionnaires that were analyzed through content analysis using the category coding method. The results and their analysis are divided into categories, the first of which is "Boys don't want to play with girls because they are worse," which brings sexist situations that occurred throughout the application of the classes and their developments. The second is entitled "When I scored the goal, I saw that I can actually play soccer or do something else," and brings evidence about the process of empowerment and confidence of the girls. The third, entitled "We don't know any female athletes, that's why we didn't talk," discusses the educational processes that emerged from factors of the external logic of soccer. We consider that the application of the didactic unit provided students with several positive experiences and an increase in girls' confidence regarding their participation in sports activities and soccer, in addition to having provided students with various knowledge related to the external logic of soccer."

Keywords: School Physical Education, Soccer, Gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1: aplicação dos questionários | 50 |
| Figura 2: gráfico de análise dos questionários | 52 |
| Figura 3: gráfico de análise - questão 1 | 53 |
| Figura 4: gráfico de análise - questão 5 | 54 |
| Figura 5: gráfico de análise - questão 10 | 55 |
| Figura 6: desenvolvimento do segundo tempo do <i>Fútbol Callejero</i> | 69 |
| Figura 7: atividade proposta no "Jogo da Recompensa" | 76 |
| Figura 8: gráfico dos pagamentos realizados nas Copas do Mundo de futebol masculina e feminina | 77 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------------|---|
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| CEP | Conselho de ética e pesquisa |
| EF | Educação Física |
| FIFA | Federação Internacional de Futebol |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| NC | Notas de Campo |
| PEI | Programa de Ensino Integral |
| PROEF | Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional |
| TALE | Termo de assentimento livre e esclarecido |
| TCLE | Termo de consentimento livre e esclarecido |
| UFSCar | Universidade Federal de São Carlos |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 AS CONSTRUÇÕES DOS CORPOS E SUAS RELAÇÕES SOCIAIS | 18 |
| 3 QUEBRANDO BARREIRAS: A PRESENÇA DAS MULHERES NO ESPORTE NO BRASIL | 22 |
| 4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E FUTEBOL: UM ESPAÇO PARA REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO | 29 |
| 5 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA | 36 |
| 6 ELABORAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA | 43 |
| 7 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS..... | 50 |
| 8 “MENINOS NÃO QUEREM JOGAR COM MENINAS PORQUE ELAS SÃO PIORES” | 56 |
| 9 “QUANDO ACERTEI O GOL VI QUE NA VERDADE EU CONSIGO JOGAR FUTEBOL OU FAZER OUTRA COISA” | 63 |
| 10 “A GENTE NÃO CONHECE NENHUMA MULHER ATLETA, POR ISSO QUE A GENTE NÃO FALOU” | 72 |
| 11 CONCLUSÃO | 79 |
| REFERÊNCIAS | 82 |
| APÊNDICES | 89 |
| ANEXOS | 135 |

1 INTRODUÇÃO

Não há como negar que o futebol é o esporte mais praticado no Brasil nos mais diferentes espaços como ruas, parques, quadras e campos comunitários além das escolas. Por ser o futebol um esporte e um patrimônio cultural que carrega consigo diversos significados, é necessário que ele esteja presente no espaço escolar, porém é fundamental discutirmos como esse esporte vem sendo desenvolvido dentro deste espaço e quais processos educativos ele traz consigo. Ao mesmo tempo que é um conteúdo hegemônico e bastante importante, é um conteúdo mal aproveitado, que vem sendo desenvolvido muito aquém do seu potencial.

Durante muitas décadas (1970, 80, 90) o ensino dos esportes nas escolas foi pautado por um modelo tecnicista focado em desenvolver as habilidades motoras através da repetição de movimentos, priorizando e valorizando apenas os(as) estudantes mais experientes. O esporte se apresentava como uma atividade com fim em si mesma, concentrada no ato do fazer sem se importar com a contextualização desta prática. Neste período, o papel do professor passa a ser de treinador e a prática ganha características mecânicas e repetitivas dos movimentos esportivos (Darido, 2003).

Quando utilizamos nesta discussão o termo experientes, recorreremos a Larossa-Bondía (2002) que nos explica que a experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p. 21). O autor explicita ainda que

o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (p.24).

Se tratando, portanto, do esporte, o(a) aluno(a) experiente é aquele(a) o(a) qual já o conheceu, vivenciou e experienciou, fazendo com que ele(a) possua, portanto, mais visão de jogo, mais facilidade para as tomadas de decisão, mais conhecimento das regras e maior facilidade para a parte técnica.

Apesar de hoje já existirem diversos estudos e discussões acerca dos métodos de ensino dos esportes e do movimento renovador da Educação Física brasileira ter superado o modelo de ensino esportivista, esse modelo de ensino tradicional ainda perdura em muitas realidades, desmotivando estudantes a participarem das práticas, reduzindo assim a participação efetiva deles, e sobretudo delas, nas aulas de Educação Física.

De acordo com González e Fensterseifer (2009) muitos currículos ou documentos orientadores, inclusive a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), documento mais recente, já vem estruturando o ensino da Educação Física escolar pautado na cultura corporal de movimento, porém, sabemos que essa concepção ainda não é utilizada por grande parte dos(as) professores(as), ou seja, há um distanciamento entre a teoria apresentada (documentos) e a prática dos(as) docentes.

Desta maneira, o desafio do(a) professor(a) deve ser o de promover o entendimento dos vários sentidos que os jogos esportivos possam ter, como a resolução de conflitos e solução de problemas que possam surgir em sua realização. Além disso, é preciso que os(as) alunos(as) aprendam a discutir questões vinculadas ao esporte como as questões políticas (Betti, 1999) e que, através do ensino do esporte sejam colocados em pauta temas urgentes e necessários como racismo, homofobia, inclusão de pessoas com deficiência e as relações de gênero, reduzindo ao máximo os episódios de discriminação e promovendo aulas de Educação Física mais acolhedoras, inclusivas e equitativas.

Com relação às questões de gênero, as aulas de Educação Física são um ambiente privilegiado para a expressão e elaboração das mais variadas experiências e saberes e, portanto, também bastante propício a situações de discriminação. A visão restrita e binária de gênero impõe que meninos devem apresentar um único tipo de masculinidade, aquela em que são vistos como fortes, dominantes e bons em esportes. Enquanto as meninas devem apresentar um único modelo de feminilidade, aquele em que são frágeis, delicadas, omissas e sem qualidades para os esportes vistos como mais agressivos e viris, como é o caso do futebol. Meninos e meninas que não se encaixem nesses padrões de masculinidade e feminilidade são marginalizados e excluídos.

O futebol, um esporte praticado majoritariamente por homens, carrega consigo uma gama muito extensa de preconceitos e estereótipos. Isso torna ainda mais necessária a presença dele nas aulas de Educação Física para que, se trabalhado de maneira inovadora, possam ser discutidos diversos processos educativos a partir daí.

Por décadas mulheres foram proibidas de praticar esportes, incluindo o futebol. No início do século XX, as atividades físicas praticadas por mulheres eram vistas como um fortalecimento do corpo para prepará-lo para a condução de uma boa maternidade (Goellner; Kessler, 2018), porém não eram todas as atividades que lhes eram permitidas e recomendadas, o que era o caso do futebol considerado como muito violento para o corpo feminino. Na década de 1940, o então Presidente Getúlio Vargas baixou o Decreto-Lei 3.199 que cerceou o direito das mulheres à prática de certas modalidades esportivas (Brasil, 1941) por mais de 40 anos, como veremos em detalhes mais à frente.

Aos poucos e em decorrência de muita luta e resistência por parte delas, a prática desses esportes e, sobretudo do futebol jogado por mulheres, foi sendo legalizada, apesar de ainda não incentivada. Apesar dos avanços, a prática do futebol por mulheres ainda permanece carregada de muitos significados e consequências relacionados a esse histórico de preconceitos e interdições.

Para romper com essa visão é necessário compreender de onde surgem os estereótipos e fazer com que os(as) alunos(as) compreendam que meninos e meninas possuem níveis de habilidades diferentes porque foram e continuam sendo estimulados(as) e tratados(as) de maneiras diferentes. É necessário ainda dar visibilidade ao futebol jogado por mulheres, mostrando histórias de sucesso para que meninas se sintam cada vez mais capazes de ocupar os espaços esportivos, dominados por meninos, dentro e fora do ambiente escolar.

Mostra-se necessário ainda promover ações que se importam com a inclusão e comprometidas com as questões de gênero, favorecendo uma tomada de consciência acerca das desigualdades do machismo e dos diversos tipos de preconceito contra quaisquer pessoas e/ou grupos que estão fora da norma dominante.

Durante minha¹ vida escolar como aluna, presenciei muitos destes preconceitos em relação ao esporte e ao futebol. Aos 10 anos, quando decidi que gostaria de participar de turmas de treinamento de futsal gerei um embate com meu pai que, assim como muitos, considerava o esporte muito violento para meninas e acreditava em uma possível “masculinização” através do esporte. Aos 19 anos, quando ingressei na graduação de Educação Física e passei a fazer parte do time de futsal da universidade, tive que lidar com outros tipos de preconceito que relacionavam o futebol à homossexualidade das mulheres que o praticavam, vivenciando, portanto, neste contexto, além dos preconceitos com relação à figura feminina inserida no futebol também a LGBTfobia, percebendo nas falas o tom pejorativo que era usado ao se referir às mulheres homossexuais.

Depois de formada continuei tendo contato com os preconceitos emergentes no esporte e no futebol, mas agora, como professora, me vejo com um papel importante neste processo, o de promover atividades, discussões e reflexões sobre o tema a fim de participar dos processos formativos de sujeitos que entendam os significados e conhecimentos que o futebol carrega consigo e que sejam críticos(as) e autônomos(as) para estar e intervir na realidade em que se encontram inseridos(as).

Partindo destes pressupostos, considero que na posição de professora-pesquisadora que possui uma história de vida atravessada pelas diferentes formas de discriminação e preconceito cotidiano, estrutural e institucional enfrentadas pelas mulheres praticantes de esporte e, sobretudo, do futebol, reúno uma série de predicados que podem contribuir para a construção de conhecimento no que tange às desigualdades de gênero que se manifestam na prática do futebol nas aulas de Educação Física. Visando cumprir com este compromisso ético, político e pedagógico, desenvolvemos esta pesquisa, que consiste em implementar uma unidade didática de futebol com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, em que o tema seja trabalhado em diversas dimensões do conhecimento gerando reflexões e discussões

¹ Ao longo deste trabalho, alterno entre o uso da primeira e da terceira pessoa. Essa escolha reflete a natureza do texto, que por vezes traz experiências individuais da professora-pesquisadora e, em outros momentos, incorpora saberes construídos em diálogo com o orientador.

acerca da misoginia, do machismo e do sexismo nesse esporte, buscando compreender e problematizar a dominação masculina nele presente.

O título desta pesquisa faz referência à bola como brinquedo utilizado na infância, mas visto pela sociedade como um brinquedo de meninos, visão esta que reforça a ideia de um padrão binário e sexista. De acordo com Cruz, Silva e Souza (2012) “é necessário olhar com atenção para os brinquedos pois “em sua “inocência”, muitos deles aprisionam, controlam, regulam as crianças e apontam o papel social que deve desempenhar quando crescer”.

Durante a infância meninos são estimulados a brincarem de bola, carrinhos e super-heróis, enquanto as meninas são estimuladas a brincarem de boneca e casinha. Essas brincadeiras, quando tratadas desta maneira, acabam disciplinando os corpos e constroem uma visão sexista de feminilidade e masculinidade adequadas ao padrão tido “ideal” para viver em sociedade. Sendo então a bola um brinquedo tão carregado de significados, vimos a oportunidade de enfatizá-la no título deste trabalho mostrando que meninas também podem e devem brincar de bola, rompendo com a visão de brinquedos e brincadeiras generificados.

1.1 Objetivo

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa consiste em identificar e analisar os processos educativos emergentes a partir da implementação de uma unidade didática de futebol, problematizando a dominação masculina neste esporte durante aulas de Educação Física. Esperamos também que os(as) estudantes compreendam o processo histórico da desvalorização da mulher no esporte e no futebol e que meninas se sintam mais capazes e confortáveis em ocupar os espaços esportivos dentro e fora do ambiente escolar.

2 AS CONSTRUÇÕES DOS CORPOS E SUAS RELAÇÕES SOCIAIS

A concepção de corpo foi, por muito tempo, associada exclusivamente à biologia, mas não há como falar de corpo sem falar do que somos ou gostaríamos de ser. Hoje, compreende-se que nossos corpos se constituem de um conjunto de interações entre a tríade corpo, natureza e cultura não sendo eles puramente biológicos. Nossos corpos trazem marcas dessas interações e não são, portanto, as semelhanças biológicas que os definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a eles se atribuem. O corpo revela o tempo e a cultura nos quais foi educado e produzido; nele pulsam diferentes rituais e simbologias. “O corpo materializa a existência e esta é plural, diversa e inclassificável” (Goellner, 2003, p.28).

Goellner (2008) nos explica que:

“Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos...enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem” (p.1).

Longe de ser uma entidade predeterminada ou universal, o corpo portanto, se apresenta como uma construção provisória, sujeita a transformações e adaptações constantes. Sua forma e significado são influenciados pelo avanço científico e tecnológico de cada cultura, assim como por suas leis, valores morais, representações e discursos que o moldam e o ressignificam continuamente. Goellner (2010) cita que:

“Educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização com os quais nos deparamos, cotidianamente, com recomendações, como, por exemplo, sobre o vestuário, a alimentação, o comportamento, a aparência, os gestos, a movimentação, as práticas sexuais, a saúde, a beleza, a qualidade de vida. Educa-se o corpo também no esporte, no lazer e nos projetos sociais” (p.74).

Se os corpos são plurais e estão em constante transformação, os gêneros também devem ser, mesmo que ainda sejam classificados através da lógica binária associando apenas um tipo possível de masculinidade e feminilidade aos corpos do homem e da mulher, respectivamente.

Segundo Goellner (2009), por gênero entende-se a condição social através da qual nos identificamos como masculinos e femininos enquanto sexo é o termo utilizado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres desde o nascimento. O ser feminino ou ser masculino engloba diferentes processos de produção de masculinidades e feminilidades, processos esses sociais, culturais, históricos, entre outros. O gênero é, portanto, uma construção social e cultural que se desenvolve através de processos que marcam os corpos, moldando-os de acordo com os conceitos de masculino e feminino (Goellner, 2010). De acordo com a autora “o corpo é *generificado*, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele” (p.75).

A concepção tradicional de gênero frequentemente se baseia em uma lógica binária, opondo masculinidade e feminilidade como categorias fixas e exclusivas. Enquanto o homem, na sua masculinidade, deve ser forte e viril, a mulher, expressando sua feminilidade, deve ser delicada. No entanto, essa visão simplista não reflete a realidade onde existem diversas masculinidades e feminilidades, cada uma influenciada pelas construções sociais e culturais plurais que variam de acordo com o contexto histórico, geográfico, étnico, social e individual.

De acordo com Altmann (2015):

“Os estudos de gênero desafiam a noção de que a biologia é a única determinante na construção dos femininos e dos masculinos, ou seja, questionam a ideia de uma “essência feminina” e uma “essência” masculina. Considerando que “não se nasce mulher”, mas antes, “torna-se mulher”, podemos pensar nos inúmeros processos de aprendizagem e repetição de movimentos, posturas, expressões, sentimentos etc., que, ao longo da vida, produzem homens e mulheres, o que possibilita também pensar a diversidade de construções de femininos e masculinos” (p.22).

Ainda sobre a pluralidade dos masculinos e femininos, Kessler (2023) explicita que

Ser mulher é diferente de expressar feminilidades. As expressões de gênero servem como ferramentas de leitura dos corpos em sociedade, mas não apenas para isso: servem também como forma de categorizar e hierarquizar os sujeitos. A feminilidade é apresentada não apenas em corpos de mulheres embora possa ser igualmente punida, seja em corpos de mulheres cis ou trans, de gays afeminados ou nas *drag queen* (de forma caricatural e performática), por exemplo. As transgressões são punidas com agressões e/ou represálias nem sempre explícitas, mas sentidas pelos(as) infratores(as). Dessa forma, ao subverter as regras prescritas, relacionadas ao binarismo de gênero, os sujeitos que não se enquadram nas referidas normas são relegados ao domínio do abjeto também através do uso da violência (p. 189).

De acordo com a autora o estereótipo de feminilidade está associado à leveza, graciosidade, delicadeza e fraqueza. Entretanto estas características podem ser apresentadas tanto por homens como por mulheres nas suas multiplicidades. Nem todo homem é forte, viril e ágil e isso se torna visível no cotidiano, nos corpos que circulam pelos espaços públicos. Um homem que usasse cabelos compridos ou uma mulher que usasse cabelos curtos colocavam em dúvida sua masculinidade e feminilidade, visão essa que hoje em dia tem se transformado, mas infelizmente ainda persiste. É necessário compreendermos então que não podemos nos classificar como homem e mulher, mas sim como homens e mulheres plurais.

Desnaturalizar os gêneros, tarefa potente para emergir a pluralidade, implica romper com o padrão binário e, sobretudo, desconfiar do suposto alinhamento entre sexo, gênero e sexualidade — matriz que dá sustentação à heteronormatividade (Louro, 2009). Este modo de pensar entende que homens (fortes e viris) devem se interessar, ter desejos e se relacionar com mulheres (sensíveis e frágeis) e vice-versa.

Os estereótipos de gênero, ao invés de refletir a realidade, criam uma falsa dicotomia entre homens e mulheres e é a partir desses estereótipos que o preconceito se alimenta. Quando generalizamos e simplificamos as características de um grupo, estamos, na verdade, criando uma visão distorcida e injusta sobre as pessoas que o compõem. Essa visão distorcida leva às práticas de discriminação, violência e preconceito.

De acordo com Noronha (2018), o sexismo é uma forma de preconceito e discriminação baseada no gênero, na qual as pessoas de um gênero se assumem como superiores ao outro. O sexismo, em princípio, trata-se de uma atitude

discriminatória que define quais usos e costumes devem ser respeitados por cada sexo, desde o modo de se vestir até o comportamento social adequado, sendo que ser sexista não é uma exclusividade de homens heterossexuais e cisgêneros, pois mulheres, pessoas trans, homossexuais ou de outras identidades ou orientações não binárias, podem também assumir esse discurso e visão de mundo. Já o machismo é um conjunto de atitudes e comportamentos que visam colocar os homens em posição de superioridade em relação às mulheres, sendo assim, machista é toda pessoa que julga a mulher como inferior ao homem em aspectos físicos, culturais e intelectuais.

Atrelados a esses preconceitos temos ainda a misoginia que mais do que um simples preconceito é na verdade uma aversão profunda e repulsa às mulheres (Noronha, 2018). É um sistema opressor que se manifesta de diversas formas, desde as mais sutis até as mais violentas e que permeia todas as esferas da nossa vida. A misoginia não se limita a atos isolados de violência, se manifesta em micro agressões diárias, em piadas sexistas, em olhares invasivos, na desvalorização do trabalho feminino e em uma infinidade de outras formas de discriminação. As raízes da misoginia são profundas e complexas, entrelaçadas com a história. A desigualdade de gênero, a cultura patriarcal e a construção social dos papéis de homens e mulheres são alguns dos fatores que contribuem para a perpetuação desse ódio.

As questões referentes ao gênero e as diferentes formas de preconceito advindos destas questões são temas muito discutidos em todas as esferas da vida e compreendem os espaços doméstico, profissional, social, intelectual, artístico e, logicamente, o esportivo como veremos melhor no capítulo a seguir.

3 QUEBRANDO BARREIRAS: A PRESENÇA DAS MULHERES NO ESPORTE NO BRASIL

As discussões acerca do gênero e as diferentes formas de preconceito que elas geram são temas que nos inundam em diferentes esferas sociais. Os preconceitos em relação à mulher se fazem presentes nos mais diferentes espaços em que estamos inseridos, sejam eles domésticos, profissionais, sociais, intelectuais, artísticos ou esportivos. Sendo assim, para que possamos discutir estes temas, faz-se necessário entender as raízes profundas e as consequências que ressoam ainda hoje em nosso cotidiano.

De acordo com Kessler (2023)

Ser mulher ilustra uma série de constrangimentos e cerceamentos que foram vividos até o século XXI em muitos países (e em alguns ainda persistem), tais como a falta de direitos sociais e civis que as privaram de votar, de serem proprietárias de imóveis, de frequentarem os ambientes escolares, ou até mesmo de terem seu próprio sustento sem que fosse necessária a autorização de um homem (fosse o pai ou marido) (p. 188).

Com relação ao âmbito esportivo, aos poucos e em decorrência de muita luta, apenas a partir do início do século XX as mulheres começaram a conquistar um espaço neste território tido como majoritariamente masculino. Mas no início do século XX as atividades físicas praticadas por mulheres eram vistas como um fortalecimento do corpo para prepará-lo para a condução de uma boa maternidade (Goellner, 2005) e não eram todas as atividades que lhes eram permitidas e recomendadas, o que era o caso do futebol considerado como muito violento para o corpo feminino enquanto aos homens o esporte era incentivado como um espaço de construção e reafirmação da masculinidade.

As mulheres ao longo da história foram privadas de diversos direitos e isso inclui os esportes. Por décadas mulheres foram proibidas de praticar esportes, incluindo o futebol e outras modalidades que exigem força, resistência e velocidade. No início do século XX era possível identificar a participação de mulheres no futebol e a tentativa da formação de times em alguns estados, ainda que contra a vontade de

muitos. Com o surgimento deste movimento em prol do futebol jogado por mulheres, foram surgindo as indagações e discursos os quais diziam que as funções biológicas da mulher podiam ser afetadas com um esporte tão violento como o futebol, podendo inclusive afetar sua natureza em ser mãe (Franzini, 2005).

Assim, diante de diversos discursos que questionavam a presença das mulheres no futebol, em 14 de abril de 1941, o então Presidente Getúlio Vargas baixou o Decreto-Lei 3.199, que estabelecia as bases de organização do esporte em todo o Brasil e cerceou o direito das mulheres à prática de certas modalidades esportivas. O decreto citava que

Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (Brasil, 1941, p. 7).

Em 1965, a deliberação nº7 foi implantada afirmando: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball” (BRASIL, 1965).

Segundo Sousa e Altmann (1999) o corpo da mulher era considerado como dotado de docilidade e sentimento, qualidades negadas ao homem pela “natureza”. Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos mais agressivos; às mulheres, associava-se a suavidade de movimentos e à distância de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e pelo voleibol.

As autoras afirmam ainda que o homem que praticasse esses esportes correria o risco de ser visto pela sociedade como efeminado. O futebol, esporte tido como violento, tornaria o homem viril e, se fosse praticado pela mulher, poderia masculinizá-la, além da possibilidade de lhe provocar lesões, especialmente nos órgãos reprodutores.

Diversos autores enfatizavam que o esporte era uma prática de fundamental importância na construção da masculinidade como Badinter (1993) o qual afirma que

[...] os esportes que envolvem a competição, a agressão e a violência são consideradas como a melhor iniciação à virilidade, pois é nesse espaço que o adolescente ganha “status de macho”, mostrando publicamente seu desprezo pela dor, o controle do corpo, a força e a vontade de ganhar e esmagar os outros (p. 94).

Essa imagem do esporte como instituição pertencente aos homens e como grande aliado à construção da masculinidade continua afastando as mulheres de sua prática. Se analisarmos os espaços esportivos dentro de escolas, parques, praças provavelmente encontraremos um maior número de meninos e homens jogando do que mulheres e meninas, o que nos mostra que, apesar de muito avanço na participação das mulheres no esporte, eles ainda dominam este cenário. Mas sem dúvida, vemos no esporte um importante elemento para promover maior visibilidade às mulheres.

2.1 Da proibição à profissionalização: mulheres no futebol

O futebol, esporte mais praticado no Brasil, é conhecido por ser um esporte majoritariamente masculino o que dificulta o acesso e ascensão de mulheres na modalidade. Como dito anteriormente, o futebol é um dos esportes que era (e ainda é) incentivado como espaço de afirmação da masculinidade sendo considerado então inapropriado para meninas e mulheres. Goellner e Kessler (2018) citam que desde o início da prática do futebol no Brasil existia um temor de que as mulheres, praticando futebol, poderiam ferir sua feminilidade ao serem “masculinizadas” através do esporte. As autoras citam que

“A preservação de atributos tais como a beleza, a graça, a delicadeza e a harmonia das formas caminhavam lado a lado com a preocupação de que o mundo esportivo, sobretudo o daquelas modalidades identificadas como violentas (a exemplo do futebol), pudesse também desonrar as senhoras e senhoritas” (Goellner; Kessler, 2018, p.34)

Porém, ainda de acordo com Goellner e Kessler (2018) essa não era a única preocupação. Segundo as autoras seu sucesso nessas práticas poderia infringir as “leis da natureza”, pois, ao mostrarem-se mais fortes do que se supunha, seria quebrado o

discurso das diferenças naturais, discurso esse baseado na diferença física de um sexo sobre o outro. As autoras explicitam que

[...] o futebol mostrava potencial para desestabilizar a estruturação de um espaço de sociabilidade criado e mantido sob domínio dos homens, cuja justificativa para sua consolidação, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (Goellner; Kessler, 2018, p.34).

O futebol, portanto, se mostrava como uma poderosa arma não para ferir mulheres e sua feminilidade, mas sim para ferir homens e sua masculinidade, rompendo o mito da fragilidade feminina e podendo mostrar ao mundo um possível status de igualdade entre homem e mulher.

Franzini (2005) cita que “o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas “funções naturais” para invadirem o espaço dos homens”.

A revogação do Decreto 3.199 que proibia as mulheres de praticar diversas modalidades esportivas aconteceu apenas em 1979, década em que os movimentos feministas ficaram mais fortes e que as mulheres ingressaram com mais força no mercado de trabalho. Porém, apesar do futebol não ser mais proibido por nenhuma lei, tal revogação não legitimou a prática do futebol por mulheres que ainda enfrentavam diversos mecanismos contra a prática. A deliberação emitida pelo Conselho Nacional de Desportos citava que “às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto[...]” (Brasil, 1979), porém, no mesmo documento era citado também que “No caso de desporto que ainda não seja praticado no Brasil ou que não seja dirigido por entidade internacional, a entidade dirigente no Brasil, deverá solicitar ao CND a devida autorização para que possa ser praticado por mulheres” (Brasil, 1979). Assim, Silva (2015) nos explica que

[...]o futebol feminino não era mais proibido por nenhuma lei, decreto ou deliberação de qualquer instituição governamental, mas por não ser oficialmente gerido, no caso pela FIFA, não era reconhecido e regulamentado

pelas autoridades esportivas nacionais e, por isso, não chegava aos clubes” (Silva, 2015, p.81).

O futebol de mulheres continuava então sendo praticado, mas ainda de maneira clandestina. Importante destacar que mesmo com todas as proibições legais, as mulheres, apesar de poucos registros, continuaram praticando futebol e outros esportes proibidos (Goellner, 2020). A autora cita que “Apesar da força dos argumentos que subvalorizaram sua existência no esporte, é necessário enfatizar que elas sempre se fizeram presentes” (p.24).

Todos esses anos de proibição e de não legitimação, têm grande influência no status que o futebol de mulheres ocupa hoje na sociedade, já que essa proibição barrou o processo de profissionalização de jogadoras. Ecos deste impedimento reverberam na realização da primeira competição mundial organizada pela FIFA exclusivamente para mulheres, acontecida com 60 anos de diferença (em 1991) se comparada com a primeira competição mundial para os homens (Kessler, 2023).

O histórico de resultados da seleção brasileira de mulheres é enorme, colocando-as em 7º lugar na lista das melhores seleções de 2024², porém muitas destas conquistas ao longo dos anos foram invisíveis, inclusive na mídia, que divulga muito pouco o futebol de mulheres.

Ainda com todas as dificuldades, é nítido o quanto aumentou o número de meninas e mulheres praticantes de futebol nas áreas de lazer, escolas e clubes quando comparamos com a década anterior, assim como são notórias as participações da seleção nacional em eventos esportivos internacionais.

Após longos anos de luta e busca por um espaço de visibilidade do futebol para mulheres, 2019 foi um ano marcante para o futebol brasileiro. Foi realizada a Copa do Mundo de Futebol Feminino na França e o evento recebeu uma atenção da mídia que até o momento não havia acontecido. Milhões de brasileiros(as) acompanharam os jogos da seleção brasileira através da TV ou internet, sendo que o Brasil foi o país com maior número de espectadores(as) da partida final entre Estados Unidos e Holanda,

² PORFÍRIO, Amanda. Ranking Fifa de futebol feminino: Estados Unidos lidera e Brasil é o sétimo; veja o top 10. Olympics, 2024. Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/noticias/ranking-fifa-futebol-feminino-brasil-top-10>. Acesso em: 26/01/2025

atingindo, segundo dados divulgados pela FIFA, 19,9 milhões de pessoas via TV Globo ou em seu canal por assinatura, o SportTV (Goellner, 2020).

A presença de mulheres no universo cultural do futebol (seja como jogadoras, comentaristas, treinadoras, jornalistas, árbitras ou torcedoras) foi divulgada e registrada. Milhares de pessoas puderam ver mulheres jogando futebol em rede nacional, mas principalmente milhares de meninas puderam a isso assistir. Ao testemunhar mulheres atletas em campo, meninas e jovens mulheres encontram modelos a serem seguidos, expandindo seus horizontes e desafiando estereótipos de gênero.

Kessler (2023) explicita que

No futebol, as mulheres não trazem apenas a discussão sobre sexismo, elas suscitam questões sobre a organização esportiva, liberdade de expressão (de corpos, afetos e sexualidades), corpos (não) normativos e estéticas presentes nos ambientes esportivos. É um futebol que tem mostrado rápida adequação a um modelo concentrado em grandes centros de capital e poder, preparado para a glamourização e para o espetáculo. É um futebol autêntico e, sem dúvidas, com muito potencial (Kessler, 2023, p. 194).

Além disso, segundo a autora, elas trazem demandas presentes em lutas políticas as quais nem sempre possuem consonância com as demandas de um mercado de espetáculo (no qual está inserido o futebol de homens). Através do futebol de mulheres novas discussões são trazidas ao esporte, tais como a maternidade, a homofobia e a expressão de feminilidades não normativas (Kessler, 2023).

Segundo Goellner (2005):

[...] em se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional, torna-se necessário pensar, o quanto este ainda é, para as mulheres, um espaço não apenas a conquistar, mas, sobretudo, a ressignificar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço é também seu. Um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades (Goellner, 2005, p. 150).

Apesar dos avanços e do espaço que o futebol de mulheres conquistou até aqui, é preciso reforçar que este espaço é ainda muito pequeno em relação ao que deveria ocupar. Kessler (2023) destaca que:

“A mera similaridade de regras ainda não retira o futebol de mulheres de uma realidade vivida em paralelo, com limitações semelhantes às de muitas outras modalidades esportivas no Brasil que recebem menos atenção. O trabalho de fomentar o interesse de grandes patrocinadores, ainda é árduo e pode-se evidenciar a carência de projetos que realizem investimentos robustos em uma base atlética para meninas. Estes aspectos, entre outros, ainda colocam o futebol de mulheres brasileiro num desenvolvimento repleto de incertezas[...]” (Kessler, 2023, p.193)

O futebol de mulheres se mostra então como uma grande promessa para os próximos anos e sua singularidade traz a oportunidade de ampliarmos nossos olhares e horizontes fazendo com que se perceba a riqueza e representatividade na multiplicidade de futebóis.

Para que isso aconteça, uma das peças fundamentais é que o futebol seja introduzido nas escolas desde a infância com uma abordagem pedagógica que valorize a participação e o desenvolvimento de todos(as), independentemente do nível de experiência e habilidade. As atividades devem ser planejadas para fomentar o aprendizado progressivo, o espírito de equipe e o prazer pelo esporte, em vez de focar exclusivamente na identificação e no treinamento de talentos. Dessa forma, o futebol escolar se torna uma ferramenta de inclusão, proporcionando benefícios físicos, sociais e emocionais para todas as crianças. Discutiremos isso mais a fundo no capítulo a seguir.

4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E FUTEBOL: UM ESPAÇO PARA REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO

“Brasil – o país do futebol”. Essa expressão tão conhecida revela o tamanho apreço dos brasileiros por essa modalidade, tão presente no nosso dia a dia em meios de comunicação, conversas de bares, praias, praças, escolas. Por mais que no Brasil a referência social e visibilidade desse esporte sejam masculinas, cada vez mais o futebol passa a ser apreciado e praticado por mulheres.

Por ser o futebol o esporte mais praticado no Brasil e um esporte que carrega diversos significados culturais, é necessário que ele esteja presente no contexto escolar, mas, mais importante que sua presença neste contexto, é fundamental discutirmos como esse esporte vem sendo desenvolvido dentro da escola e quais processos educativos traz consigo.

Um dos grandes desafios dentro da escola é promover um ambiente de respeito às diferenças, sejam elas de raça, gênero, orientação sexual ou religião. É necessário portanto, discutir os processos de inclusão/exclusão que estão presentes na escola e nos mais diversos ambientes de nossa sociedade. De acordo com Santos (2009),

“[...]o processo de inclusão se refere a quaisquer lutas, nos diferentes campos sociais, contra a exclusão de pessoas: tanto as que se percebem com facilidade, como as mais sutis. Refere-se ainda, num nível mais preventivo, a todo e qualquer esforço para se evitar que grupos e sujeitos em risco de serem excluídos de dados contextos, por qualquer motivo que seja, sejam excluídos de fato” (Santos, 2009, p.12).

Em uma escola democrática é fundamental que todos tenham acesso e igualdade de direitos. Sendo assim, qualquer prática pedagógica dentro da escola deve ser democrática, ou seja, de direito de todos. O esporte, ou qualquer outro conteúdo, precisa ser abordado nas aulas de Educação Física, tornando a aprendizagem possível e real a todos, e não apenas um privilégio dos mais habilidosos (Altmann, 2015).

Silva (2006) citada por Brito e Santos (2013) nos explica que:

“a inclusão nas aulas de Educação Física tem como objetivo atender primeiramente sobre o próprio papel da educação física, que não é da seleção de talentos atléticos, é de garantir a real participação de todos sem discriminação de nenhum tipo, na aquisição ou na produção de determinado conhecimento. [...]Entretanto, esta não é uma tarefa fácil, pois requer intervenção permanente do professor (Silva, 2006, p.76).

A Educação Física (EF) escolar passou por diversas mudanças de concepção ao longo do tempo, mas a partir de meados do século XX aconteceu o que chamamos de processo de esportivização das aulas de EF escolar onde o esporte passou a ser praticamente hegemônico nas aulas (González; Fensterseifer, 2009).

O ensino dos esportes nas escolas foi pautado por um modelo tecnicista focado em desenvolver as habilidades motoras através da repetição de movimentos, priorizando e valorizando apenas os(as) alunos(as) mais experientes, deixando de lado os(as) alunos(as) menos experientes nas práticas esportivas. O esporte se apresentava como uma atividade com fim em si mesma, concentrada no ato do fazer sem se importar com a contextualização desta prática. As aulas tinham como propósito o treinamento de equipes esportivas e, além disso, o conteúdo esportivo normalmente se pautava em apenas quatro modalidades convencionais: futebol, basquetebol, handebol e voleibol.

Este modelo da EF escolar passou a ser questionado apenas na década de 1980 com o que foi chamado de movimento renovador da EF brasileira. Para início de conversa o movimento entendeu que era necessário elevar a Educação Física à condição de disciplina escolar, tirando-a da categoria de mera atividade (Bracht; González, 2005).

Um marco importante para a disciplina e que gerou um novo olhar sobre a área foi a implementação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996 quando a Educação Física deixou de ser vista como atividade e passou a ocupar a posição de componente curricular. A Educação Física passa, portanto, a ser integrada à proposta pedagógica da escola e torna-se obrigatória no ensino básico (Impolcetto; Darido, 2020).

Segundo Neira (2018, p. 7), “as reformas curriculares realizadas no Brasil nos últimos vinte anos denotam a intenção de formar cidadãos que possam construir uma sociedade menos desigual”. Seguindo esse pensamento, não cabe mais na escola

currículos que segregam, excluem ou estigmatizam. Há a necessidade de cumprirmos os princípios que são base para a educação: democracia, justiça social, inclusão e diálogo (Neira, 2018).

González e Fensterseifer (2009) explicitam que com a ruptura da tradição, a EF se viu com a necessidade de reinventar o seu espaço na escola, agora com o caráter de uma disciplina escolar. Os autores afirmam ainda que, nesse momento, era necessário olhar para a EF

[...] na forma de um componente curricular, responsável por um conhecimento específico (inclusive conceitual), subordinado a funções sociais de uma escola republicana, comprometida com a necessidade que as novas gerações têm de conhecimentos capazes de potencializá-los para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo (González; Fensterseifer, 2009, p.12).

Com o advento do movimento renovador da EF o corpo não é mais entendido como biológico, mas sim como uma construção cultural. Promoveu-se então uma “culturalização” do objeto de conhecimento da Educação Física surgindo as expressões cultura corporal, cultura corporal de movimento ou cultura de movimento. De acordo com Bracht (2010)

[...] trata-se, portanto, não mais de apenas submeter os alunos a uma atividade física para “fortificar os corpos” ou, então, de desenvolver as habilidades esportivas inculcando os seus presumíveis valores positivos; passa-se agora a entender a função da disciplina Educação Física como a de introduzir os alunos no universo da cultura corporal de movimento, ou seja, propiciar a construção pelo aluno de um amplo acervo cultural — no caso, de uma dimensão específica da cultura, a cultura corporal de movimento (Bracht, 2010, p.3).

Mesmo com o movimento renovador da EF e mesmo com diversos estudos e discussões, o ensino do esporte ainda é insuficiente em muitas realidades, ora marcado pelo modelo tecnicista, ora pautado no abandono pedagógico, em aulas sem intencionalidade conhecidas popularmente como “rola-bola”, desmotivando estudantes a participarem das práticas reduzindo assim a participação efetiva deles, e sobretudo delas, nas aulas de Educação Física, as quais necessitam ampliar o repertório de conhecimento, tanto nos esportes quanto de outros conteúdos, ao invés de promover a especialização em uma ou mais modalidades.

Quando dizemos ser necessário abandonar o modelo de Educação Física esportivista não estamos dizendo ser necessária a substituição da prática dos esportes apenas pela reflexão e contextualização deles, mas sim que as dimensões do conhecimento caminhem juntas favorecendo e maximizando o processo de ensino. Segundo Barroso (2020), o ensino do esporte na Educação Física escolar deve ir além do ensinar a fazer, sendo importante haver uma valorização do ensinar sobre o fazer e assim alertar para a importância da reflexão sobre o fenômeno esportivo para entendê-lo em sua complexidade.

Barroso (2020) cita que:

o que se defende é a substituição de aspectos referentes: à detecção de talentos, treinamento esportivo, maior atenção aos mais habilidosos, concentração exclusiva no ensino de gestos técnicos, para então se pensar em: compreensão dos diferentes significados do esporte, contextualização das aulas, aproximação do esporte com questões sociais, atenção destinada a todos os alunos, respeito às possibilidades individuais, entre outros aspectos (p. 90).

Sendo assim, é função do(a) professor(a) promover aos(às) estudantes um entendimento dos diferentes significados que o ensino do esporte carrega consigo, além de, através deles, desenvolver habilidades para a vida importantes na formação do(a) estudante de maneira integral como a resolução de problemas, cooperação, empatia e solidariedade.

Darido e Souza Júnior (2013) citam que

Numa dimensão mais acentuadamente sociocultural, devem ser esclarecidas aos alunos as relações entre esporte, sociedade e interesses econômicos; a organização social, o esporte e a violência; o esporte com intenções de lazer e o que visa à profissionalização; a história, o contexto das diferentes modalidades esportivas; a qualidade de vida, a atividade física e o contexto sociocultural; as diferenças e similaridades entre a prática dos jogos e dos esportes; as adaptações necessárias para a prática do esporte voltado para o lazer, entre outros temas (p. 14).

Quando o esporte da escola é trabalhado de maneira inovadora indo além do saber fazer, centrando o ensino nos(nas) estudantes e não no(nas) professor(a),

diversos processos educativos surgem colocando em pauta temas urgentes e necessários como racismo, homofobia e machismo.

As aulas de Educação Física são ambientes propícios à reprodução de preconceitos, incluindo os relacionados à gênero. Meninas, historicamente e ainda hoje, são tidas como fracas e frágeis, dispensáveis para diversas atividades, enquanto os meninos (a maioria deles) esbanjam dominação e força, excluindo as meninas e deixando-as de lado dependendo da prática a se realizar.

Citamos no parágrafo anterior “a maioria deles” porque nas aulas de Educação Física a visão binária de gênero é extremamente presente. Meninos não podem apresentar masculinidades diferentes da esperada, todos devem gostar de esportes, de futebol, não ter medo da bola e serem dominantes no jogo. Os que não se encaixam nessa visão limitada e equivocada de masculinidade são também excluídos, assim como as meninas.

De acordo com Wenez (2013)

No universo da criança, o futebol é entendido como brincadeira de meninos. A atividade é geralmente definida como masculina porque precisaria ser realizada “com mais força”, porque é “muito violenta”, porque os meninos “gostam de adrenalina” ou porque os homens são “mais experientes” no momento da prática. Ao contrário, a menina, quando brinca, “cai” ou “tem medo”. Consideram que elas “não sabem as regras direito”, em relação ao futebol, ou gostam de esporte “mais calminho” (p. 4).

A aula de Educação Física na escola precisa ser entendida como um espaço de aprendizagem, de educação do corpo, do movimento e de gestos. Garret (2004, p.235) cita que um dos desafios das aulas de Educação Física é encontrar maneiras de empoderar meninas a sentirem-se mais confiantes ao usarem seus corpos ao invés de sentirem-se constrangidas por formas impostas de padrões corporais relacionadas ao gênero.

Com relação às questões de gênero nas aulas de Educação Física esta discussão torna-se ainda mais potente quando trabalhamos o futebol, esporte majoritariamente jogado por homens, que carrega consigo muitos estereótipos. Para rompê-los é necessário compreender de onde eles surgem e fazer com que os(as) estudantes compreendam que meninos e meninas possuem níveis de experiência no

futebol e em outras atividades motoras diferentes porque foram, e continuam sendo, estimulados e tratados de maneiras diferentes.

Darido e Souza Júnior (2013), citam que

[...] quando for tratar o futebol é necessário ir além do fazer (técnicas e táticas), mas abordar a sua presença na cultura, as suas transformações ao longo da história, a dificuldade da expansão do futebol feminino (causas e efeitos), a mitificação dos atletas de futebol, os grandes nomes do passado, a violência nos campos de futebol, entre outras possibilidades. Ou seja, é preciso ir além do costumeiro jogar (p. 18).

Barreto (2023) sugere ser necessária a implementação de um currículo de futebóis, estes entendidos como um fenômeno plural, que tem espaço para a diversidade, superando a ideia de que o futebol espetacularizado é o único futebol possível. De acordo com Souza Júnior, Carvalho e Prado (2023) é necessário pensar em “uma transição hegemônica do futebol para a exterioridade e a transversalidade dos futebóis que se assentam no paradigma da pós colonialidade, da interculturalidade e da transmodernidade” (p. 11). Futebóis esses que podemos definir como:

São os futebóis da periferia do sistema-mundo que não ignoram a modernidade, tampouco se satisfazem com a pós-modernidade, nutrindo-se de um diálogo intercultural de matrizes marginalizadas, como o futebol de mulheres, o futebol de pessoas LGBTQIA+, o futebol de pessoas migrantes e refugiadas, o futebol de negros e negras, o futebol de pessoas com deficiência etc. e, desta forma, incorporando e superando o futebol pelos futebóis (Souza Júnior; Carvalho; Prado, 2023, p.11).

Barreto (2023) cita que com a implementação de um currículo de futebóis percebeu-se

[...] o surgimento de processos de empoderamento discursivo das meninas, relacionados à autoconfiança, ao orgulho de ser mulher, a capacidade de pensar criticamente, ao enfrentamento de questões relacionadas a discriminação e preconceitos, ao direito de escolha, ao direito de jogar, a não aceitação da dominação dos meninos nos esportes, e à reprodução de discursos machistas por professores(as) e familiares (Barreto, 2023, p. 67)

Quando tratamos das questões relacionadas a gênero entendemos que é necessário, portanto, dar visibilidade ao futebol jogado por mulheres, mostrando histórias de sucesso para que meninas se sintam cada vez mais capazes de ocupar os espaços esportivos dentro e fora do ambiente escolar. Goellner e Kessler (2018) acreditam que registrar e dar visibilidade às meninas que jogam futebol e que lutam contra o preconceito é uma questão política e uma forma de promover visibilidade e empoderamento. Altmann (2015) considera que intensificar a visibilidade de mulheres no esporte atuando como atletas, técnicas, árbitras, dirigentes, é uma forma de contribuir para a significação da prática de esportes como uma experiência feminina, legítima e com condições mais concretas de realização.

Goellner, Votre, Mourão e Figueira (2009) afirmam ainda que as ações que se importam com a inclusão e comprometidas com as questões de gênero, favorecem para uma tomada de consciência acerca das desigualdades do machismo e dos diversos tipos de preconceitos contra quaisquer pessoas e/ou grupos que estão fora da norma dominante.

Em suma, as discussões sobre relações de gênero nas aulas de Educação Física são fundamentais para promover uma escola mais justa e equitativa. Ao abordar temas como estereótipos, machismo e discriminação, os(as) professores(as) podem contribuir para a formação de cidadãos(ãs) mais conscientes e críticos(as), capazes de construir um futuro em que todos(as) tenham as mesmas oportunidades de se desenvolver e inclusive, de praticar esportes. É preciso que a escola se torne um espaço de reflexão e transformação, onde os valores da igualdade e do respeito sejam cultivados.

5 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Neste capítulo será apresentado o percurso investigativo da pesquisa, partindo da caracterização da abordagem qualitativa adotada e de sua orientação pela pesquisa-ação, bem como aspectos inerentes a este percurso, tais como o universo da pesquisa, as características dos(as) participantes, os instrumentos de produção de dados e os procedimentos utilizados para a análise destes dados.

5.1 Abordagem qualitativa

Para a realização deste estudo será realizada uma pesquisa qualitativa. Segundo Negrine (1999), a base deste tipo de investigação está na descrição, na análise e na interpretação de todas as informações que foram coletadas durante o processo de investigação, para que assim sejam entendidas de uma maneira contextualizada.

A análise qualitativa oferece condições de uma mistura de várias estratégias de coleta de dados, sendo que estes, em sua maioria são em formas de palavras ou imagens, tendo uma grande importância a sua análise através de toda a sua riqueza de detalhes (Bogdan; Biklen, 1994). Ainda de acordo com os autores, a pesquisa qualitativa apresenta cinco características próprias, que são:

- 1) O ambiente natural é a fonte direta dos dados, sendo o(a) pesquisador(a) o(a) principal instrumento para a coleta dos dados;
- 2) A investigação qualitativa tem um caráter descritivo, em que os dados coletados são em maioria na forma de palavras ou imagens;
- 3) Para o(a) pesquisador(a) o processo investigativo é mais interessante do que os resultados que serão obtidos;
- 4) A análise de dados é feita de maneira indutiva pelo(a) pesquisador(a);
- 5) Os(as) pesquisadores(as) estão interessados nos significados e em como foram as experiências para os(as) participantes.

Para Del-Masso, Cotta e Santos (2018)

[...] a pesquisa qualitativa cabe muito bem ao contexto escolar, pois “permite descrever a complexidade de determinado problema e compreender e classificar os processos dinâmicos, as mudanças, as variáveis e particularidades dos docentes, gestores e alunos que se incluem nesse contexto” (p. 3)

Todas essas características descritas demonstram a importância do olhar do(a) professor(a) com toda a sua experiência no processo de ensino e aprendizagem.

5.1.1 Pesquisa-ação

Dentro da abordagem qualitativa, será realizada uma Pesquisa-ação, a qual se caracteriza pelo levantamento de soluções e possibilidades de ações relacionadas ao objeto de estudo em que Franco (2005) define como:

(...) uma pesquisa eminentemente pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática (p. 489).

A pesquisa-ação é identificada pela autora como uma prática que tem por objetivo a transformação de uma realidade com a participação de todos os sujeitos desse processo, ou seja, uma pesquisa participativa e de transformações. Além disso, o tipo de pesquisa-ação realizado foi a estratégica, na qual somente a professora pesquisadora conduziu o planejamento, a aplicação e a avaliação dos resultados, a fim de que a transformação dos sujeitos participantes fosse previamente planejada sem a sua participação (Franco, 2005).

Sendo assim, realizamos uma pesquisa qualitativa demarcada pela pesquisa-ação, que envolveu a investigação (pesquisa) da dominação masculina no futebol nas aulas de Educação Física e a implementação (ação) de uma unidade didática com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. A implementação da unidade didática teve seu início no dia 02 de maio de 2024 e término em 20 de junho de 2024. Havia sido planejadas 12 aulas mas devido a um imprevisto durante a aplicação foram realizadas 11 das 12 aulas previstas.

5.2 Universo da pesquisa

O universo da pesquisa são aulas de Educação Física de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da rede estadual localizada em Guarulhos, na Grande São Paulo. A escola é de responsabilidade da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, faz parte do Programa de Ensino Integral (PEI) e atende 327 alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental em período integral (07h às 16h).

5.2.1 Participantes

Os(as) participantes da pesquisa foram os(as) estudantes de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental que tinha 30 alunos matriculados sendo 19 meninas e 11 meninos com idades entre 10 e 11 anos.

Para atender os princípios éticos de pesquisa com seres humanos, a presente pesquisa foi submetida para avaliação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP – UFSCar). Diante disto, a seleção dos(as) participantes se deu a partir do interesse e disponibilidade dos(as) alunos(as) em participarem da pesquisa.

Os(as) alunos(as) e seus responsáveis legais assinaram a autorização de participação, respectivamente através do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) – (Apêndice B) – e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – (Apêndice A). Os dois termos trazem uma breve apresentação da professora-pesquisadora, uma contextualização da pesquisa, assim como os seus objetivos e uma explicação detalhada sobre a participação dos(as) estudantes. Os documentos foram escritos com uma linguagem simples e acessível, de modo que fosse compreensível aos(às) responsáveis e alunos(as).

Para apresentação da pesquisa e do TALE e TCLE, utilizei o momento de uma reunião de pais e responsáveis da unidade escolar para sanar o máximo de dúvidas que pudessem surgir. Junto aos responsáveis presentes e alguns(mas) estudantes que se encontravam na reunião, realizei a leitura dos termos e expliquei detalhadamente cada item. Poucas dúvidas surgiram e estas foram sanadas no mesmo momento. Os(as) responsáveis e estudantes presentes assinaram os termos

naquele momento e os(as) estudantes que não estavam presentes, mas que os responsáveis assinaram o termo na reunião, assinaram o termo na aula seguinte, após minha explicação. Já para os(as) responsáveis e estudantes que não compareceram à reunião, escrevi um bilhete explicando sobre a pesquisa e enviei através dos(as) alunos(as) para que os responsáveis assinassem em casa.

Cabe destacar que apenas uma estudante não levou os dois termos assinados, sem justificativa. Sendo assim a estudante participou normalmente das aulas de Educação Física, porém, os seus dados não foram analisados e não serão mencionados neste estudo. Importante também ressaltar que ao longo do trabalho não serão mencionados os nomes dos(as) estudantes e estes(as) serão referenciados através de nomes de jogadores e jogadoras de futebol.

5.3 Produção de dados

Para dar início ao processo de coleta de dados, iniciamos estudando e selecionando materiais que foram utilizados na elaboração de uma unidade didática sobre futebol que foi aplicada. Foram planejadas ao total 12 aulas sobre futebol em que foram desenvolvidas diferentes temáticas do futebol para além do jogar, enfatizando a lógica externa a fim de compreender aspectos socioculturais relacionados ao esporte. Porém, devido a um imprevisto no decorrer da unidade, foram aplicadas apenas 11 das 12 aulas previstas.

Como instrumento para a produção de dados nesta etapa utilizamos as notas de campo, que de acordo com Bogdan e Biklen (1994) são um relato escrito daquilo que o(a) investigador(a), no caso desta pesquisa a professora pesquisadora, ouve, vê, experiencia e pensa durante a coleta. Ainda de acordo com os autores, os(as) pesquisadores(as) dão uma descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas. Em adição e como parte dessas notas, o investigador registrará ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem (Bogdan; Biklen, p. 150, 1994).

Ainda segundo os autores, as notas de campo consistem em dois tipos de matérias: o primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem do

momento, captando o local, as pessoas, as conversas, as expressões. O outro é reflexivo, o qual apreende mais o ponto de vista do(a) observador(a), as suas ideias e preocupações.

Além das Notas de Campo, utilizamos como instrumento de produção de dados um questionário sobre atitudes para a igualdade de gênero no futebol escolar (apêndice D). O questionário foi estruturado em três blocos os quais foram organizados no formato de questões em escala do tipo Likert e contam com 25 afirmações as quais as/os estudantes deveriam, para cada uma das sentenças, marcar em uma caixa uma das opções entre “discordo totalmente”, “discordo”, “não sei”, “concordo” e “concordo plenamente”.

Esses três blocos dividem-se da seguinte forma:

a) “Nível sociocultural”: conta com 15 afirmações sobre aspectos das relações de gênero principalmente no contexto esportivo, como por exemplo “o futebol é um esporte masculino”.

b) “Nível relacional”: composto por 4 afirmações que trata de como o futebol acontece nas aulas de Educação Física no que tange às relações de gênero, como exemplo a afirmação “nas aulas de Educação Física costumamos jogar futebol sem que meninos e meninas se chateiem”.

c) “Competência motriz percebida”: com 6 afirmações, busca investigar qual a autopercepção das/os alunas/os sobre a participação nas aulas de Educação Física, por exemplo: “penso que possuo melhores capacidades que outros colegas meninos e meninas para a Educação Física”.

5.4 Análise de dados

Segundo Bodgan e Biklen (1994), a análise de dados é o processo de organização sistemática de transcrições dos materiais que foram produzidos durante a pesquisa, como por exemplo, notas de campo e entrevistas. Nesse caso, a análise de dados foi realizada através da análise das notas de campo que registram a implementação da unidade didática no 5º ano. Essa análise dos dados qualitativos tem como objetivo aumentar a compreensão de tudo que foi coletado, através dos materiais, e assim, dar

elementos necessários para que os resultados sejam apresentados de maneira clara às pessoas (Bogdan; Biklen, 1994).

Os dados da pesquisa coletados nas notas de campo foram analisados mediante a análise de categorias de codificação de Bogdan e Biklen (1994) e realizadas em três etapas: organização e leitura dos documentos, codificação dos materiais e categorização.

A primeira etapa da análise de categorias se constituiu no momento de organização dos materiais coletados, seguido de uma leitura atenta destes materiais. Após a primeira etapa, deu-se início a segunda etapa, onde ocorreu a codificação dos materiais. Nesta fase, identificamos palavras, trechos, frases e comportamentos, identificando os diferentes significados que apareciam nos documentos. Para Bogdan e Biklen (1994), o desenvolvimento de um sistema de codificação envolve dois passos: 1) a procura por regularidades e padrões; 2) a escolha de palavras e frases para representar esses padrões encontrados. Os autores afirmam que o código é gerado conforme o(a) pesquisador(a) percorre os dados e destaca frases, palavras, acontecimentos, emoções e situações que envolvem os(as) sujeitos da pesquisa.

Realizada a codificação das notas de campo, fomos para a fase da categorização. Aqui, foi necessário agrupar os códigos encontrados em categorias e, essas categorias precisavam descrever os elementos que ali estão (Bogdan; Biklen, 1994). Para Benites et al. (2016) as categorias estão relacionadas aos objetivos da pesquisa e as expectativas do(a) pesquisador(a).

Os códigos foram unidos e originaram três categorias as quais tiveram títulos atribuídos através da fala de alguns(mas) alunos(as) que nos sugerem o significado da categoria. A primeira categoria foi intitulada “Meninos não querem jogar com as meninas porque elas são piores” e remete às questões de preconceito e atitudes sexistas que surgiram durante as aulas. A segunda categoria foi intitulada “Quando acertei o gol vi que na verdade eu consigo jogar futebol ou fazer outra coisa” e descreve processos de confiança e empoderamento que emergiram durante as atividades propostas. E a terceira e última categoria recebeu o título de “A gente não conhece nenhuma mulher atleta, por isso que a gente não falou” e nos mostra outros processos educativos emergentes durante as aulas que discutem a lógica externa do futebol.

Anteriormente à apresentação das três categorias temáticas, o primeiro e segundo capítulos dos resultados da pesquisa apresentam o itinerário pedagógico da construção e implementação da unidade didática e os principais resultados das aplicações do questionário sobre atitudes para a igualdade de gênero no futebol escolar, os quais foram analisados através do software *Statistical Package for Social Sciences* (IBM SPSS Statistics – versão 23).

6 ELABORAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA

Ao ingressar no programa de Mestrado Profissional (PROEF) já tinha em mente que o tema de minha pesquisa teria relação com o futebol de mulheres, portanto, desde o início, busquei aumentar meu conhecimento sobre o tema pesquisando leituras significativas sobre o assunto. Para compreender melhor o fenômeno dos futebóis, realizei alguns cursos sobre futebol e suas relações sociais que me auxiliariam a organizar a unidade didática que viria a trabalhar posteriormente, dentre eles cito: “Meninas em jogo: a equidade de gênero nas aulas de Educação Física”³ e “Do Futebol aos Futebóis: possibilidades na Educação Física escolar”⁴.

Para a elaboração das aulas da unidade didática, começamos a pensar em quais temas da lógica externa gostaríamos de trazer para o ensino do futebol e como estes temas seriam desenvolvidos a fim de tornar o aprendizado prazeroso. É importante ressaltar que esta proposta foi elaborada e construída para atender a um contexto pedagógico e uma especificidade do PROEF (Programa de Mestrado Profissional), sendo importante sempre adaptar as atividades e estratégias de ensino considerando estas duas dimensões.

Como a unidade escolar em que atuo atende alunos(as) dos anos iniciais do ensino fundamental, decidimos que a pesquisa seria realizada com uma turma de 5º ano por acreditarmos que seria uma turma a qual participaria efetivamente e teria um bom entendimento das atividades e discussões.

As aulas com a turma em questão aconteciam todas as quintas-feiras em formato de dobradinha. Porém, na mesma época da realização da unidade didática, seria realizado um evento cultural na escola e algumas aulas precisaram ser destinadas a

³ “Meninas em jogo: a equidade de gênero nas aulas de Educação Física escolar” – curso ministrado pelo Impulsiona, programa de educação esportiva do instituto Península com carga horária de 20 horas. O curso abordava o processo histórico da exclusão de meninas nas aulas de Educação Física e propostas de atividades para promover aulas mais inclusivas.

⁴ “Do Futebol aos Futebóis: possibilidades na Educação Física escolar” – curso de 20 horas, oferecido pela plataforma PoCA-UFSCar, produzido pela Prof^a M^a Mariama Silva Gouvêa Barreto como produto educacional do PROEF.

ensaios para esse evento. Sendo assim, em alguns dias realizamos duas aulas da unidade didática na sequência e, em outros dias, apenas uma aula.

Com relação aos espaços da unidade escolar, utilizamos diversos deles para a realização das atividades: a quadra, um espaço externo com chão de cimento⁵, o pátio coberto e a sala de aula. Quanto aos materiais foram utilizados bolas, cones, coletes além dos vídeos “A história de Marta”⁶ e “Invisible Players”⁷.

A unidade didática foi estruturada da seguinte maneira:

| DATA | TEMA | OBJETIVO | ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES |
|---|---|---|--|
| 02/05/2024 Aula 1 e 2 (Aula dupla) | Introdução à unidade didática Conhecimentos prévios e significados | <ul style="list-style-type: none"> - Explanar sobre a pesquisa e a unidade didática; - Compreender quais sentidos e significados os(as) estudantes atribuem a expressões ligadas à temática da unidade; - Problematizar e identificar as condutas preconceituosas compreendidas como | - Após explanação sobre a pesquisa e uma prévia sobre a unidade didática, realizar com os(as) estudantes na lousa uma nuvem de palavras com expressões relacionadas à temática da unidade. As palavras utilizadas para a nuvem de palavras foram: Esportes Masculinos, Esportes Femininos, Atletas de Futebol, Futebol das nossas aulas e Machismo. Após a |

⁵ O espaço da quadra da unidade escolar é dividido entre mim e mais um professor, sendo assim, vamos nos revezando quanto ao uso da quadra, que é bem pequena e não comporta mais de uma turma. Quando não utilizamos a quadra, utilizamos esse espaço externo ou o pátio coberto da escola.

⁶ “A história de Marta” – O vídeo traz a jogadora de futebol contando fatos marcantes de sua história desde criança, passando pelos jogos na várzea em Alagoas até a profissionalização. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XNI4W7EaHYM&t=162s>

⁷ “Invisible Players” – O vídeo foi uma produção realizada pelo canal esportivo ESPNW Brasil. No vídeo, é realizado um teste com expectadores(as) que foram chamados(as) para testar seus conhecimentos sobre esporte. Aparecem então, apenas como uma sombra, atletas realizando um gol, uma cesta e surfando uma onda e na sequência os(as) expectadores(as) deveriam dar seus palpites sobre quais atletas estavam naqueles lances. Todos os palpites de todos os(as) participantes referiam-se a nomes de homens e nenhuma mulher foi citada. O resultado então foi mostrado aos(às) participantes: todos os lances foram executados por mulheres. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio&t=5s>.

| | | | |
|--|--|--|---|
| | | <p>atitudes “naturais” da nossa sociedade.</p> | <p>construção da nuvem de palavras, discutir com os(as) alunos(as) as palavras e significados trazidos por eles(as);</p> <p>- Exibição do vídeo Invisible Players (ESPN);</p> <p>- Roda de conversa: análise dos pontos abordados.</p> |
| <p>09/05/2024</p> <p>Aula 3 e 4</p> <p>(Aula dupla)</p> | <p>História de Marta</p> <p>Jogo dos Privilégios</p> | <p>- Mostrar histórias de sucesso e dar visibilidade ao futebol jogado por mulheres;</p> <p>- Compreender a influência das experiências anteriores no desenvolvimento da habilidade;</p> <p>- Reconhecer os privilégios existentes na sociedade.</p> | <p>- Após retomar os nomes trazidos na aula anterior com a expressão “Atletas de Futebol”, discutir o aparecimento (ou não) de nomes de mulheres;</p> <p>- Exibição do vídeo: “A história de Marta”;</p> <p>- Jogo dos Privilégios.</p> |
| <p>16/05/2024</p> <p>Aula 5 e 6</p> | <p>Jogo da recompensa</p> | <p>- Compreender as diferenças salariais entre homens e mulheres na sociedade e no universo do futebol;</p> | <p>- Solicitar aos(às) alunos(as) que todos juntos realizem um desafio. A proposta é que derrubem todos os cones com o uso de bolas o</p> |

| | | | |
|--|----------------------|--|---|
| <p>(Aula dupla)</p> | <p>Futebol livre</p> | <p>- Analisar as interações de discriminação e/ou inclusão; durante jogo de futebol.</p> | <p>mais rápido possível. Importante frisar que meninos e meninas precisam realizar a mesma função. Ao final do desafio recompensar meninos e meninas de maneira desigual (meninos ganham 1 chocolate e meninas ganham 3) a fim de discutir as diferenças salariais na sociedade e no futebol;</p> <p>- Mostrar aos(as) estudantes dados reais de salário entre Marta e Neymar;</p> <p>- Propor um jogo de futebol livre sendo que a única regra é que os alunos se organizem em times mistos.</p> |
| <p>23/05/2024</p> <p>Aula 7</p> <p>(Aula simples)</p> | <p>Queimadafut</p> | <p>- Refletir sobre as experiências anteriores relacionadas ao futebol.</p> | <p>- Realização do jogo Queimadafut - jogo de queimada tradicional com as regras previamente decididas pelo grupo de estudantes, o(a) estudante que for queimado(a) terá direito à cobrança de um pênalti, caso faça o gol será salvo e volta ao jogo, caso não faça o gol, o(a) jogador(a) é queimado(a) e se dirige para a posição de coveiro.</p> |

| | | | |
|--|--|--|--|
| <p>06/06/2024</p> <p>Aula 8</p> <p>(Aula simples)</p> | <p>Futebol Callejero (1ª etapa)</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a Metodologia Callejera fazendo uma breve contextualização histórica; - Compreender os 3 pilares que embasam a metodologia: respeito, cooperação e solidariedade; - Estimular a argumentação na construção das regras do jogo (1ª etapa). | <ul style="list-style-type: none"> - Roda de conversa para explanação sobre a metodologia Callejera; - Discutir e construir as regras que serão utilizadas na 2ª etapa do jogo com auxílio do mediador. |
| <p>13/06/2024</p> <p>Aula 9 e 10</p> | <p>Futebol Callejero (2ª e 3ª etapa)</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver os 3 pilares que embasam a metodologia callejera: respeito, cooperação e solidariedade; - Promover uma aula mais acolhedora; - Desenvolver a capacidade de autoavaliação durante a etapa 3. | <ul style="list-style-type: none"> - Formação de 2 ou mais (se necessário) times mistos; - Relembrar as regras estipuladas na etapa 1; - Realizar a etapa 2 do jogo mediando de acordo com as regras estipuladas; - 3ª etapa - roda de conversa final: discussão e análise da pontuação das equipes, a partir do placar e dos 3 pilares que embasam a metodologia. |
| <p>Aula 11</p> | <p>Jogadoras</p> | | <ul style="list-style-type: none"> - Dividir a turma em grupos e distribuir quebra-cabeças com |

| | | | |
|---|-----------------------------------|---|---|
| <p>20/06/2024</p> | | <ul style="list-style-type: none"> - Promover visibilidade ao futebol jogado por mulheres; - Conhecer atletas da seleção brasileira de futebol feminino. | <p>imagens e informações das jogadoras de futebol da seleção brasileira, participantes da Copa do Mundo Feminina de Futebol de 2023.</p> <p>- Após a montagem, cada grupo irá apresentar as imagens montadas para o restante da turma.</p> |
| <p>Aula 12 27/06/2024</p> | <p>Retomada Nuvem de palavras</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Retomar o que foi desenvolvido durante a unidade didática; - Refletir a respeito dos processos educativos emergentes a partir das atividades realizadas. | <ul style="list-style-type: none"> - Relembrar com a turma as aulas que foram realizadas durante a unidade didática; - Relembrar a nuvem de palavras realizada na primeira aula da unidade; - Refazer a nuvem de palavras. |

Fonte: elaboração da própria autora.

OBS.: Devido a problemas pessoais e a evento cultural da unidade escolar, a aula 11 não foi realizada.

De todas as aulas previstas na unidade didática, uma não pôde ser realizada (aula 11) devido a um problema pessoal o qual tive que me ausentar da escola e porque, como comentado anteriormente, a escola teve na mesma época um evento cultural e o início das férias, então não poderíamos estender as aulas da unidade didática por mais uma semana. Como o conteúdo da aula era conhecer os nomes e um pouco da história das jogadoras da seleção brasileira de futebol, acredito que o conteúdo desta aula fez bastante falta naquele momento.

Com relação ao desenvolvimento das aulas, tudo ocorreu da maneira prevista. A turma foi bastante participativa durante as aulas de Educação Física e os(as) estudantes participaram de todas as atividades.

7 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante o processo de elaboração da unidade didática, resolvemos que seria interessante aplicar um questionário que nos trouxesse impressões dos(as) estudantes sobre a temática da pesquisa antes e depois da intervenção proposta na unidade didática.

Os questionários foram respondidos em versão impressa e para a aplicação os(as) alunos(as) foram divididos em pequenos grupos que eram chamados por mim, fora do horário da aula de Educação Física, para responder ao questionário sob minha orientação e supervisão. Essa mesma dinâmica foi realizada na semana anterior ao início das aulas da unidade didática e após oito semanas de intervenção.

Figura 1: aplicação dos questionários



Fonte: arquivo pessoal

Em relação aos posicionamentos diante do questionário, as respostas variaram entre si com relação a qual extremo indicaria posicionamentos mais sexistas ou igualitários. Por exemplo, diante da afirmação “O futebol é um esporte masculino”, responder “discordo totalmente” seria o extremo igualitário e responder “concordo totalmente” seria o extremo sexista. Entretanto, em questões tais como: “A participação da mulher no futebol ajuda no crescimento da sociedade”, responder “discordo totalmente” seria o extremo sexista e responder “concordo totalmente” seria o extremo igualitário.

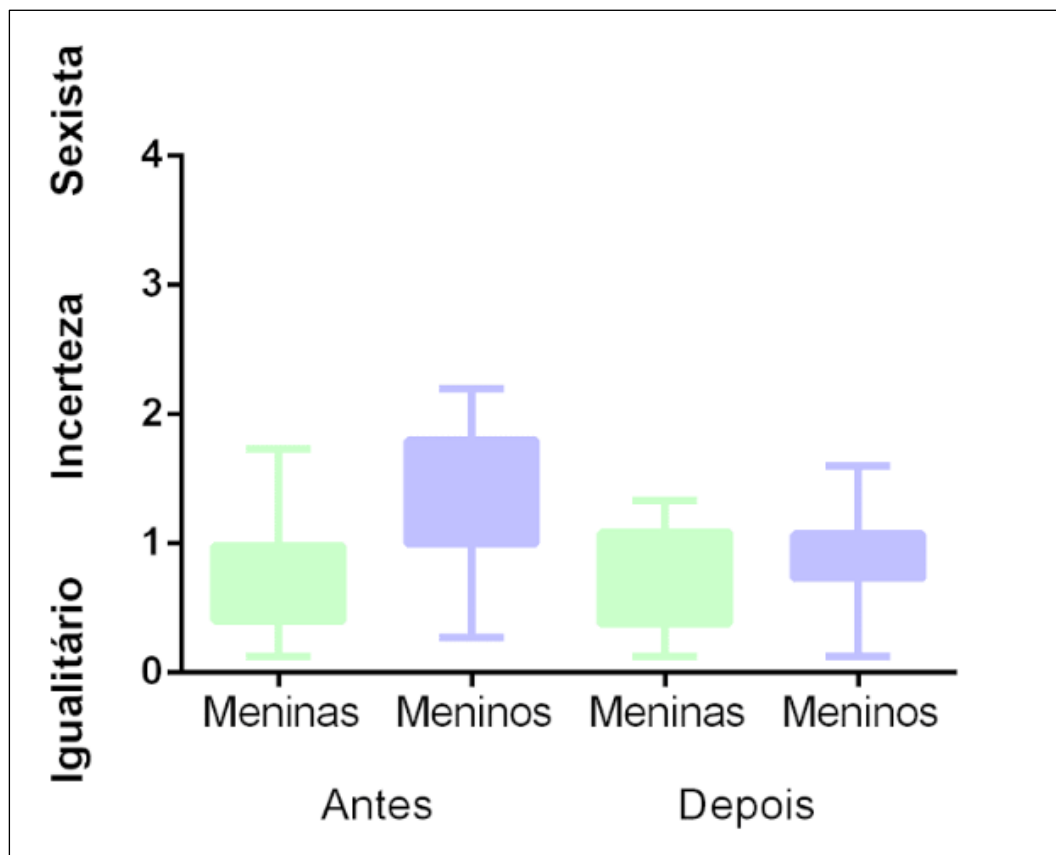
A partir disso, para cada afirmação construímos uma escala que variou de “0” a “4”, sendo “0” atribuído para as respostas que indicavam o extremo igualitário e “4” atribuído para o extremo sexista. Com base nesta escala, foi possível estabelecer um número que representa a média de todas as respostas para cada questão, que nomeamos como valor central. Quanto mais próximo de “0” estiver o valor central mais igualitário é o posicionamento, quanto mais próximo de “4”, mais sexista.

7.1 Análise das respostas dos questionários

O principal questionamento a partir da aplicação deste questionário foi: há diferença nas respostas de meninas e meninos para as questões de nível sociocultural (Q1 - Q15) antes e depois da realização da unidade didática?

Após a análise constatou-se que antes da aplicação da unidade didática havia uma maior diferença nas opiniões entre meninos e meninas, sendo que as meninas estavam mais próximas ao nível igualitário do que os meninos. Porém, após a aplicação da unidade, essa diferença foi reduzida sendo que as meninas mantiveram a média de respostas e os meninos se aproximaram mais do nível igualitário, conforme mostrado no gráfico a seguir:

Figura 2: gráfico de análise dos questionários



Fonte: gráfico elaborado através do software de análise utilizado

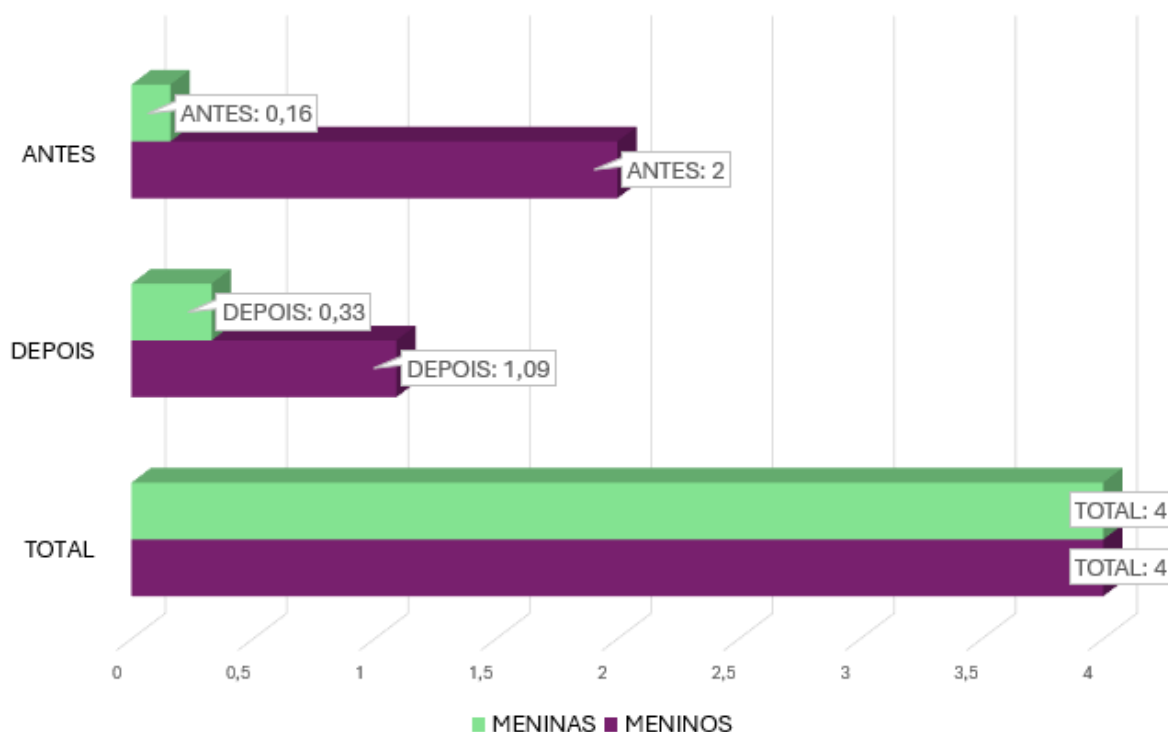
Vale ressaltar que, mesmo antes da unidade didática, meninos e meninas estavam localizados(as) mais próximos(as) aos níveis de incerteza e igualitários do que dos níveis sexistas, mas com a realização da unidade didática os meninos se aproximaram mais do nível igualitário.

Podemos verificar mais claramente tais mudanças analisando os resultados de algumas questões específicas. Escolhemos estas questões a seguir por nos mostrarem claramente a diferença entre o primeiro questionário e o segundo questionário, sendo que várias outras questões poderiam ser elencadas aqui. Nos gráficos a seguir constam o valor central das respostas de meninas e meninos, antes e depois da aplicação da unidade didática para três questões específicas. Como citado

anteriormente, quanto mais próximo de “0” estiver o valor central, mais igualitário é o posicionamento, quanto mais próximo de “4”, mais sexista.

O primeiro gráfico se refere à questão de número 1, a qual afirmava: O futebol é um esporte masculino.

Figura 3: gráfico de análise - questão 1

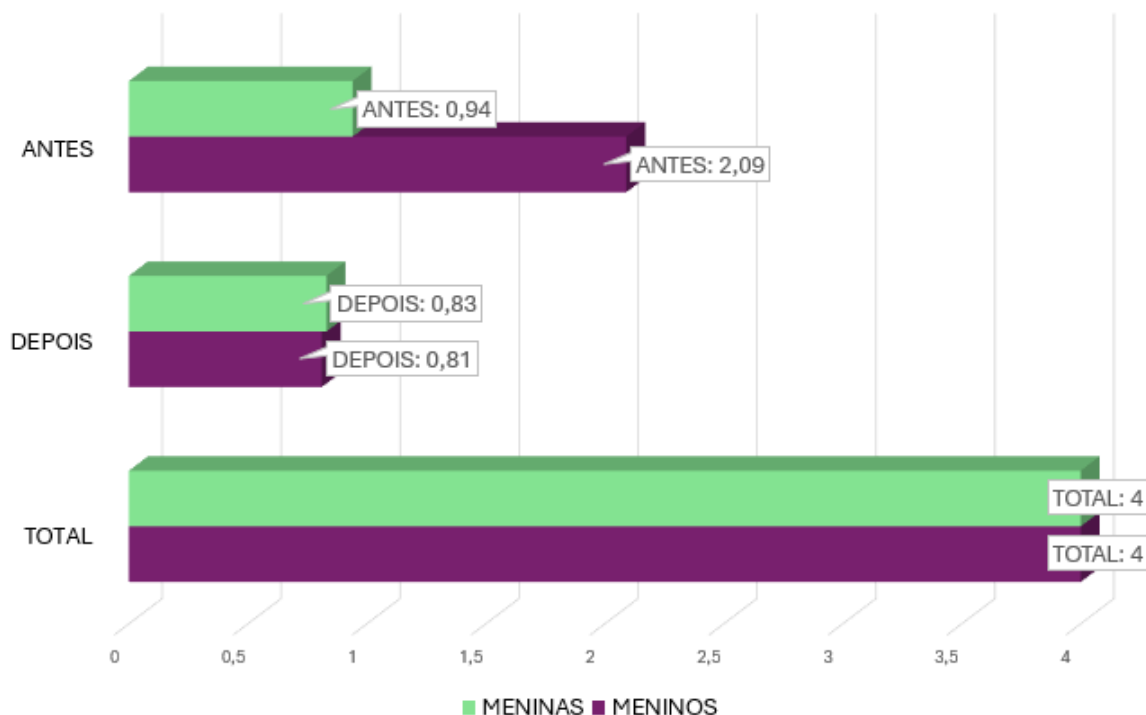


Fonte: elaboração da própria autora

Analisando o gráfico acima podemos perceber que o valor central referente ao posicionamento das meninas já era bem próximo de 0 e, apesar de termos notado um pequeno aumento, ainda continuou mais próximo ao nível igualitário. Já o valor central referente às respostas dos meninos teve uma queda de quase 1 ponto, se afastando um pouco do nível de incerteza.

O gráfico a seguir se refere às respostas da questão 5 que afirmava: O desempenho das meninas no futebol pode igualar (ou superar) o dos meninos.

Figura 4: gráfico de análise - questão 5

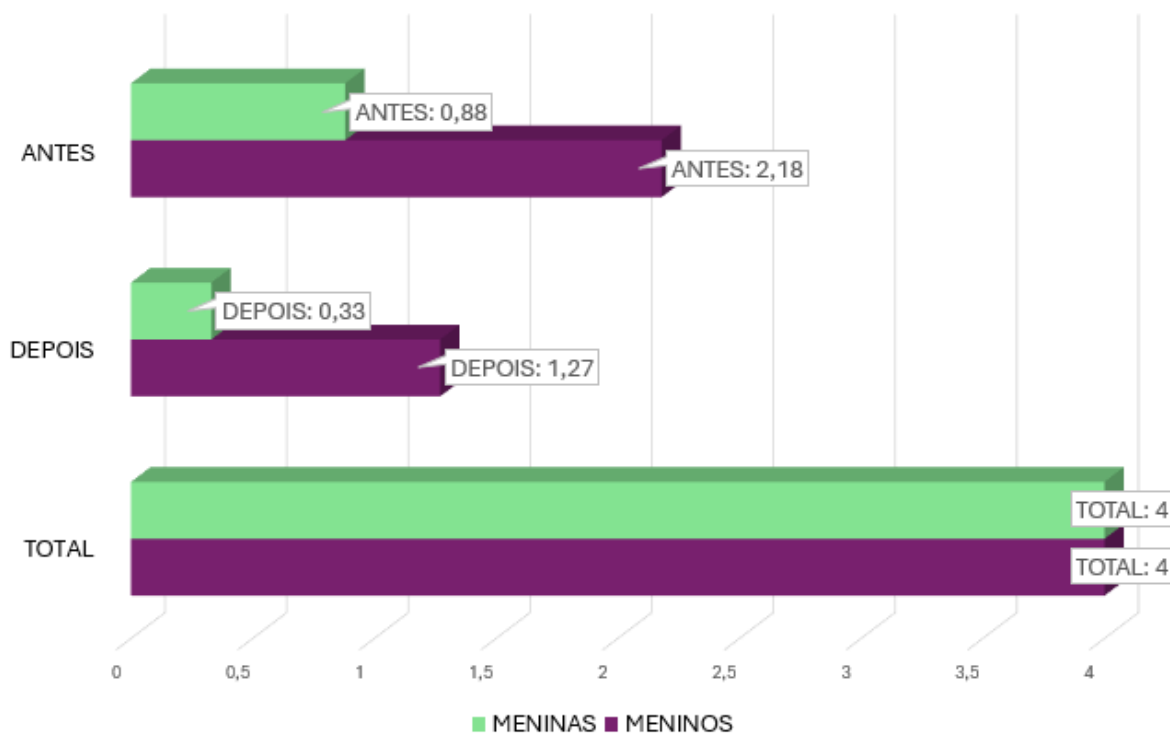


Fonte: elaboração da própria autora

Após a análise do gráfico podemos notar que o valor central referente às respostas das meninas já estava bastante próximo do nível igualitário e após a realização das aulas o valor central ainda teve uma pequena redução. Já o valor central referente às respostas dos meninos teve uma queda bastante significativa, saindo do nível de incerteza e se aproximando bastante ao nível igualitário.

O último gráfico faz referência às respostas da questão 10 a qual afirmava: As meninas são muito delicadas para praticar futebol.

Figura 5: gráfico de análise - questão 10



Fonte: elaboração da própria autora

Nesta questão, após a realização das aulas previstas na unidade didática, percebemos uma queda no valor central tanto das meninas quanto dos meninos, sendo que os meninos ficaram entre o nível igualitário e o nível de incerteza e as meninas bem próximas ao nível igualitário.

Percebe-se, portanto, em todas as questões citadas acima que, como comentado anteriormente, as meninas estavam, nessas três questões, mais próximas ao nível igualitário e mantiveram suas respostas parecidas no segundo questionário, notando, ainda assim, algumas mudanças. Já os meninos, nas três questões, estavam próximos ao nível de incerteza e tiveram respostas bastante diferentes no segundo questionário, se aproximando mais do nível igualitário.

Os três capítulos a seguir trazem os resultados obtidos a partir da análise e categorização das notas de campo.

8 “MENINOS NÃO QUEREM JOGAR COM MENINAS PORQUE ELAS SÃO PIORES”

O título dado a essa categoria remete à fala de uma aluna na primeira aula da unidade didática na realização de uma nuvem de palavras na qual a aluna relacionou essa fala à palavra machista. A categoria traz esse título pois tratará das situações sexistas enfrentadas durante o processo de aplicação das aulas da unidade didática.

Como discutido anteriormente na introdução e no referencial teórico deste trabalho, o preconceito com relação à mulher dentro do esporte e mais especificamente no futebol foi a grande inquietação para a realização desta pesquisa. Na escola em que atuo, onde a pesquisa foi realizada, é comum presenciar este tipo de preconceito e durante as aulas da unidade didática não seria diferente.

Na aula 1 da unidade didática realizei com os(as) estudantes uma nuvem de palavras na qual havia as expressões: esportes masculinos e esportes femininos. Ao questionar os(as) alunos(as) sobre os esportes masculinos, o primeiro, citado em coro, foi o futebol seguido de outros, sendo que a maioria foram modalidades vistas pelos(as) alunos(as) como modalidades que exigem força e contato físico como basquete, futebol americano, handebol, corrida. Quando questionado então quais eram os esportes femininos alguns apareceram em comum como o futebol, o basquete e o vôlei, porém a grande maioria das outras modalidades citadas foram modalidades as quais são vistas pelas crianças (e por toda a sociedade) como mais delicadas, que dependem de menos força como balé, danças, ginástica, natação e patinação.

Estas opiniões reforçam a ideia de que homens/meninos são vistos como seres dotados de força, capazes de realizar atividades físicas e esportes mais desgastantes, que demandam força e contato enquanto as mulheres são vistas como seres frágeis e delicados, sendo mais aptas a praticar esportes considerados menos violentos e mais estéticos como as danças e ginástica.

O esporte no geral, é tido como um espaço de prevalência masculina, sendo palco para a construção de representações de masculinidade (Silva; Gomes-Botelho; Goellner, 2008) as quais reforçam a ideia do homem competitivo, forte e agressivo,

características que são ainda mais evidenciadas quando se trata do futebol. Os sujeitos que não se enquadram nesses atributos, sejam homens ou mulheres, sofrem as consequências de exclusão, marginalização e discriminação (Martins; Silva, 2020). Além disso, quando as meninas/mulheres apresentam um perfil de habilidades e comportamentos mais agressivos para o jogo ou participam de tipos de esportes identificados como práticas viris, sua feminilidade é colocada em suspeição (Goellner, 2009).

Ainda na dinâmica da nuvem de palavras, escrevi na lousa a expressão “futebol de nossas aulas” e solicitei aos(às) alunos(as) que me falassem suas opiniões. A princípio foram citadas palavras relacionadas à parte técnica como passe, drible, gol, mas na sequência algumas alunas citaram: “chateamento”, xingamento, brigas e sem times mistos. Questionei o porquê dessas palavras aparecerem relacionadas ao futebol de nossas aulas e algumas meninas disseram suas opiniões:

(Tamires – NC 1): “As brigas acontecem mais no jogo de meninos, porque no jogo das meninas a gente perde e tipo assim, a gente sai de boa. No jogo dos meninos eles saem bravos e começam a brigar”.

(Formiga – NC 1): “Professora, sabe por que os times não são mistos? Porque quando a gente joga junto os meninos não passam a bola pra gente”.

A competitividade percebida na fala da Tamires é uma das características típicas da forma dominante de masculinidade, a qual acaba criando um espaço excludente e violento dentro do esporte, deixando algumas consequências como a dificuldade da prática conjunta de esportes por meninos e meninas (Brito; Santos, 2013). Altmann (1998) afirma que: “[...] a competitividade presente na prática esportiva na escola – um dos valores do chamado esporte moderno – tem sido um fator de exclusão nas aulas de Educação Física” (p.52).

Dando continuidade à dinâmica da nuvem de palavras escrevi na lousa a palavra machismo, os(as) alunos(as) entraram em alvoroço falando suas opiniões sobre o que era machismo e como ele estava representado no ambiente em que estávamos inseridos. Duda Sampaio disse: “Meninos não querem jogar com meninas porque elas são piores”. Logo em seguida Kaká, um menino que gosta bastante de futebol, disse:

“Professora olha, não vou mentir. Menino não gosta de jogar com menina por causa que o jogo de menino é mais pegado, com mais drible, quando tem menina a bola tá lá com alguém e a própria menina do time vai lá e chuta a bola” (NC 1).

É possível notar na fala do aluno como este generaliza meninos e meninas no âmbito esportivo, ancorado em uma perspectiva binária, marginalizando quem nela não se enquadra (Martins; Silva, 2020). É possível perceber também nas falas de diversos(as) alunos(as), o quanto estas opiniões podem ter influências da família ou da mídia. Como exemplo trago mais uma fala do Kaká: “Uma vez minha irmã tava com meu outro irmão na rua e ele tava andando de skate. A minha irmã pediu pra andar no skate e ele deixou. Quando meu pai viu deu uma surra nela só por causa do skate” (NC 1). Essa fala nos mostra um cenário completamente sexista que de alguma maneira marcou e influenciou as percepções deste menino, já que ele trouxe essa situação antiga à tona.

Este exemplo citado com o objeto skate nos mostra claramente o quanto são criadas expectativas diferentes no nascimento de uma menina e de um menino. Kishimoto (2008), citada por Godoy, Mourão, Oliveira e Chaves (2021) assevera que os brinquedos e as brincadeiras são importantes espaços para a construção do gênero e que, nesses processos de socialização e formação de identidade das crianças, podem ser construídas práticas de escolha de brinquedos e de brincadeiras por gênero que podem criar estereótipos logo na infância. Meninos são estimulados a jogar bola na rua e empinar pipa, enquanto meninas são estimuladas a brincar de boneca e utensílios domésticos. Essa escolha que segrega brinquedos/brincadeiras por gênero fornece oportunidades de práticas corporais diferentes a meninas e meninos na infância, proporcionando então condições desiguais de desenvolvimento de habilidades motoras.

Ao pensar a criança e a produção da cultura infantil, encontramos na brincadeira uma das suas múltiplas formas de expressão: a forma como a criança se manifesta culturalmente. A brincadeira apresenta-se como momento em que a riqueza das relações favorece a produção da cultura infantil (Finco, 2003). Faria e Nobre (2003) explicam que as pessoas são educadas conforme o que a sociedade define como próprio de homem e de mulher. As crianças são educadas pelos adultos de

modo que as diferenças entre meninos e meninas ficam evidentes, como é o exemplo dos brinquedos e brincadeiras.

De acordo com Altmann (2015):

“A vivência do esporte e a educação do corpo que a precede e lhe é concomitante têm início na infância e ocorrem de modo significativamente distinto para meninos e meninas brasileiros. Os incentivos e os campos de possibilidades oferecidos a eles são mais amplos e adequados às exigências esportivas, quando comparados aos que se disponibilizam às meninas” (p.31).

A autora completa ainda que estas distinções estão bastante presentes na cultura brasileira em diversas faixas etárias, desde os brinquedos até as roupas, pelo que é oferecido em termos de experiências e o que é divulgado nas diferentes mídias (Altmann, 2015).

Durante os diversos jogos realizados nas aulas da unidade didática, presenciamos diversos momentos em que meninas e meninos menos experientes com relação aos esportes foram deixados de lado e privados de participar mais efetivamente devido à dominação dos meninos mais experientes e habilidosos.

Na aula de número 6 da unidade didática foi proposto um jogo de futebol livre onde exigi apenas que os times fossem mistos e aproveitei este momento para perceber as interações que aconteceram ali entre meninos e meninas. Marta me chamou questionando se a participação era obrigatória e dizendo que não gostaria de jogar. Questionei então o porquê dela não se sentir confortável em jogar e ela respondeu: “Ah prô, eu não gosto de futebol, não sou boa, aí os meninos enchem o saco, irritam a gente, então prefiro não jogar” (Marta, NC3).

É possível perceber na fala da Marta uma posição marginalizada com relação à prática do futebol devido aos julgamentos que já recebeu como sendo menos capaz ou menos habilidosa. De acordo com Schönardie, Joras, Burch e Silva (2023) a ausência de oportunidades de aprender e de participar efetivamente, reforçam a inaptidão e o desencorajamento das meninas. Acabam então internalizando que a falta de habilidade é algo inerente ao seu gênero. Faz-se necessário encorajar meninas a perceberem os discursos sexistas e pensarem alternativas para lutar contra eles, considerando as alunas como agentes ativas no processo de aprendizado e de

luta por um espaço equitativo dentro dos esportes. (Oliver, 2009 apud Martins; Silva, 2023).

De acordo com Martins e Silva (2020):

[...] é importante ir além de identificar possíveis culpados pelo declínio da participação feminina, para promover um espaço de diálogo que possibilite o envolvimento delas no processo de entendimento e de transformação, desenvolvendo, conjuntamente, uma gramática de possibilidades para o incremento de oportunidades de aprendizagem esportiva para meninas (p. 9).

Ainda de acordo com as autoras é necessário compreender que as meninas não são o foco do problema, mas sim os discursos que foram construídos culturalmente a partir de uma relação linear entre sexo, gênero e sexualidade, que se impõe sobre os corpos esportivos.

Ao final da atividade, as alunas foram questionadas sobre como se sentiram sendo obrigadas a jogar com os meninos e a Ary Borges disse: “eu não gosto muito de jogar com eles porque às vezes tenho medo deles jogarem muito forte e eu me machucar e às vezes eles começam a jogar só entre eles, igual o Davi Luiz que não passava a bola pra ninguém” (Ary Borges, NC 3). Uma fala similar a essa surge também durante a atividade de Queimada-fut na qual os meninos mais experientes começaram a dominar o jogo e não permitir a participação efetiva de outros(as) meninos e meninas. A Bia Zaneratto em protesto contra a situação disse: “Tem como vocês deixarem a gente jogar também? Só vocês jogam, que saco” (Bia Zaneratto, NC 4). Nesse momento foi necessária uma intervenção para que todo o grupo tivesse uma participação mais efetiva no jogo e que não se destacassem apenas alguns protagonistas. Estabeleci então a regra que as jogadas de ataque da queimada deveriam ser alternadas entre meninos e meninas e um(uma) jogador(a) só poderia arremessar novamente depois de quatro outros(as) jogadores(as).

Para que as aprendizagens e as oportunidades sejam possíveis, é necessário estarmos atentos à maneira que os(as) alunos(as) participam das aulas, a presença das meninas como “figurantes” não confere a elas muitas possibilidades de aprender e tampouco contribui para que o âmbito esportivo deixe de ser um território masculino (Jacó; Altmann, 2017). Dessa maneira, ao detectarmos estas diferentes formas de

participação devemos adotar algumas estratégias para que as atividades incluam a todos (adaptação de regras e espaços, por exemplo), criando jogos possíveis para que todos sejam protagonistas.

Ao final da atividade citada anteriormente comentei com os(as) alunos(as) sobre a necessidade na mudança de regras:

(Professora, NC 4): Vocês viram que eu precisei alterar algumas regras pra que as meninas e alguns meninos que estavam mais de canto pudessem arremessar a bola também? O que vocês acharam? Não deveria ser necessário né?

(Davi Luiz): Ah as meninas têm medo da bola, aí não ficam na frente defendendo, aí não pegam a bola ué.

(Tamires): Ah vocês querem fazer tudo e não deixam a gente participar direito do jogo. Ficam entrando na nossa frente, roubando a nossa bola. Mas a mudança de regra foi boa Prô, acho que deu pra gente jogar mais já que eles não deixam.

Percebemos através deste excerto retirado das notas de campo o olhar do aluno que julga as meninas como frágeis, menos capazes, menos habilidosas e com menos entusiasmo, mas percebemos também a coragem da aluna em compreender a situação e tomar o poder da fala para discursar sobre o problema. Não bastam, portanto, apenas atividades inclusivas, é necessário também informação e mobilização para a transformação, sendo também uma questão de atitude. Perceber que as garotas podem jogar, mesmo que ainda não tenham tido muitas oportunidades, envolve informá-las sobre essas desigualdades, mas, especialmente, criticá-las.

Quando tensionamentos e processos de exclusão como esse ocorrido entre o Davi Luiz e a Tamires acontecem, estes precisam ser utilizados pelo(a) professor(a) como um objeto de intervenção pedagógica, estimulando debates e trocas de experiências entre os(as) alunos(as), fazendo com que passem a entender as dificuldades do(a) outro(a). Se as escolas evitam abordar tais questões, falas e atitudes preconceituosas e de exclusão continuam sendo propagadas (Altmann, Ayoub; Amaral, 2011).

Jacó e Altmann (2017) citam que:

[...] é necessário que não se pense somente em dar acesso às meninas nas práticas de aula, já que foi percebido que não é porque meninas estão em quadra que de fato participam, podem estar lá como figurantes. Estar em quadra, dar acesso à atividade não é necessariamente reconfigurar as normatividades de gênero nas aulas de Educação Física. É necessário pensar, desafiar, questionar os entendimentos sobre o corpo, masculinidades e feminilidades predominantes nos conteúdos de aula, para que de fato ocorram essas reconfigurações (p.23).

João Batista Freire (2011) defende que todos(as) podem jogar futebol. Desde os(as) que já sabem jogar, até os(as) que sabem pouco ou não tenham nenhum conhecimento. Martins, Souza Júnior e Reverdito (2023), reforçam que sendo o futebol um fenômeno humano, sociocultural, é preciso compreendermos que o futebol é ensinado e que todos(as) são capazes de jogar em algum nível, sendo responsabilidade do(a) professor(a) tornar o jogo possível a todos(as).

É necessário, portanto, que o(a) professor(a) desenvolva o processo de ensino e aprendizagem do futebol para além do jogar, em que o foco não se limite apenas a ensinar a jogar futebol, mas também a abordar o futebol como objeto de estudo e reflexão, fazendo com que as aulas de Educação Física não sejam excludentes e que os(as) alunos(as) se sintam acolhidos(as) e tenham experiências prazerosas.

9 “QUANDO ACERTEI O GOL VI QUE NA VERDADE EU CONSIGO JOGAR FUTEBOL OU FAZER OUTRA COISA”

O título desta categoria remete à fala de uma aluna durante uma das atividades realizadas. A aluna, ao conseguir fazer um gol, se sentiu extremamente motivada e feliz e percebeu que ela pode jogar futebol ou fazer qualquer outra coisa que tenha vontade. A categoria trata de processos de confiança e empoderamento que emergiram durante as atividades propostas.

Como já discutimos anteriormente, a maneira como o esporte é trabalhado nas aulas de Educação Física influencia diretamente quais serão os aprendizados, as experiências e os sentimentos percebidos pelos(as) alunos(as) durante estas aulas. Assis e Colpas (2013) citam que muitos(as) professores(as) elaboram suas aulas pensando nelas como uma espécie de “escolinha”, priorizando resultados e tornando esse processo excludente, já que meninas são excluídas por não terem oportunidade perante os meninos, assim como os garotos menos habilidosos são deixados de lado, atitudes estas inapropriadas para o ambiente escolar.

O domínio da aula pelos(as) alunos(as) considerados(as) mais habilidosos(as) pode ser um fator desmotivante para os(as) demais alunos(as) que acabam tendo experiências negativas com o esporte, afastando-os(as) cada vez mais das aulas de Educação Física. Darido, González e Ginciene (2018) citam que o insucesso nas atividades, a falta de motivação causada pelo método utilizado pelo(a) professor(a) e a exclusão dos(as) alunos(as) contribuem para este afastamento.

A ideia de apresentar aos(às) alunos(as) um currículo para o ensino de futebol, utilizando metodologias de ensino que coloquem os(as) alunos(as) como protagonistas, no centro do processo de ensino, torna as práticas mais prazerosas e proporcionam maior participação e maior gosto pelas práticas corporais e pelos esportes, o que foi notado por nós ao longo das atividades propostas na unidade didática. A experimentação de novas abordagens no futebol e a discussão de temas relacionados a ele, transformou as vivências dos(as) alunos(as), promovendo a construção de uma nova relação com o esporte durante o processo.

Começamos durante as aulas a desconstruir e (re)construir a ideia de que meninos nascem sabendo e gostando de jogar futebol. Os(as) alunos(as) começaram a compreender que as habilidades para jogar futebol estão atreladas às vivências corporais que cada aluno(a) teve a oportunidade de usufruir durante a infância e que as dificuldades encontradas pelas meninas no futebol existem devido aos estímulos que deixaram de receber.

Para exemplificar esse discurso e torná-lo mais claro aos(às) estudantes, realizamos na aula 4 o Jogo dos Privilégios. Neste jogo posicionei todos(as) os(as) alunos(as) um ao lado do outro na linha de fundo da quadra e expliquei que faria algumas perguntas a eles(as). Caso a resposta para a pergunta realizada fosse sim, o(a) aluno(a) deveria dar um passo à frente, caso a resposta fosse não o(a) aluno(a) deveria permanecer no lugar onde estava. As perguntas realizadas foram: 1) Você já ganhou uma bola de presente? 2) Você já foi incentivado pela sua família a brincar de futebol? 3) Você já foi incentivado a assistir jogos de futebol na televisão? 4) Você já foi a um estádio? 5) Você já teve a oportunidade de estar em uma escolinha de futebol?

Os(as) alunos(as) foram dando (ou não) seus passos à frente e ao final das perguntas informei a todos(as) que a partir desse posicionamento seriam formados dois times para realizarmos um jogo de futebol. Os(as) 12 alunos(as) que estavam mais à frente formariam o time 1 e as 12 alunas que estavam mais para trás formariam o time 2.

Todos os meninos que estavam presentes neste dia ficaram mais à frente fazendo parte do time 1 em conjunto com algumas meninas, as quais gostam das aulas de Educação Física e são bastante participativas. O time 2 foi formado em sua totalidade por meninas, sendo que a maioria delas, são menos participativas durante as aulas e não se interessam muito por esportes. Esta situação nos revela o quanto as meninas foram privadas de experienciar o futebol e o quanto os meninos, pelo contrário, foram incentivados a experienciar o esporte. A situação nos remete também ao que já foi discutido anteriormente sobre as oportunidades dadas a meninos e a meninas com relação às práticas corporais durante a infância serem diferentes, o que

faz com que meninos e meninas não tenham condições iguais para desenvolver suas habilidades (Mourão; Morel, 2005).

Começamos então o jogo de futebol e claro, como era esperado, o time 1 fazia muitos gols. Ao encerrar o jogo solicitei aos(as) estudantes que se sentassem em roda para conversarmos sobre o jogo e comecei questionando: E aí, foi um jogo justo? Duda Sampaio (integrante do time 2) estava nitidamente inconformada com a situação e disse: “Foi muito injusto, era óbvio que a gente ia perder. Todos os meninos estavam no outro time, no meu time as meninas nem gostam de jogar” (NC 2). Nesse discurso da Duda Sampaio é possível notar que ela teve a percepção de que o desequilíbrio gerado no jogo estava atrelado à divisão de gênero.

Questionei então se os(as) estudantes haviam notado algo na divisão dos times e a Ary Borges (integrante do time 2), pediu a palavra e disse:

“Eu notei, professora. O time 1 foi formado pelos alunos que tavam na frente, que era só os que tinham mais experiência, que gostam mais de futebol, que já jogaram bastante. Lógico que eles iam ganhar. Tem umas meninas aqui do meu time tipo eu, que até gostam de jogar bola, mas a gente quase não tem experiência”.

A fala da Ary Borges mostra, portanto, o entendimento de que as habilidades motoras e a facilidade para jogar futebol estão diretamente conectadas às experiências que estes(as) alunos(as) tiveram ao longo da infância e que estas experiências foram moldadas, social e culturalmente, de acordo a ideia binária de gênero. Importante destacar que as experiências não são aqui compreendidas como algo simples, mas como algo que marca e afeta a história de vida das pessoas (Larossa-Bondia, 2002). Com isso, a maioria dos meninos tende a ser mais valorizado esportivamente do que as meninas devido às oportunidades desiguais e às possibilidades de movimentação que lhes são oferecidas. A eles são direcionadas atividades de aventura, potência, desafio, força e a elas restam a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno (Silva; Botelho-Gomes; Goellner, 2008).

Durante a aula de número 7 da unidade didática a atividade proposta foi uma queimada na qual o(a) aluno(a) queimado(a) poderia se salvar caso, ao cobrar um

pênalti, acertasse o gol. Essa atividade já havia sido realizada em outros momentos com outras turmas durante o ano letivo e as experiências através dela foram boas pois muitos(as) alunos(as) que não achavam que tinham potencial para se salvar, acabavam acertando o gol e ficando mais empolgados, enquanto alguns(mas) alunos(as) mais experientes, que tinham certeza de que fariam o gol, acabavam errando e permanecendo queimados(as). Situações essas que aconteceram na aula da unidade didática, como mostra o excerto da Nota de Campo a seguir:

(NC 4) – “A Gabi Portilho foi queimada, correu até mim para pegar a bola e colocar na marca do pênalti, com aquele desânimo de quem não estava gostando de estar ali naquele jogo[...]. Um chute super forte, com direção, que deixou todos(as) boquiabertos(as). O time comemorou como se ganhassem uma medalha de ouro e a aluna, agora mais confiante em si, voltou ao jogo de queimada como se fosse outra pessoa. Na sequência o Rivaldo foi queimado, esse era um dos meninos com características bastante diferentes do restante dos meninos da sala. Participativo, mas não um amante de esportes, muitas vezes deixado de lado. Foi queimado, cobrou o pênalti e fez um gol. Uma bola no meio do gol, que passou por baixo das pernas do goleiro, o que acabou sendo alvo de gozação do seu time e comemoração do time adversário.”

Até o momento relatado anteriormente tanto a Gabi Portilho quanto o Rivaldo estavam tendo em aula uma participação que Uchoga e Altmann (2015) chamam de participação “mascarada” ou prática não efetiva, já que eles estavam ali em quadra, mas como figurantes do jogo. Após terem êxito em seus gols voltaram ao jogo com muito mais empolgação e vontade de participar.

Ao final da atividade, quando questionados(as) em uma roda de conversa sobre o que tinham achado do jogo e como tinham se sentido, Gabi Portilho disse: “Professora, eu fiquei muito feliz. Quando eu acertei o gol vi que na verdade eu consigo jogar futebol ou fazer alguma outra coisa, só falta eu ter a oportunidade de jogar e também a coragem né.” Na sequência Rivaldo completou: “Verdade Gabi Portilho, eu também fiquei feliz que acertei o gol, mesmo que eu não goste muito de futebol”. No decorrer deste jogo e das aulas como um todo, a partir de boas experiências, as meninas começaram a perceber que conseguiam jogar e que aquele espaço da quadra também era um espaço delas.

De acordo com Silva e Martins (2023), ocupar os espaços tradicionalmente dominados por meninos também contribui para que meninas se sintam valorizadas, pois desafia a distribuição desigual de poder dentro do contexto esportivo hegemônico. É o caso da quadra que, não raras vezes, é tomada como um símbolo de domínio masculino, seja durante as aulas ou durante o recreio (Stigger; Wenetz, 2013).

Assim como as meninas, outros grupos, tradicionalmente excluídos do futebol, precisam perceber que este é um espaço para todos. Foi o que aconteceu com Mohamad Ludgério⁸, que conta sua história:

“Devido ao meu jeito efeminado, não frequentei escolinhas de futebol iguais aos outros meninos da minha escola; sempre fui excluído das aulas de Educação Física e às vezes nem participava quando o esporte da vez era a paixão nacional. [...] num dia fatídico da aula de Educação Física, a professora (Helvia, jamais a esquecerei) foi quem escolheu os times e eu fui um dos primeiros a ser selecionado. Fiquei animado! Quando dei o primeiro passe e deu certo, fiquei mais animado ainda, e logo após saiu o meu primeiro gol, e foi ali que eu percebi que sabia jogar, só não tinha tido a oportunidade de mostrar” (Ludgério, 2023, p.312).

Dentre todas as atividades que foram propostas na unidade didática, o Futebol *Callejero*⁹ foi o jogo que gerou maior participação e engajamento dos(as) alunos(as) e foi o espaço em que eles(as) se sentiram mais incluídos(as) e motivados(as). Varotto e Souza Júnior (2019) explicam que:

[...] o *fútbol callejero* não é apenas um jogo, é uma práxis educativa que estabelece interfaces com o jogo/lazer com potencialidades para nos ensinar a ser mais, a refletir criticamente acerca de nossa ação com os outros e com mundo, desafiando-nos a construir coletivamente uma convivência acolhedora, inclusiva e solidária, na qual o diálogo é a base das relações estabelecidas entre todos os participantes (p.58-59).

⁸ Mohamad Ludgério faz parte do time Bulls de Fut7 LGBTQIA+ desde 2017.

⁹ A terminologia *Fútbol Callejero* pode ser traduzida como “futebol de rua”. A metodologia foi criada na Argentina e propõe algumas regras que o tornam diferente do futebol tradicional. No *Fútbol Callejero*, meninos e meninas jogam juntos(as), não há a presença de árbitros(as) e sim de mediadores(as). As partidas são divididas em três tempos sendo que no primeiro tempo as equipes definem coletivamente as regras do jogo. No segundo tempo há a vivência do jogo e no terceiro tempo os(as) jogadores(as) realizam uma roda de conversa para dialogar sobre o desenvolvimento do jogo. No *Fútbol Callejero*, além dos gols, três pilares são avaliados e contribuem para a pontuação final, são eles: respeito, cooperação e solidariedade (Varotto; Souza Junior, 2019).

No início do primeiro tempo da vivência os(as) alunos(as) tiveram um pouco de dificuldade em propor regras e começaram a fazer questionamentos, como se eu, no caso ali mediadora, decidisse quais regras seriam aceitas ou não. Aos poucos foram compreendendo que o jogo estava nas mãos deles(as) e propuseram algumas regras, mas não muitas:

(Ronaldo, NC 5): “Não pode falar palavrão”

(Cássio, NC 5): “Se alguém falar palavrão o time perde a bola”

(Ronaldo, NC 5): “Só que se a pessoa que falou o time já tiver sem a bola aí ele sai do jogo por um tempo, fica dois minutos fora”; “Se o time falar três palavrões é pênalti pro outro time”.

O segundo tempo da vivência foi realizado na aula seguinte, uma semana depois, portanto no início da aula relembrei aos alunos quais eram os objetivos do jogo, a importância dos três pilares, o funcionamento da pontuação e as regras que eles haviam determinado na aula anterior. Durante o segundo tempo pudemos notar uma participação bastante efetiva de todos(as) no jogo, com um clima mais leve do que em outros jogos de futebol já realizados, como percebido no trecho da Nota de Campo 5 a seguir:

“A Tamires trombou com bastante força na Ary Borges depois de tropeçar, derrubando-a no chão. A Ary Borges é uma aluna bastante sentimental e normalmente é deixada um pouco de lado por algumas meninas que costumam dominar a turma. Ao cair ela já fez uma cara de indignada, como se fosse chorar, mas a Tamires rapidamente começou a puxá-la pelo braço dizendo: “levanta, levanta, eu te levanto, desculpa, desculpa, foi sem querer”. Como ela puxou a colega com bastante força os(as) colegas começaram a dar risada [...] a Ary Borges se levantou rindo, cumprimentou Tamires e seguiram o jogo.”

O fato de o clima do jogo estar muito mais leve, com maior cooperação, respeito e solidariedade fez com que a Ary Borges se sentisse mais à vontade durante o restante da prática. Silva e Martins (2023) citam que um dos fatores que favoreceram o engajamento de meninas na prática do futebol é a construção e oferta de espaços que acolham as singularidades e espaços que sejam seguros, tanto fisicamente

quanto emocionalmente, fazendo assim com que as meninas se sintam mais confortáveis para participar efetivamente da aula.

Figura 6: desenvolvimento do segundo tempo do *Fútbol Callejero*



Fonte: arquivo pessoal da autora

Durante o terceiro tempo da vivência do Futebol *Callejero* foi nítido que todos concordaram que o clima do jogo havia sido muito mais leve, quase sem palavrões, sem brigas. Fomos dialogando sobre os pilares do jogo e, quanto à cooperação, instiguei um dos times dizendo que não achava que eles(as) haviam sido muito cooperativos com seu time. Kaká já começou a argumentar: “O que professora? Nós tocou pra todo mundo, tocou pras meninas, pros outros meninos. Pode perguntar pra todo mundo”. Marquinho completou: “É verdade professora vai, a gente foi bem ajudou todo mundo”. Na sequência Bia Zaneratto disse: “O problema é que quando

acabar o *Callejero* eles voltam a não passar a bola” e Kerolin completou: “Pelo menos quem sabe na próxima eles começam a pensar um pouco mais em tocar pra gente”.

Com o decorrer das aulas, pudemos perceber que as meninas estavam em um processo de empoderamento discursivo, termo que se refere à capacidade de indivíduos ou grupos marginalizados de utilizar a linguagem e o discurso para desafiar as relações de poder existentes e promover a mudança social. As meninas estavam, portanto, declarando e anunciando o que sentiam, em relação à não aceitação de atitudes de desrespeito e preconceito, em busca de mudanças. Djamila Ribeiro cita em sua obra que o empoderamento visa produzir “mudanças sociais numa perspectiva antirracista, antielitista e antissexista, por meio das mudanças das instituições sociais e das consciências individuais” (Ribeiro, 2018, p.135). De acordo com Pereira (2020)

[...] um dos passos principais para essa transformação é escutar o que as meninas/mulheres têm a dizer, e, dessa forma, conseguirmos compreender o quão importante são as aulas coeducativas de Educação Física, que representam um espaço no qual é possível reconstruir hábitos, conceitos, concepções e valores que convergem para o companheirismo, o respeito, a solidariedade e a tolerância (p.107).

Observamos, de forma sutil, mas igualmente relevante, uma mudança no comportamento de alguns meninos, que passaram a incluir mais as meninas no jogo, reconhecer boas jogadas, incentivar e elogiar. Durante o terceiro tempo do Futebol *Callejero* os meninos que costumam dominar as aulas estavam sendo mais solícitos e cooperativos, a Ary Borges fez um gol e na sequência Davi Luiz, parabenizando e ao mesmo tempo querendo ajudar, lhe disse: “Boa Ary Borges, só tenta não demorar muito pra chutar senão eles roubam a bola”.

Duda Sampaio reclamou com seu time que tocassem mais a bola para ela e para outras meninas, na sequência do jogo houve uma falta e Kaká a chamou para cobrá-la em direção ao gol, dando dicas e falando palavras de incentivo, o que nitidamente deixou a menina bastante feliz. Nessa criação de vínculos temos como consequência a valorização positiva do outro. Mesquita et al. (2014) citado por Martins e Silva (2020) cita que pesquisas mostraram que mesmo aqueles que são mais

inseguros quanto à sua habilidade se sentem num ambiente mais confortável para se arriscar a jogar em função das relações positivas geradas pela criação dos vínculos.

Martins, Souza Junior e Reverdito (2023) citam que um aspecto de muita importância durante as aulas são estes momentos de interação social. Construir um sentimento de comunidade e de pertencimento àquele espaço contribui para que as meninas se sintam incluídas nas atividades.

10 “A GENTE NÃO CONHECE NENHUMA MULHER ATLETA, POR ISSO QUE A GENTE NÃO FALOU”

Neste capítulo discutiremos os processos educativos emergentes a partir da lógica externa do futebol que entendemos como características que permeiam as práticas, mas que não são determinantes para a pessoa poder jogar ou praticar (González; Bracht, 2012). Para abordar a lógica externa do futebol durante as aulas, podemos utilizar diversas estratégias como vídeos, reportagens, jogos e diálogos, a fim de identificar os significados sociais adquiridos por cada esporte e tratar pedagogicamente de temas como, por exemplo, as questões de gênero, a violência das torcidas, o doping esportivo, a vitória a qualquer custo, entre outros inúmeros exemplos. De acordo com Marques (2019), as problemáticas de ordem social, histórica e cultural relacionadas à lógica externa dos esportes precisam ser problematizadas no âmbito escolar, tanto nas aulas de Educação Física como nas de todos os componentes curriculares.

Na aula 2 da unidade didática, utilizamos o vídeo “Invisible Players” para dialogar sobre a invisibilidade das mulheres nos esportes e no futebol. Reproduzi, na sala de aula, a dinâmica que acontecia no vídeo, onde apareciam jogadas esportivas apenas com uma sombra e os(as) estudantes precisavam me dizer qual atleta eles(as) achavam que estava realizando aquela jogada. Assim como no vídeo produzido pela ESPN, os(as) estudantes também só falaram nomes de homens em todas as jogadas. Ao revelar que todas as jogadas foram realizadas por mulheres os(as) estudantes ficaram bastante impactados e Ary Borges, prontamente disse: “Ah, mas a gente não conhece nenhuma mulher atleta, por isso que a gente não falou” (NC 1).

A fala da aluna nos mostra o lugar de invisibilidade onde as mulheres estão dentro do âmbito do futebol e no esporte no geral. O vídeo conseguiu mostrar como a lógica normativa hegemônica vigente na nossa sociedade patriarcal “associa ao homem o fazer esportivo de excelência e inferiorizam os fazeres corporais esportivos das mulheres” (Fernandes, 2016, p.77).

Um fator de grande importância na visibilidade de mulheres em diversos âmbitos da nossa sociedade e do esporte é a influência da mídia. Martins e Moraes

(2014) citam que o papel social desempenhado pela mídia é de considerável relevância, razão pela qual se torna imprescindível a identificação e o questionamento da forma como o esporte é apresentado nos meios de comunicação.

Com relação ao futebol de mulheres, é nítida a falta de presença na mídia brasileira se comparado ao futebol jogado por homens. É possível identificar essa questão na fala da aluna Marta: “[...] os jogos de futebol dos homens passam nos canais tipo a Globo, o SBT e o das meninas só em canais desconhecidos” (NC 2). Essa fala nos mostra a importância e a necessidade da visibilidade midiática para o crescimento e reconhecimento do futebol de mulheres. Considerando que a mídia tem um papel fundamental na divulgação do esporte e, conseqüentemente, no incentivo para a sua prática, o pouco espaço, a visibilidade e o reconhecimento ao futebol praticado por mulheres têm promovido a marginalização das atletas nesse campo (Goellner; Kessler, 2018), como podemos notar na fala do Kaká que disse: “Não vou mentir, eu acho mais fácil ver homem jogando futebol do que mulher e mais fácil ver mulher jogando vôlei e ginástica do que futebol” (NC 1).

De acordo com Souza Júnior (2013), o futebol é um produto “vendido” em uma embalagem masculina, sendo assim os meios de comunicação não oferecem o devido espaço para o futebol de mulheres. O autor problematiza a necessidade de uma imprensa que seja menos suscetível à ideologia dos valores do patriarcado e apresente um discurso isento de clichês preconceituosos e estereotipados.

Um exemplo de representatividade é trazido na fala da Kerolin: “Eu acho que gosto muito de futebol porque a minha mãe gosta muito, então ver ela gostando e jogando me fez gostar também. Ah e querer ser jogadora também” (NC7). A mãe dessa aluna foi jogadora de futebol por um tempo e teve que abandonar o sonho da carreira profissional por conta de lesões. A fala da filha nos mostra o quanto ver mulheres gostando e jogando futebol influenciam as gerações seguintes, podemos relacionar, portanto, à importância da presença do futebol jogado por mulheres nas mídias.

A representatividade feminina não é apenas uma questão de justiça, mas também uma estratégia para o crescimento e o sucesso do esporte. É necessário ainda promover o acesso e a permanência de mulheres aos mais diversos cargos

relacionados ao esporte como técnicas, auxiliares, árbitras, jornalistas, comentaristas, preparadoras físicas, entre outros. Além disso, a representatividade feminina é importante nas mais diversas esferas da sociedade, mostrando que mulheres podem ocupar os mais diversos espaços de predominância masculina, inclusive os cargos de liderança, o que é notado na fala da Ary Borges:

“Nossa sociedade tem um bloqueio porque a gente acha que as mulheres são menos capazes de fazer as coisas [...] as pessoas acham que por a gente ser mulher a gente não pode fazer um monte de coisa sendo que a gente pode ter ainda mais potencial do que os homens” (NC 1).

Outro ponto sobre a lógica externa desenvolvido durante as aulas foi a discrepância salarial entre homens e mulheres dentro do esporte e o quanto isso dificulta a profissionalização de mulheres no futebol. Para tal, realizamos uma atividade descrita no trecho da nota de campo 3 a seguir:

“Expliquei aos alunos como seria a dinâmica da aula. Realizaríamos um jogo na quadra e na sequência voltaríamos para a sala para conversar sobre o que foi realizado. Depois poderíamos voltar para a quadra caso houvesse tempo suficiente para fazermos uma outra atividade. Solicitei aos(as) estudantes que fossem para a quadra e chegando lá os(as) reuni para explicar o que faríamos. Expliquei que eles teriam uma missão: derrubar, com bolas, todos os cones pequenos que eu colocaria no centro da quadra, sendo que havia uma zona permitida para esse arremesso, que era o espaço atrás da linha de fundo de cada gol. Informei que faríamos uma primeira vez, eu marcaria o tempo e depois eles fariam mais uma vez, tentando melhorar aquele tempo. Se o tempo fosse melhorado ou se eles tivessem, a meu ver, um bom desempenho, eu iria recompensá-los.

Os(as) estudantes ficaram bastante animados com a ideia. Pedi que eles(as) se dividissem em dois grupos com um número igual de alunos para cada lado da quadra e lembrei que ali eram todos(as) uma grande equipe e não adversários(as). De maneira até que rápida eles(as) mesmos(as) se dividiram e começamos o jogo.

Ao apitar, bolas rolando para todo lado, cones caindo e todos(as) comemorando. Os meninos mais experientes tomavam a frente das meninas para pegar a bola primeiro e arremessar. Ao longo do jogo surgiram algumas reclamações, como a da Bia Zaneratto que disse:

- “Professora, os meninos ficam invadindo o espaço pra pegar a bola aí não chega nunca aqui”. Retirei alguns meninos do jogo para solicitar que eles respeitassem a zona de arremesso para que todos(as) tivessem a oportunidade de jogar a bola.

Depois de 2 minutos e 47 segundos os(as) estudantes conseguiram finalizar a missão. Expliquei que faríamos de novo, agora tentando melhorar esse tempo. Pedi para se dedicarem ao máximo, para cada um fazer o seu melhor para que conseguissem. Mais uma vez, ao apitar, aquela “bagunça”. Bolas

rolando para todo lado, cones caindo, alunos gritando e assim, de uma maneira um pouco mais organizada do que a primeira rodada, conseguiram derrubar todos os cones, em 2 minutos e 23 segundos. contei que eles(as) haviam melhorado o tempo e todos(as) começaram a pular e comemorar. Falei para os(as) estudantes beberam uma água rápida e voltar para a sala porque daria a recompensa.

Os(as) estudantes foram voltando para a sala, ansiosos para saber o que era a recompensa. Falei para eles(as):

- “Parabéns! Vocês conseguiram cumprir a missão como uma grande equipe, todo mundo trabalhou para isso e vocês concluíram o desafio. Todos vocês tinham a mesma função e desempenharam muito bem então vou passar em cada mesa deixando a recompensa de vocês.”

Nas fileiras que estavam à minha esquerda da sala de aula havia apenas meninas, nas fileiras mais ao centro tinham meninas e meninos, incluindo alguns dos meninos que gostam bastante de futebol. E nas fileiras à minha direita também estavam meninos e meninas. Comecei então pelo lado esquerdo, colocando três chocolates na mesa de cada uma delas. Debinha ficou empolgada:

-“Nossa três?”

Aquele alvoroço foi criado na turma, todos(as) na expectativa para ganhar 3 chocolates. Quando coloquei 1 chocolate na mesa do primeiro menino percebi a cara de estranhamento dele. Na sequência coloquei um chocolate na mesa do colega ao seu lado e do colega à sua frente, e Neymar questionou:

-“Ué porque pra elas 3 e pra gente 1? Não, não, não.”

Alguns meninos haviam voltado para a sala um pouco depois dos outros e a Ary Borges disse:

- “Vocês voltaram pra sala por último, vão receber por último também.” E Kaká prontamente respondeu:

-“Mas eu não cheguei depois, cheguei junto com os primeiros.”

Continuei entregando os chocolates sem responder às inquietações dos meninos, enquanto isso as meninas se gabavam por terem mais chocolates do que eles. Ao finalizar as entregas questionei:

-“E aí, todo mundo feliz?” e prontamente surgiram vários sim e não pela turma. “Ué, porque tem gente que não ficou feliz?”, indaguei. Nesse momento algumas meninas puxaram um coro gritando: “ingratos, ingratos”. E o Neymar disse:

-“Vocês só estão dizendo isso porque vocês ganharam 3, queria ver se fosse o contrário”. Na sequência Ronaldo disse:

-“Isso é porque demorei pra vir pra sala?”

Respondi que não, falei que a recompensa era pela função que eles desempenharam no jogo e não por quem chegou primeiro ou não.

-“E por que as meninas ganharam 3 e a gente não?”, questionou Cafú.

- “Vocês não acharam justo?”, questionei. “Por que não?” E Marquinhos respondeu:

- “Porque a gente teve tudo a mesma função e a gente ganhou 1 e elas 3”.

A turma começou um alvoroço discutindo a injustiça das recompensas serem diferentes e enquanto isso Ary Borges levantava a mão, desesperada para falar, balançando a mão. Quando a turma se conteve passei a palavra para ela, que disse:

-“É porque assim, a senhora tava falando semana passada sobre as meninas do futebol”, nesse momento interrompi a aluna justamente querendo contradizê-la como se não houvesse uma explicação para a recompensa e disse: “falei, e o que tem a ver uma coisa com a outra? Tem algo a ver?”, e a aluna respondeu:

-“Tem ué, porque as meninas no futebol fazem o mesmo trabalho e são recompensadas com outro valor”. Imediatamente passei a palavra para Ary Borges, que falou:

-“É porque as meninas jogando futebol recebem menos que os meninos”. Questionei aos meninos se eles tinham ficado felizes em receber menos pela mesma função e claro que eles disseram não, expliquei que isso é o que acontece todos os dias, mas ao contrário. Pude perceber vários(as) alunos(as) em silêncio, pareciam estar refletindo sobre a dinâmica. Continuei explicando que em diversas profissões, homens e mulheres desempenham a mesma função e recebem salários diferentes. Expliquei que a ideia de inverter a situação ali na aula, deixando os meninos com menos chocolates, era deixar os meninos desconfortáveis e para que eles se colocassem no lugar de mulheres que todos os dias recebem menos que os homens.”

Figura 7: atividade proposta no "Jogo da Recompensa"

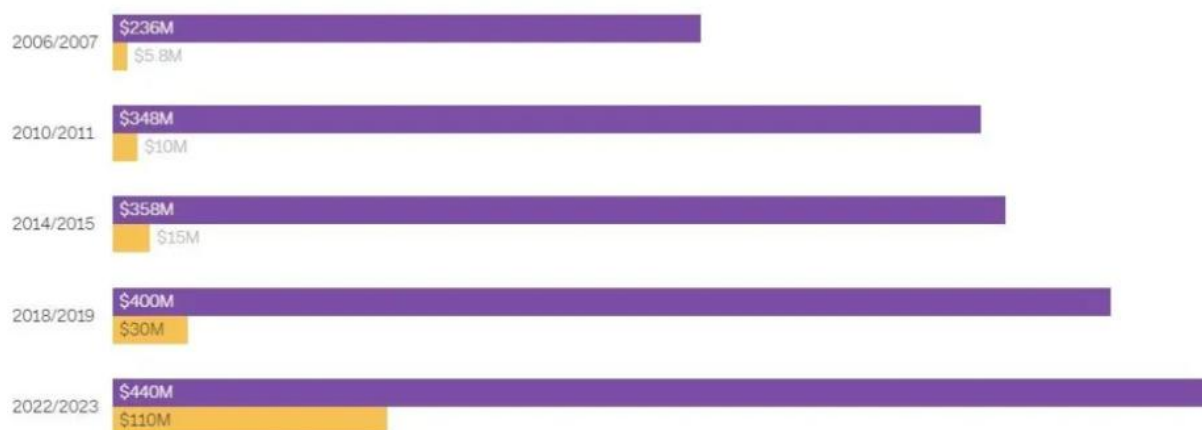


Fonte: arquivo pessoal da autora

Pudemos então discutir as discrepâncias salariais encontradas na sociedade e a influência dessa diferença no acesso e permanência das mulheres em algumas

profissões. Citamos a permanência pois, mesmo depois de ingressarem em times de futebol, meninas e mulheres muitas vezes precisam abandonar os treinamentos pois precisam de outros trabalhos para conseguir arcar com as despesas do dia a dia. No futebol, os salários reproduzem a relação de desigualdade exponencial que existe no mercado de trabalho brasileiro, onde a mulher, mesmo desempenhando a mesma função recebe salário bem inferior em relação ao salário dos homens. Os(as) estudantes puderam entender melhor a situação através da apresentação de uma matéria veiculada em julho de 2023 através do site da CNN Brasil¹⁰ a qual mostrou que, na Copa do Mundo Feminina de 2023, o valor total pago pela FIFA foi o maior da história, totalizando US\$110 milhões (cento e dez milhões de dólares). Apesar de parecer alto o valor ainda é US\$330 milhões (trezentos e trinta milhões de dólares) a menos do que foi pago na Copa do Mundo Masculina de 2022. A figura abaixo ilustra o valor pago nas Copas do Mundo de Futebol masculina (roxo) e feminina (amarelo) nos respectivos anos de realização.

Figura 8: Gráfico dos pagamentos realizados nas Copas do Mundo de futebol masculina e feminina



Fonte: CNN Brasil

¹⁰ RONALD, I; JARNE, A; SHVEDA, K. **Disparidade salarial entre homens e mulheres é real destaque da Copa do Mundo Feminina.** CNN Brasil, 2023. Disponível em: Disparidade salarial entre homens e mulheres é real destaque da Copa do Mundo Feminina | CNN Brasil. Acesso em 10/01/2025.

Muitas jogadoras em nível profissional necessitam de uma outra fonte de renda, tendo que se dividir entre ser jogadora de futebol e outro trabalho. Essas condições afetam diretamente o envolvimento da atleta com os treinos e conseqüentemente, podem afetar a qualidade de seu futebol e seu futuro nesse meio.

Goellner e Kessler (2018) citam que para muitas jogadoras, o futebol ainda é um sonho com o desejo de assegurar sua atuação em equipes que garantem condições satisfatórias de trabalho, incluindo salários e não apenas “ajuda de custo”. Dessa maneira centenas de garotas desistem de batalhar pela profissionalização no esporte sabendo das dificuldades que serão encontradas.

É nítido portanto que, apesar dos avanços, o espaço da mulher no âmbito esportivo ainda é pequeno em comparação ao espaço que os homens ocupam. Além disso, é necessário reconhecer que a questão da profissionalização do futebol feminino extrapola os parâmetros pessoais, como o desejo de jogar e a dedicação aos treinamentos de atletas (Souza Júnior, 2013) e envolve muito mais questões.

Entendemos, então, que foi importante promover aos(as) alunos(as) o conhecimento de alguns fatores externos ao futebol, ampliando seu entendimento pelo saber conceitual, promovendo reflexões importantes na formação crítica dos(as) estudantes.

11 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo principal identificar e analisar os processos educativos emergentes a partir da implementação de uma unidade didática de futebol, problematizando a dominação masculina neste esporte, durante aulas de Educação Física. Já os objetivos secundários foram: fazer com que os(as) alunos(as) compreendam o processo histórico da desvalorização da mulher no esporte e no futebol e fazer com que meninas se sintam mais capazes e confortáveis em ocupar os espaços esportivos dentro e fora do ambiente escolar.

Os resultados obtidos foram divididos primeiramente em um capítulo que relata e descreve a elaboração e a aplicação da unidade didática. Na sequência, em um próximo capítulo, discutiremos sobre a aplicação dos questionários utilizados e a análise de suas respostas. O objetivo deste questionário foi verificar se meninos e meninas passaram a ter uma visão menos sexista após a aplicação da unidade didática que problematizava a dominação masculina no futebol. Como resultado, pudemos verificar que, mesmo antes da realização das atividades, meninas estavam no geral mais próximas a um nível igualitário de respostas do que os meninos, que estavam entre o nível igualitário e a incerteza. Após a realização das aulas verificamos que as meninas se mantiveram em um nível de respostas próximas ao igualitário, porém os meninos saíram do nível de incerteza, chegando mais próximos ao nível igualitário.

Na sequência, temos três categorias que analisam os processos educativos que emergiram ao longo da aplicação das aulas e que nos trazem situações que ocorreram e seus desdobramentos. O título das três categorias faz referência à falas de alunos(as) que surgiram durante o processo e remetem aos resultados discutidos. A primeira delas, foi intitulada “Meninos não querem jogar com meninas porque elas são piores” e trata de situações sexistas enfrentadas durante o processo de aplicação das aulas da unidade didática. A segunda categoria recebeu o título de “Quando eu acertei o gol vi que na verdade eu consigo jogar futebol ou fazer outra coisa” e trata dos processos de confiança e empoderamento que emergiram durante as aulas. Já a terceira e última categoria foi intitulada “A gente não conhece nenhuma mulher atleta,

por isso que a gente não falou” e discute os processos educativos emergentes a partir da lógica externa do futebol.

Como já era esperado, os(as) alunos(as) mais habilidosos e experientes começaram o processo dominando as atividades como de costume nas aulas de Educação Física, mas ao longo do processo, utilizando metodologias mais centradas nos(as) estudantes e fazendo adaptações e alterações quando necessário, pudemos verificar uma participação mais efetiva dos(as) demais estudantes. Com essas adaptações, os(as) alunos(as) menos experientes foram vivenciando boas experiências com o futebol, o que fez com que a motivação destes(as) alunos(as) e a vontade de participar aumentasse durante as atividades.

A atividade do *Fútbol Callejero* promoveu aos(às) alunos(as) um jogo de futebol bastante diferente do que estavam acostumados(as) com um ambiente acolhedor, inclusivo e respeitoso, mostrando a eles(as) que, na escola, é possível que todos(as) os(as) joguem futebol em harmonia, dos menos aos mais experientes.

Com o decorrer das atividades, percebeu-se também um processo de empoderamento das meninas que durante as aulas se encorajavam em reclamar de atitudes sexistas e se impor frente a situações de discriminação ou exclusão, dizendo que não estavam satisfeitas com a situação e cobrando ajustes e atitudes dos meninos mais experientes.

Foi possível notar o entendimento dos(as) alunos(as) de que, as habilidades no futebol ou em qualquer outra modalidade esportiva, estão diretamente ligadas às brincadeiras e brinquedos que meninos e meninas tiveram a oportunidade de experienciar durante a infância e que a concepção de que futebol é um esporte para meninos foi uma construção da sociedade, que entendia o homem como ser forte e viril e a mulher como muito delicada para esportes que eram vistos como violentos.

Pudemos notar também o quanto a falta de visibilidade e representatividade do futebol jogado por mulheres influencia a presença de meninas nos ambientes escolares tidos como masculino, como a quadra. Foi possível perceber que as meninas compreenderam que este espaço também é delas, assim como dos meninos menos experientes.

Quanto à lógica externa, o Jogo das Recompensas, o qual “pagamos” uma gratificação desigual aos meninos e meninas pela mesma função desempenhada, pôde mostrar na prática aos meninos como é se sentir injustiçado por receber muito a menos que outras pessoas tendo desempenhado as mesmas funções, situação encontrada diariamente no futebol e em diversos setores da sociedade.

De maneira geral, acreditamos que realizar a unidade didática proporcionou aos(às) alunos(as) uma vivência e principalmente uma experiência positiva com o futebol, além de aprendizagens tanto corporais como conceituais e atitudinais, promovendo um desenvolvimento integral.

Assim, após a discussão dos resultados encontrados, enfatizamos a importância em se trabalhar o esporte e o futebol dentro da escola fugindo de uma visão esportivista que priorize os(as) estudantes com mais experiência e habilidosos, mas sim aulas que promovam atividades através de metodologias que deem oportunidade a todos(as) para vivenciarem de maneira positiva as diversas modalidades esportivas, promovendo aulas de Educação Física mais inclusivas e acolhedoras.

Apesar de encontrarmos algumas dificuldades com relação ao calendário escolar, a vivência das aulas propostas foi muito enriquecedora não só aos(às) alunos(as), mas também a mim como professora-pesquisadora, me instigando e motivando a aplicá-las posteriormente com outras turmas.

E, por fim, como recurso pedagógico derivado desta dissertação, foi elaborada uma história em quadrinhos, publicada em forma de ebook, a qual narra a implementação da unidade didática e seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015. 176 p.
- ALTMANN, H. “**Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**”. Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998, 111p
- ALTMANN, H; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. **Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?”**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 336, maio-agosto, 2011.
- ASSIS, J. V.; COLPAS, R. D. A pedagogia esportiva e o ensino do futebol na escola. **Revista Digital**. Buenos Aires. Ano 18 n.185. 2013.
- BADINTER, E. **XY - Sobre a identidade masculina** Trad. Maria Ignez Duque Estrada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, 266p.
- BARRETO, M. **Implementação de um currículo dos futebóis para a Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental**. 2023. 186f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.
- BARROSO, A. Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar. In: ALBUQUERQUE, D; DEL-MASSO, M. (org). **Desafios da Educação Física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2020, p. 83 – 104.
- BETTI, M. **Educação física, esporte e cidadania**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v.20, n.2- 3, p.84-92, 1999.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Notas de campo. In: _____. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto, 1994, p. 150-195.
- BRACHT, V. **Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?** In: SOUZA, J.M. Educação Física Escolar: Teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica (pp. 97-106). Recife: EDUPE.
- BRACHT, V. Educação Física no Ensino Fundamental. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010. **Anais**. Belo Horizonte, 2010.

BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941.**

BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Deliberação n. 7, de agosto de 1965.** Baixa instruções às entidades desportivas do país sobre a prática de desporto pelas mulheres. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/> . Acesso em: 2 de abril de 2025

BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. Deliberação nº 10/79 do Conselho Nacional de Desportos. **Baixa instruções às entidades Desportivas do país para a prática de desportos pelas mulheres.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 31/12/1979, Seção 1, p. 92, Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3438879/pg-92-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de31-12-1979>.

BRITO, L; SANTOS, M. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235 – 246, abr./jun. 2013.

DARIDO, S. C.; SOUZA JUNIOR, O. **Para ensinar educação física:** possibilidades de intervenção na escola. 7ª ed. – Campinas, SP. Papirus, 2013.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola:** Questões e Reflexões. 1. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 104 p.

DARIDO, S. C.; GONZALEZ F; GINCIENE, G. **O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar.** 2018. Disponível em: https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138421/mod_resource/content/1/texto_para_impressao.pdf. Acesso em: 10 jan. 2025

DEL-MASSO, M; COTTA, M; SANTOS, M. **Análise Qualitativa e Análise Quantitativa em Pesquisa Científica.** São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018.

FARIA, N; NOBRE, M. O que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero. In: SÃO PAULO (Cidade). Secretaria do Governo Municipal. Coordenadoria Especial da Mulher. **Gênero e educação:** caderno para professores. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2003. p. 29-42.

FERNANDES, S. C. **A educação esportiva de meninas na escola pública:** experiências positivas de gênero na Educação Física. 2016. 132 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/304704>

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. **Revista Pro-Posições**: Campinas, v.14, n.3, p.89-101, set.dez. 2003.

FRANCO, M. A. S. A Pedagogia da pesquisa-Ação. Educação e Pesquisa. **Revista da Faculdade de Educação da USP**. Vol.31, fascículo 3. p. 483- 502. dez.2005. São Paulo 2005.

FRANZINI, F. "Futebol é coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328, 2005.

FREIRE, J. **Pedagogia do Futebol**. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

GARRET, R. Negotiating a physical identity: girls, bodies and physical education. **Sport, Education and Society**, London, v.9, n.2, p.223-37, 2004.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143- 51, abr./jun. 2003.

GOELLNER, S. **Gênero**. In: GONZÁLEZ, J. M.; FENSTERSEIFER, P. E. (org). Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 207-209.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G; FELIPE, J; GOELLNER, S. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOELLNER, S. V. Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade. In: OLIVEIRA, A. B.; PERIM, G. L. (org.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009. p. 73-88.

GOELLNER, S. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, p. 71 – 83, mar. 2010.

GOELLNER, S. V.; KESSLER, C. S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, abr./jun. 2018.

GOELLNER, S. V.; VOTRE, S. J.; MOURÃO, L.; FIGUEIRA, M. L. M. **Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer**. Ministério do Esporte, 2009.

GOELLNER, S.V. Futebol de mulheres: histórias, memórias e desafios, 2020, p. 49-63. In: MARTINS, M. Z.; WENETZ, I. (Org.) **Futebol de mulheres no Brasil**: Desafios para as políticas Públicas. Coleção Academia e Futebol, v. 1. Editora CRV: Curitiba, 2020.

GODOY, K. N. B; MOURÃO, L; OLIVEIRA, A. L.; CHAVES, B. Construção de identidades de gênero na infância: os discursos dos brinquedos e brincadeiras. Goiânia, **Pensar a prática**, v.24, 2021.

GONZÁLEZ, F; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012. 126 p.

GONZÁLEZ, F; FENSTERSEIFER, P. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar I. **Cadernos de formação RBCE**, p. 09 – 24, mar. 2009. Disponível em: https://www.unesc.net/portal/resources/files/354/entre_o_nao_mais_e_o_ainda_nao.pdf - Acesso em 25/06/2024

IMPOLCETTO, F; DARIDO, S. Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais. In: ALBUQUERQUE, D; DEL-MASSO, M. (org). **Desafios da Educação Física escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura acadêmica, 2020, p. 14 – 27.

JACO, J.F; ALTMANN, H. Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física. **Educação em foco**, Belo Horizonte, v.22, n.1, p.155-181, 2017.

KESSLER, C. S. Quais as contribuições das mulheres ao futebol? In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebolis transmodernos**: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2023. p.406 (p. 187-197).

LARROSA-BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em 20/01/2025.

LOURO, G. L. “Heteronormatividade e homofobia”. In JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009.

LUDGÉRIO, M. Futebol: o reencontro de mim mesmo. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebolis transmodernos**: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2023. p.406 (p. 311-314).

MARTINS, M. Z.; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de; REVERDITO, Riller Silva. Ensino, vivência e aprendizagem do futebol/futsal: emergência de uma prática pedagógica dialógica e consciente. **Corpoconsciência**, v. 27, e.16881, p. 1-17, 2023.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 69–82, 2014. DOI: 10.5216/rpp.v10i1.33360. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/33360>. Acesso em: 26 jan. 2025.

MARTINS, M. Z.; SAURIN SILVA, B. Incorporar meninas nas aulas de esporte: pensando possíveis articulações entre os estudos de gênero e a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 23, 2020. DOI: 10.5216/rpp.v23.59259. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/59259>

MARQUES, R. G. V. **Conflitos nas aulas de Educação Física Escolar: Reflexões assentadas na Pesquisa-ação e na Praxiologia Motriz**. 2019. 228 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/183091>

MATHEUS, N.; COMISSO, R. **Malu brinca de quê?** São Paulo: Saíra, 2021. 31p.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.26, n.2, p.73- 86, 2005.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N. S. (org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS/Sulina, 1999, p. 61-93.

NEIRA, M. Incoerências e inconsistências da BNCC da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 215 – 223, 2018.

NORONHA, H. **Machismo, sexismo e misoginia: quais são as diferenças?** 2021. <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/12/03/machismo-sexismo-e-misoginia-quais-sao-as-diferencas.htm>. Acesso em: 19 jun. 2024.

PEREIRA, A. C. G. **Ensaio de uma Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva nas aulas de Educação Física: impactos sobre as relações de gênero e o empoderamento das meninas**. 2020. 191 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12988?show=full>. Acesso em 19/01/2025.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, M.P. Inclusão. In: Santos MP, Fonseca MPS, Melo SC, organizadores. **Inclusão em educação: diferentes interfaces.** Curitiba: CRV; 2009. p. 9-21.

SCHÖNARDIE, M. G.; JORAS, P. S.; BURCH, M.; SILVA, A. L. dos S. “Não torço pra nenhum time, não sei as regras e se me convidam pra jogar eu não jogo”: a relação das meninas menos habilidosas com o conteúdo futebol/futsal nas aulas de Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 1–17, 2023. DOI: 10.5007/2175-8042.2023.e86970. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/86970>. Acesso em: 30 jan. 2025.

SILVA, P.; BOTELHO-GOMES, P.; GOELLNER, S. V. **Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 22, n. 3, p. 219- 233, 1 set. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16697>

SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)** [doi:10.11606/D.8.2015.tde-10092015-161946]. São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015. Dissertação de Mestrado em História Social. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10092015-161946/pt-br.php>. Acesso em 05/01/2025.

SILVA, B. S.; MARTINS, M. Z.. Ensinando o esporte a partir do ponto de vista feminista: tensões da epistemologia feminista para a pedagogia do esporte. **Corpoconsciência**. Cuiabá, v. 27, p. e14089, 2023.

SOUSA, E. S. & ALTMANN, H. **Meninos e Meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar.** *Cadernos Cedes*, ano XIX, N.48, 1999.

SOUZA JÚNIOR, O. M. de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebolis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária.** São Carlos, SP: EdUFSCar, 2023.

SOUZA JÚNIOR, O. M. de. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade.** 2013. 329 p. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275104>

UCHOGA, L; ALTMANN, H. Educação Física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p. 163 – 170, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/rdqF38mftSTqS7tCLrFLBMQ/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em 13 jan. 2025

VAROTTO, N; SOUZA JÚNIOR, O. Fútbol callejero: um olhar para os processos educativos. **Fulia**, Minas Gerais, v. 4, n. 2, p. 44 – 60, mai./ago. 2019.

WENETZ, I. Meninas, meninos e futebol, quem brinca disso na escola? In: Seminário Internacional Fazendo Gêneros, 10, 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Local: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>>.

Acesso em: 6 ago. 2024.

WENETZ, I; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, Dagmar Estermann. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. São Paulo, **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. vol. 27, n. 01, p. 117-128. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000100012>. Acesso em: 05 jan. 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de assentimento livre esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL - PROEF**

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução 510/2016 do CNS)**

MENINOS BRINCAM DE BOLA E MENINAS BRINCAM DE BOLA TAMBÉM:
problematizando a dominação masculina no futebol nas aulas de Educação Física

Eu, Marina Arriaga Perassolli, estudante do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar te convido a participar da pesquisa “MENINOS BRINCAM DE BOLA E MENINAS BRINCAM DE BOLA TAMBÉM: PROBLEMATIZANDO A DOMINAÇÃO MASCULINA NO FUTEBOL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA orientada pelo Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior.

A pesquisa pretende desenvolver o futebol em diversas dimensões do conhecimento gerando reflexões e discussões acerca do machismo e sexismo nesse esporte, buscando compreender e problematizar a dominação masculina nele presente.

A pesquisa tem por objetivo identificar e analisar os processos educativos emergentes a partir da implementação de uma unidade didática de futebol, problematizando a dominação masculina neste esporte durante aulas de Educação Física com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, ou seja, iremos realizar nas aulas de Educação Física da sua turma um conjunto de aulas de futebol e essas aulas serão analisadas na pesquisa.

Você foi selecionado(a) por ser um(a) estudante do 5º ano do Ensino Fundamental, que é o público que oferece condições de contribuir para a pesquisa.

Você está sendo convidado(a) a participar das atividades de futebol e das discussões sobre esse esporte que acontecerão em nossas aulas de Educação Física.

As atividades não serão invasivas, entretanto, esclarecemos que a participação na pesquisa pode gerar estresse, constrangimento e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais perante o grupo, além dos riscos comuns às aulas de Educação Física, como quedas, escoriações etc. Importante destacar que a professora-pesquisadora estará atenta a todos esses riscos, tomando os cuidados necessários e buscando acolher e ajudar naquilo que você sentir necessidade, por se sentir abalado de alguma forma em decorrência direta ou indireta da participação na pesquisa.

Diante dessas situações e mesmo com todos esses cuidados, caso você se sinta desconfortável com a situação, terá a liberdade de não participar das atividades quando as considerar constrangedora, podendo interromper a sua participação a qualquer momento. Caso você não aceite participar da pesquisa, participará normalmente das aulas de Educação Física, mas não será incluído nas situações para análise da Pesquisa e não sofrerá qualquer tipo de prejuízo em relação às rotinas escolares como os processos de avaliação.

Sua participação nessa pesquisa trará benefícios que envolvem o desenvolvimento de valores e habilidades importantes para a vida como solidariedade, empatia, cooperação, resolução de problemas, além de desenvolver habilidades motoras. A participação na pesquisa também ajudará a tornar as aulas de Educação Física um ambiente mais democrático, de respeito e acolhedor, promovendo uma convivência mais saudável com respeito às diferenças. Além disso, sua participação irá ajudar no recolhimento de dados e informações importantes que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física e da Educação, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades na realização de atividades. A professora-pesquisadora e/ou sua equipe de pesquisa realizarão o acompanhamento de todas as atividades desenvolvidas durante o trabalho nas aulas de Educação Física.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar este termo de assentimento que você assinou. Sua desistência não lhe trará nenhum prejuízo, seja em sua relação com a professora-pesquisador, à escola em que estuda ou à Universidade Federal de São Carlos.

É importante ressaltar, que você terá assistência imediata e integral, caso ocorra algum acidente ou um momento em que se sinta mal durante as aulas da pesquisa, e terá direito à indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

A pesquisadora se compromete a manter a sua identidade em sigilo, respeitando o anonimato dos participantes. Caso haja menção a nomes de outros sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

O instrumento de coleta de dados, será o Diário de Campo, que consiste em observações e anotações da professora-pesquisadora durante a aplicação da unidade didática para a pesquisa.

Solicito autorização para gravação em áudio e/ou em vídeo das aulas com a sua participação. As gravações realizadas durante as atividades serão transcritas pela pesquisadora e/ou sua equipe de pesquisa, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível. Todo o material obtido e suas transcrições serão validadas pela pesquisadora, sendo os dados armazenados pessoalmente e usados apenas para a pesquisa. Após a entrega da dissertação para a Universidade, o material (áudio e vídeo) será mantido em arquivo físico ou digital, sob responsabilidade da pesquisadora, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa de acordo com a Resolução 510/2016 do CNS.

A versão final da dissertação e o produto educacional produzido com os dados da pesquisa serão divulgados e compartilhados na escola, para que todos os participantes tenham acesso. Além disso, ao final da pesquisa, a professora pesquisadora irá fazer uma roda de conversa com os participantes para expor os resultados e contribuições da pesquisa.

Você também receberá uma via deste termo, assinada e rubricada em todas as páginas por você e pela professora-pesquisadora, onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP)** da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se com a pesquisadora principal (Profª Marina Arriaga Perassolli) pelo telefone (11) 97606-3182 ou pelo e-mail marinaperassolli@estudante.ufscar.br.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. A professora pesquisadora

me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Contato da pesquisadora:

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

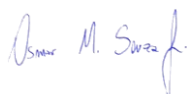
Pesquisadora Responsável: Marina Arriaga Perassolli

Endereço: Rua Cascatinha, 54 – Inocoop – Guarulhos/SP

Contato telefônico: (11) 97606-3182

E-mail: marinaperassolli@estudante.ufscar.br

Local e data:



Osmar Moreira de Souza Júnior
Professor Pesquisador
PROEF/UFSCar

Marina Arriaga Perassolli
Professora-Pesquisadora
PROEF/UFSCar

Diante das explicações presentes neste termo, você considera estar suficientemente informado a respeito da pesquisa e concorda de livre e espontânea vontade em participar da pesquisa?

() SIM

() NÃO

Nome do(a) estudante participante da pesquisa

Assinatura do(a) estudante participante da pesquisa

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL - PROEF**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 510/2016 do CNS)

MENINOS BRINCAM DE BOLA E MENINAS BRINCAM DE BOLA

TAMBÉM: problematizando a dominação masculina no futebol nas aulas de Educação Física

Eu, Marina Arriaga Perassolli, estudante do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar venho por meio deste, convidar o(a) estudante menor de idade sob sua responsabilidade para participar da pesquisa “MENINOS BRINCAM DE BOLA E MENINAS BRINCAM DE BOLA TAMBÉM: PROBLEMATIZANDO A DOMINAÇÃO MASCULINA NO FUTEBOL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA” orientada pelo Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior.

A pesquisa pretende desenvolver o futebol em diversas dimensões do conhecimento gerando reflexões e discussões acerca do machismo e sexismo nesse esporte, buscando compreender e problematizar a dominação masculina nele presente.

A pesquisa tem por objetivo identificar e analisar os processos educativos emergentes a partir da implementação de uma unidade didática de futebol, problematizando a dominação masculina neste esporte durante aulas de Educação Física com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental.

O (a) estudante menor de idade sob sua responsabilidade foi selecionado(a) por ser um(a) estudante do 5º ano do Ensino Fundamental, que é o público que oferece condições de contribuir para a pesquisa. O(a) estudante é convidado(a) a participar das aulas e discussões envolvendo as atividades sobre futebol desenvolvidas nas aulas de Educação Física. Algumas atividades serão registradas por meio de gravador de voz e/ou câmera de vídeo, ajudando na transcrição das falas para posterior análise.

As atividades não serão invasivas à intimidade dos(as) participantes, entretanto, esclarecemos que a participação na pesquisa pode gerar estresse, constrangimento e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais perante o grupo, além dos riscos comuns as aulas de Educação Física, como quedas, escoriações etc. Importante destacar que os pesquisadores estarão atentos a esses riscos, tomando os cuidados necessários e buscando acolher e fornecer suporte aos participantes que se sentirem abalados de alguma forma em decorrência direta ou indireta da participação na pesquisa.

Diante dessas situações e mesmo com todos esses cuidados, caso o(a) estudante se sinta desconfortável com a situação, terá a liberdade de não participar das atividades quando a considerar constrangedora, podendo interromper a participação a qualquer momento. No caso do não aceite, o aluno participará normalmente das aulas de Educação Física, mas não será incluído nas situações para análise da Pesquisa.

A participação do(a) estudante nessa pesquisa trará benefícios que envolvem o desenvolvimento de valores e habilidades importantes para a vida como solidariedade, empatia, cooperação, resolução de problemas, além de desenvolver habilidades motoras. A participação na pesquisa também ajudará a tornar as aulas de Educação Física um ambiente mais democrático, de respeito e acolhedor, promovendo uma convivência mais saudável com respeito às diferenças. Além disso, auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física e da Educação, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades. A

pesquisadora e/ou sua equipe de pesquisa realizarão o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

A participação do(a) estudante é voluntária e não haverá compensação em dinheiro. A qualquer momento o(a) estudante poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que estuda ou à Universidade Federal de São Carlos.

É importante ressaltar, que o(a) estudante terá assistência imediata e integral e terá direito à indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

A pesquisadora se compromete a manter a identidade do(a) estudante em sigilo, respeitando o anonimato dos participantes. Caso haja menção a nomes de outros sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

O instrumento de coleta de dados, será o Diário de Campo, que consiste em observações e anotações da professora-pesquisadora durante a aplicação da unidade didática para a pesquisa.

Solicito autorização para gravação em áudio e/ou em vídeo das aulas com a participação do estudante. As gravações realizadas durante as atividades serão transcritas pela pesquisadora e/ou sua equipe de pesquisa, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível. Todo o material obtido e suas transcrições serão validadas pela pesquisadora, sendo os dados armazenados pessoalmente e usados apenas para a pesquisa. Após a entrega da dissertação para a Universidade, o material (áudio e vídeo) será mantido em arquivo físico ou digital, sob responsabilidade da pesquisadora, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa de acordo com a Resolução 510/2016 do CNS.

A versão final da dissertação e o produto educacional produzido com os dados da pesquisa serão divulgados e compartilhados na escola, para que todos os participantes tenham acesso. Além disso, ao final da pesquisa, a professora pesquisadora irá fazer uma roda de conversa com os alunos para expor os resultados e contribuições da pesquisa.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP)** da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

CEP está vinculado à **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se com a pesquisadora principal (Profª Marina Arriaga Perassolli) pelo telefone (11) 97606-3182 ou pelo e-mail marinaperassolli@estudante.ufscar.br.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do(a) estudante sob minha responsabilidade na pesquisa e concordo que ele(a) participe da mesma. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São

**Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico:
cephumanos@ufscar.br_**

Contato da pesquisadora:

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):


Pesquisadora Responsável: Marina Arriaga Perassolli

Endereço: Rua Cascatinha, 54 – Inocoop – Guarulhos/SP

Contato telefônico: (11) 97606-3182

E-mail: marinaperassolli@estudante.ufscar.br

Local e data:



Osmar Moreira de Souza Júnior
Professor Pesquisador
PROEF/UFSCar

Marina Arriaga Perassolli
Professor Pesquisadora
PROEF/UFSCar

Nome do(a) estudante participante da pesquisa

Diante das explicações presentes neste termo, você considera estar suficientemente informado a respeito da pesquisa e concorda de livre e espontânea vontade que o(a) estudante sob sua responsabilidade participe da pesquisa?

() SIM

() NÃO

APÊNDICE C – Notas de Campo

Nota de campo 1 – 02/05/2024 – Aula dupla (Aulas 1 e 2 da Unidade Didática)

Iniciei a aula como de costume, realizando a chamada com os alunos do 5º ano A. Expliquei a eles(as) que a partir desta data algumas aulas fariam parte do grupo de aulas voltados para a minha pesquisa de mestrado, sobre a qual eu já tinha conversado com os(as) estudantes quando solicitei os termos de consentimento e assentimento e quando apliquei os questionários. Expliquei também que durante a aula eles veriam o gravador de voz posicionado em cima da mesa para coletar o som e que durante o processo tiraria algumas fotos, sendo que ambos foram autorizados por meio da assinatura dos responsáveis nos termos.

Comecei explicando que colocaria algumas palavras na lousa, para não copiarem e aguardarem as próximas instruções. Por ser uma turma bastante falante, muitos já começaram a falar o que vinha à cabeça lendo as palavras que estava escrevendo, a sala virou aquele alvoroço. Solicitei que os estudantes esperassem que em breve começaríamos a dinâmica.

Escrevi na lousa as expressões: ESPORTES MASCULINOS, ESPORTES FEMININOS, ATLETAS DE FUTEBOL, FUTEBOL DAS NOSSAS AULAS e deixei a última palavra pela metade, escrevendo apenas MA para completar ao final da dinâmica. Expliquei que a dinâmica consistia em uma nuvem de palavras em que escreveria na lousa as palavras que eles(as) me falassem relacionadas à essas que estavam escritas na lousa. Expliquei também que ali não existiam respostas certas ou erradas, mas que o importante era que eles(as) expressassem suas opiniões. Começamos então pelos esportes masculinos e como esperado a primeira modalidade citada, em coro, foi o futebol. Na sequência várias modalidades surgiram na fala dos(as) estudantes: futebol, vôlei, basquete, badminton, futebol americano, handebol, futevôlei, tênis, corrida, golfe. Durante as falas um aluno citou a queimada, aproveitei o momento para explicar que as regras da queimada eram flexíveis e por isso não se encaixava exatamente em uma classificação de esporte, mas que poderíamos levar em conta o jogo de queimada. Na sequência fomos aos esportes femininos, algumas modalidades começaram a surgir: vôlei, balé, danças, futebol,

basquete, natação, tênis. Algumas modalidades bastante diferentes surgiram como citado pela Marta:

-“Aquela corrida á cavalo”

E na sequência pela Tamires:

- “Patinação no gelo”.

Quando iniciamos a discussão sobre atletas de futebol o primeiro nome a surgir foi MARTA. Nesse momento fiquei com uma pequena esperança de que mais nomes de mulheres fossem surgir ao longo da dinâmica, mas como já era esperado por mim, apenas nomes de homens foram citados na sequência, jogadores atuais, jogadores antigos, jogadores brasileiros, jogadores de outros países: Pelé, Messi, Neymar, Yuri Alberto, Cristiano Ronaldo, Endrick, Maradona, entre outros. Muitos nomes de homens surgiram, e precisei inclusive falar para irmos à próxima etapa, senão ficaríamos ali citando nomes de jogadores de futebol por muito tempo.

Na sequência fomos ao FUTEBOL DE NOSSAS AULAS e questionei os estudantes sobre quando pensamos no futebol das nossas aulas quais palavras descreviam o nosso futebol. A princípio os estudantes começaram a citar palavras da parte técnica como passe, drible, gol, escanteio, falta, até que algumas ALUNAS trouxeram as seguintes palavras: chateamento, xingamentos, briga e citaram um item que julguei como importante: SEM TIMES MISTOS. Questionei o porquê dessas palavras aparecerem relacionadas ao futebol de nossas aulas e os alunos(as) começaram a argumentar alguns pontos. Alguns alunos(as) citaram que um dos motivos das brigas recorrentes eram as faltas em excesso, outros disseram que o problema era a provocação do time que ganha sobre o time que perde.

Na sequência, a Tamires disse:

- “As brigas acontecem mais nos jogos de meninos, porque no jogo das meninas a gente perdeu e tipo assim, a gente sai de boa. No jogo dos meninos eles saem bravos e começam a brigar.”

Até que a Formiga disse:

- “Professora, sabe por que os times não são mistos? Porque quando a gente joga junto os meninos não passam a bola pra gente”. Nesse momento muitos alunos falavam ao mesmo tempo, querendo impor suas opiniões sobre o porquê de

acontecerem brigas e xingamentos durante o futebol e alguns meninos tentando achar uma justificativa do porquê não passam a bola pras meninas. Na sequência completei a última palavra da nuvem que se formava na lousa, aquele a qual havia escrito anteriormente apenas o MA que agora se tornava MACHISMO. Conforme ia colocando as próximas letras muitos(as) alunos(as) já diziam a palavra machismo e comentavam: “eu sabia que era machismo”. Assim que acabei de escrever uma enxurrada de opiniões começou a surgir, aos poucos os(as) alunos(as) foram se acalmando e fui anotando as opiniões.

A Duda Sampaio disse:

- “Meninos não querem jogar com meninas porque elas são piores”. Logo em seguida, o Kaká, que gosta bastante de futebol disse:

- “Professora, olha, não vou mentir. Menino não gosta de jogar com menina por causa que o jogo de menino é mais pegado, com mais drible, quando tem menina a bola tá lá com alguém e a própria menina do time vai lá e chuta a bola”.

Nesse momento é bastante perceptível como os meninos comparam seus desempenhos com os desempenhos das meninas, sem pensar em tudo que isso envolve. Os(as) alunos(as) continuaram citando frases sobre o machismo: “meninos não tocam pras meninas”, “meninos se acham melhores que as meninas”, “meninos se acham mais fortes que as meninas”. Instiguei os alunos a também pensar no machismo fora do ambiente das aulas de Educação Física e alguns(mas) alunos(as) citaram: abuso, agressões e desrespeito.

A sala se tornou um grande alvoroço e percebi que a discussão já estava se tornando um pouco sem sentido, com meninas e meninos se atacando. Pedi atenção dos(as) estudantes e expliquei aos(às) estudantes que aquelas palavras ali na lousa refletiam suas opiniões traziam um pouco do conhecimento que eles(as) já possuíam. Encerramos então ali a primeira etapa da aula.

Expliquei aos(às) estudantes que na sequência colocaria um vídeo que foi produzido pelo canal esportivo ESPN ¹¹ e que neste vídeo pessoas foram convidadas

¹¹ No vídeo em questão pessoas são convidadas a testar seus conhecimentos sobre esportes. São mostrados lances esportivos (cesta, gol, onda) apenas com a sombra dos(das) atletas e os(as) convidados(as) dizem quem acham ser

para testar seus conhecimentos sobre esporte. Expliquei que apareceriam jogadas de esportes sem mostrar a identidade do atleta e que gostaria de testar o quanto eles sabem de esportes, nesse momento já percebi alguns meninos fazendo comentários com os colegas, como: “ah eu sou o melhor, vou acertar tudo”. Ao soltar o vídeo fui fazendo as pausas no vídeo, como na dinâmica realizada pela ESPN, para que os(as) estudantes fossem citando os nomes dos atletas. A primeira etapa do vídeo era um gol, assistimos ao vídeo duas vezes e começou a enxurrada de nomes de atletas masculinos: Neymar, Messi, De Bruyne, Pelé. Soltei o vídeo novamente e na sequência aparecia o vídeo da cesta no basquete, mais nomes de homens surgiram: Michael Jordan, LeBron James e Kobe Bryant foram os nomes mais citados. Na sequência o vídeo da onda surfada e nesse caso os(as) alunos(as) citaram apenas um nome, por não ter muito conhecimento sobre o esporte: Medina. Na sequência mostrei aos(às) estudantes quais foram os nomes citados na experiência realizada pela ESPN, e demos continuidade ao vídeo que mostra que nenhuma mulher foi citada e revela as identidades: Maya Gabeira surfando a onda, Marta marcando o gol e Maya Moore realizando a cesta de basquete.

A princípio foi nítido que os(as) estudantes ficaram um pouco chocados(as) de todos os vídeos serem mulheres, mas na sequência a Ary Borges tentou se justificar pelo “erro” dizendo:

- “Ah, mas a gente não conhece nenhuma mulher atleta, por isso que gente não falou”. Nesse momento questionei se realmente não conheciam nenhuma já que anteriormente, na dinâmica da nuvem de palavras, o nome da Marta apareceu entre os atletas. A estudante pareceu ficar sem graça, como se com vergonha por ter errado.

Expliquei aos(às) estudantes que não eram eles que estavam certos ou errados em não ter citado nenhuma mulher, mas sim que naturalmente temos um bloqueio em relacionar esportes com mulheres e isso porque assim fomos condicionados desde sempre, já que mulheres eram proibidas de praticar esportes anos atrás e eram (e ainda são) vistas como frágeis. O Kaká pediu a palavra:

estes(as) atletas. Na experiência realizada pela ESPN nenhuma mulher foi citada. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio&t=3s>.

- “Não vou mentir, eu acho mais fácil ver homem jogando futebol do que mulher e mais fácil ver mulher jogando vôlei e ginástica do que futebol”.

- “Você tá certo Kaká, é mais fácil ver isso mesmo. Mas isso acontece porque as mulheres demoraram muito mais tempo pra começar a jogar futebol do que os homens, além de muitas nem terem tido a oportunidade de começar pelo preconceito”, expliquei.

O Kaká novamente começou a falar e nos contou que:

- “Uma vez minha irmã tava com meu outro irmão na rua e ele tava andando de skate. A minha irmã pediu para andar no skate e ele deixou. Quando meu pai viu deu uma surra nela por causa do skate”.

Na sequência a Ary Borges falou:

- “Nossa sociedade tem um bloqueio porque a gente acha que as mulheres são menos capazes de fazer as coisas”. O Cafú trouxe pra discussão uma informação sobre os Estados Unidos:

- “Professora, nos Estados Unidos o time feminino já ganhou bem mais Copa que o masculino”. Concordei com o aluno e comentei que, nos Estados Unidos, o futebol de campo é um esporte com bastante incentivo para a participação das mulheres, enquanto os homens praticam em maioria futebol americano, basquete, beisebol.

Conclui com os alunos e alunas então que a proposta da aula era, portanto, desconstruir algumas ideias, compreender que precisamos parar com esse preconceito de que meninos praticam futebol e usam azul, enquanto as meninas jogam vôlei e usam rosa. Expliquei mais uma vez que eles terem essa opinião é uma influência de tudo que as mulheres enfrentaram de preconceitos e discriminação na sociedade até os dias atuais e que juntos, durante essas aulas, a proposta era tentar romper com essas ideias.

Os(as) estudantes começaram a conversar entre si sobre os jogos interclasses (que sempre acontecem na unidade escolar no final do ano letivo), dizendo que acreditavam que as meninas da sala tinham chance de ganhar neste ano.

A Ary Borges encerrou a aula dizendo:

-“As pessoas acham que por a gente ser mulher a gente não pode fazer um monte de coisa sendo que a gente pode ter ainda mais potencial do que homens”.

As discussões da aula foram bem agitadas, percebi o quanto essa temática incomodava algumas alunas por se sentirem excluídas, e o quanto incomodava alguns alunos por se sentirem os infratores. No geral achei a discussão bastante rica e assim finalizamos a aula. A princípio achei que até sobraria um tempo para fazermos um jogo de futebol livre, mas com a agitação da sala a discussão acabou tomando a aula toda.

Notas de campo 2 – 09/05/2024 – Aula dupla (aulas 3 e 4 da Unidade Didática)

Iniciei a aula como de costume fazendo chamada e explicando aos(as) alunos(as) quais eram os planos para as nossas aulas de hoje. Expliquei que assistiríamos a um vídeo primeiro e faríamos uma breve conversa sobre ele e depois faríamos um jogo que envolvia a prática do futebol. As aulas dessa turma acontecem após o horário de almoço, sendo as duas últimas aulas do dia, horário em que normalmente os(as) alunos(as) estão bastante agitados, por isso perdi algum tempo solicitando que prestassem atenção à chamada. Levei os(as) alunos(as) ao pátio da escola que possui um projetor e caixas de som mais potentes para assistirmos ao vídeo “A História de Marta” no qual ela conta um pouco da sua trajetória e dos preconceitos vivenciados por ela ao longo de sua carreira. Apesar dos(as) alunos(as) terem, em grande maioria, se mantido em silêncio durante o vídeo percebi que não estavam muito interessados(as), às vezes olhando para o teto, para as mãos, dispersos. Tive que chamar a atenção de alguns(mas) alunos(as) que estavam conversando bastante e atrapalhando os(as) demais a escutar o áudio do vídeo.

Ao final do vídeo nos organizamos em roda para discutir algumas ideias presentes no vídeo. Comecei lembrando alguns dados mostrados no vídeo como a cidade natal e o número de habitantes, além de explicar para qual finalidade e quando esse vídeo foi produzido. Um dos pontos citados no vídeo pela jogadora Marta foi o quanto ela precisou se destacar entre tantos meninos para conseguir ser “vista” e notada, e trouxe isso à tona para discutir com os estudantes. Relacionei a história contada por Marta com a história de Neymar para tentar facilitar a compreensão dos

estudantes, mostrando que ele, com seu talento foi facilmente notado desde criança e já a Marta teve que se dedicar mais para conseguir fazer com que seu talento fosse notado entre tantos meninos. Citei que:

- “Para uma mulher ser reconhecida em alguns setores da nossa sociedade não basta ela ser boa, tão boa quanto um homem. É necessário que ela faça além para ser notado”. Aproveitei a discussão para retomar os nomes citados na nossa nuvem de palavras, elaborada na primeira aula dessa unidade didática. Para tentar mostrar aos alunos sobre a visibilidade da mulher no futebol trouxe os dados sobre as eleições de melhor jogadores do mundo, o qual a Marta foi eleita cinco vezes e o Neymar nenhuma vez, a partir daí questionei quem era mais falado na nossa mídia e os(as) alunos(as) em coro disseram: “Neymar”. Com isso pude mostrar aos alunos que para a mulher se destacar não basta ser a melhor, mas ainda é necessário um algo a mais.

Continuei a conversa questionando aos(às) estudantes quem ali já havia sonhado em ser um jogador ou jogadora de futebol. Diversos alunos levantaram as mãos, mas apenas uma menina. Essa aluna tem um exemplo forte em casa, a mãe jogava futebol e não seguiu carreira devido a uma lesão (obtive essas informações em conversas anteriores com a mãe). Perguntei então por que eles(ela) tinham vontade de jogar futebol. Sinceramente nesse momento acreditei que alguns alunos citariam o dinheiro, ser rico, mas a conversa não tomou esse rumo. Os alunos começaram a dizer que gostariam de ser jogadores e jogadora pela experiência, porque gostavam muito, porque sempre jogam na rua. Um dos alunos (aluno 9) falou:

-“Sempre quis ser jogador de futebol e aí quando eu fui pra uma escolinha pela primeira vez eu vi que eu queria na verdade ser goleiro”. Questionei então se eles(as) achavam que o dinheiro era algo que chamava a atenção de crianças para quererem se tornar jogadores(as) de futebol e novamente a maioria disse que não, mas Cássio disse baixinho:

-“Ah, eu acho que tem criança que pensa no dinheiro sim”. Como ele disse baixinho pedi para ele repetir para os(as) outros(as) estudantes pudessem ouvir e quando ele repetiu alguns balançaram a cabeça, como se concordassem com a fala do Cássio. Comentei com os estudantes sobre trechos do vídeo em que Marta cita

que nem salário recebia, mas sim apenas uma ajuda de custo, que consistia em um valor muito pequeno que pagava apenas moradia e alimentação. Expliquei aos(às) estudantes que no geral, há uma percepção de que o mercado do futebol é sempre milionário, já que estão na mídia apenas os principais jogadores do país, mas que na verdade esses jogadores são a grande minoria, fazendo com que tenhamos essa visão de mercado multimilionário.

Incentivei esses estudantes que demonstraram a vontade de ser jogadores e jogadora de futebol a buscar seus sonhos e lutar por eles, mas lembrando que não será um caminho fácil, ainda mais para a menina. Na sequência a Marta relacionou a conversa com a invisibilidade do futebol de mulheres:

-“Professora e os jogos de futebol dos homens passa nos canais tipo a Globo, o SBT e o das meninas passa só em canais desconhecidos. Citei que atualmente alguns canais começaram a transmitir jogos de futebol feminino, mas que as transmissões são principalmente nos canais pagos como SportTV e ESPN, canais esses que a grande maioria da população não tem acesso.

O Kaká, que gosta bastante de futebol pediu a palavra:

- “Eu quero ser jogador de futebol, não vou mentir, por causa do dinheiro, mas também não quero só o dinheiro pra ficar igual, o Neymar também é meu ídolo, mas não só pra ficar gastando dinheiro igual ele, mas também pra dar uma melhoria pra minha mãe, e outra, eu também quero ser jogador de futebol não só por causa do dinheiro, mas também porque eu gosto.” Comentei que é natural, ao pensarmos em uma profissão para seguir, pensarmos no dinheiro que isso te trará de retorno, já que tudo na nossa sociedade gira em torno do dinheiro. Concluí enfatizando que o percurso dentro de uma carreira de futebol não é simples, muito menos para uma menina. Não basta ser bom(boa) para chegar a uma carreira de sucesso, não basta se dedicar. É necessário muito esforço, participar de escolinhas, criar uma rede de contatos, indicações, olheiros, enfim, um percurso bastante suado.

Na sequência expliquei aos(às) estudantes as regras do jogo que faríamos. Expliquei que posicionaria todos(as) um ao lado do outro(a) e que faria algumas perguntas relacionadas às experiências de cada um com o futebol, caso a resposta

da pergunta fosse sim, eles(as) dariam um passo a frente e na sequência eu explicaria a continuidade do jogo.

Fomos ao espaço da quadra, organizei os(as) alunos(as) na linha de fundo e relembrei que caso a resposta da pergunta fosse sim, eles(as) deveriam dar um passo a frente. Os alunos ficaram questionando o que aconteceria depois, “pra quê isso?” e falei mais uma vez que explicaria na sequência.

Iniciei o jogo fazendo as 5 perguntas:

- Você já ganhou uma bola de presente?
- Você foi incentivado pela sua família a brincar de futebol?
- Você foi incentivado a assistir jogos de futebol na televisão?
- Você já foi a um estádio?
- Você já teve a oportunidade de estar em uma escolinha de futebol?

Os(as) alunos(as) foram dando seus passos à frente, fazendo comentários entre si e após essa primeira etapa da dinâmica separei os(as) alunos(as) em dois times. O primeiro time foi formado pelos(as) 12 estudantes que haviam dado mais passos e estavam mais à frente. Como já era esperado por mim, os(as) alunos(as) que ficaram à frente e formaram o primeiro time foram em grande maioria meninos sendo que todos que estavam presentes neste dia estavam nesse time, e algumas meninas, que entre todas são as que mais gostam do esporte e que costumam participar ativamente das aulas.

O segundo time foi formado em sua totalidade por meninas, que foram as que ficaram mais para trás e que eram, em maioria, as que não gostam muito de praticar esportes e participar das aulas de Educação Física.

Ao finalizar a formação dos times foi nítido, nos comentários e conversas paralelas, que o primeiro time estava “se sentindo” já que ali estavam os(as) alunas mais experientes e tidos(as) pela turma como os mais habilidosos. Enquanto o outro time estava inconformado com tal injustiça.

Pelo número de estudantes presentes e pelo tamanho da quadra da unidade escolar solicitei que cada time se dividisse em dois, da maneira que preferissem. Metade jogaria o primeiro tempo do jogo e metade o segundo tempo.

Durante o jogo era nítido o quanto o primeiro time estava se sentindo muito confortável durante o jogo e o segundo time extremamente incomodado. Duda Sampaio disse:

- “Professora mistura isso, tá muito injusto, vamos perder de lavada”.

O time 1, que contava com 3 meninas, fazia gol atrás de gol, mas percebi o quanto os meninos dominavam cada vez mais o jogo e deixavam as meninas de lado. A Bia Zaneratto disse:

- “Ei Kaká, dá pra passar pra gente? Que saco”.

Parei o jogo e pedi aos meninos do time 1 que tocassem a bola pra todos(as) e jogassem em equipe. Não estendi muito o jogo porque sei o quanto estava sendo difícil para as alunas do time 2 aguentar a “lavada” que estavam tomando. Elas já começaram o jogo desmotivadas, mas era nítido o quanto elas estavam se desanimando cada vez mais. Após 15 minutos de jogo encerrei o jogo e solicitei que os(as) estudantes se sentassem em roda para discutirmos o jogo. Comecei perguntando: “E aí, foi justo?” e a enxurrada de comentários começou.

A Duda Sampaio, que fazia parte do time 2, era nitidamente a mais chateada com a situação. Ela é uma das alunas que é participativa nas atividades práticas, gosta de futebol mas apenas teve contato com o esporte na escola, então não é muito experiente. Ela já começou a falar:

- “Foi muito injusto. Era óbvio que a gente ia perder. Todos os meninos estavam no outro time, no meu time as meninas nem gostam de jogar.” Na sequência o Kaká, aquele que gosta bastante de futebol e que é considerado o “bonzão” da turma disse:

- “É, acho que não foi justo. Mas foi bom” dando risada na sequência. Aproveitei para relembrar aos(as) estudantes o significado da palavra empatia, dizendo que este comentário com certeza iria deixar as alunas do time 2 chateadas, e que se fosse o contrário provavelmente ele não gostaria. Perguntei então:

- “Vocês notaram algo nessa divisão de times?”

- “Eu professora”, disse a Ary Borges (que estava no time 2) e continuou:

- “O time 1 foi formado pelos alunos que estavam na frente, que eram só os que tinham mais experiência, que gostam mais de futebol, que já jogaram bastante. Lógico

que eles iam ganhar. Tem umas meninas aqui do meu time, tipo eu, que até gostam de jogar bola, mas a gente quase não tem experiência.”

É claro que nessa hora senti aquela sensação boa, de que o jogo tinha cumprido com seu propósito, que era perceber a influência das experiências anteriores na habilidade de cada um(uma). E disse:

“É isso Ary Borges. Todas as experiências que os(as) alunos(as) do time 1 tiveram como ganhar bola, ser estimulados(as) a brincar de futebol, assistir futebol, essas experiências os(as) fazem(as) serem do jeito que são hoje e terem desenvolvido as habilidades que possuem. Se as meninas do time 2 não tiveram as mesmas experiências, com certeza não dá pra gente jogar igual.” Falei que era exatamente isso e aproveitei para explicar sobre as experiências com brinquedos. Meninos normalmente ganham bolas, carrinhos, roupas de heróis, skates enquanto meninas ganham bonecas, cozinhas, panelinhas e esses brinquedos requerem habilidades motoras completamente diferentes, o que faz com que meninos e meninas se desenvolvam de maneiras diferentes.

Perguntei se os(as) estudantes tinham entendido essa relação com as experiências, todos disseram ou acenaram com a cabeça que sim e assim encerramos nossa aula.

Nota de campo 3 - 16/05/2024 – Aula dupla (aulas 5 e 6 da Unidade Didática)

Iniciei a aula como de costume, realizando a chamada. Os(as) alunos(as), como todos os dias, estavam agitados e alvoroçados, em uma conversa que parecia sem fim. Perdi um certo tempo para conseguir a realizar a chamada e na sequência expliquei aos alunos como seria a dinâmica da aula. Realizaríamos um jogo na quadra e na sequência voltaríamos para a sala para conversar sobre o que foi realizado. Depois poderíamos voltar para a quadra caso houvesse tempo suficiente para fazermos uma outra atividade.

Solicitei aos(às) estudantes que fossem para a quadra e chegando lá os(as) reuni para explicar o que faríamos. Expliquei que eles teriam uma missão: derrubar, com bolas, todos os cones pequenos que eu colocaria no centro da quadra, sendo que havia uma zona permitida para esse arremesso, que era o espaço atrás da linha

de fundo de cada gol. Informei que faríamos uma primeira vez, eu marcaria o tempo e depois eles fariam mais uma vez, tentando melhorar aquele tempo. Se o tempo fosse melhorado ou se eles tivessem, a meu ver, um bom desempenho, eu iria recompensá-los.

Os(as) estudantes ficaram bastante animados com a ideia. Pedi que eles(as) se dividissem em dois grupos com um número igual de alunos para cada lado da quadra e lembrei que ali eram todos(as) uma grande equipe e não adversários(as). De maneira até que rápida eles(as) mesmos(as) se dividiram e começamos o jogo.

Ao apitar, bolas rolando para todo lado, cones caindo e todos(as) comemorando. Os meninos mais experientes tomavam a frente das meninas para pegar a bola primeiro e arremessar. Ao longo do jogo surgiram algumas reclamações, como a da Bia Zaneratto que disse:

- “Professora, os meninos ficam invadindo o espaço pra pegar a bola aí não chega nunca aqui”. Retirei alguns meninos do jogo para solicitar que eles respeitassem a zona de arremesso para que todos(as) tivessem a oportunidade de jogar a bola.

Depois de 2 minutos e 47 segundos os(as) estudantes conseguiram finalizar a missão. Expliquei que faríamos de novo, agora tentando melhorar esse tempo. Pedi pra se dedicarem ao máximo, para cada um fazer o seu melhor para que conseguissem. Mais uma vez, ao apitar, aquela “bagunça”. Bolas rolando pra todo lado, cones caindo, alunos gritando e assim, de uma maneira um pouco mais organizada do que a primeira rodada, conseguiram derrubar todos os cones, em 2 minutos e 23 segundos. Contei que eles(as) haviam melhorado o tempo e todos(as) começaram a pular e comemorar. Falei para os(as) estudantes beberem uma água rápida e voltar para a sala porque daria a recompensa.

Os(as) estudantes foram voltando para a sala, ansiosos para saber o que era a recompensa. Falei para eles(as):

- “Parabéns! Vocês conseguiram cumprir a missão como uma grande equipe, todo mundo trabalhou para isso e vocês concluíram o desafio. Todos vocês tinham a mesma função e desempenharam muito bem então vou passar em cada mesa deixando a recompensa de vocês.”

Nas fileiras que estavam à minha esquerda da sala de aula havia apenas meninas, nas fileiras mais ao centro tinham meninas e meninos, incluindo alguns dos meninos que gostam bastante de futebol. E nas fileiras à minha direita também estavam meninos e meninas. Comecei então pelo lado esquerdo, colocando três chocolates na mesa de cada uma delas. Debinha ficou empolgada:

-“Nossa três?”

Aquele alvoroço foi criado na turma, todos(as) na expectativa para ganhar 3 chocolates. Quando coloquei 1 chocolate na mesa do primeiro menino percebi a cara de estranhamento dele. Na sequência coloquei um chocolate na mesa do colega ao seu lado e do colega à sua frente, e Neymar questionou:

-“Ué porque pra elas 3 e pra gente 1? Não, não, não.”

Alguns meninos haviam voltado para a sala um pouco depois dos outros e a Ary Borges disse:

- “Vocês voltaram pra sala por último, vão receber por último também.” E Kaká prontamente respondeu:

-“Mas eu não cheguei depois, cheguei junto com os primeiros.”

Continuei entregando os chocolates sem responder às inquietações dos meninos, enquanto isso as meninas se gabavam por terem mais chocolates do que eles. Ao finalizar as entregas questionei:

-“E aí, todo mundo feliz?” e prontamente surgiram vários sim e não pela turma. “Ué, porque tem gente que não ficou feliz?”, indaguei. Nesse momento algumas meninas puxaram um coro gritando: “ingratos, ingratos”. E o Neymar disse:

-“Vocês só estão dizendo isso porque vocês ganharam 3, queria ver se fosse o contrário”. Na sequência Ronaldo disse:

-“Isso é porque demorei pra vir pra sala?”

Respondi que não, falei que a recompensa era pela função que eles desempenharam no jogo e não por quem chegou primeiro ou não.

-“E por que as meninas ganharam 3 e a gente não?”, questionou Cafú.

- “Vocês não acharam justo?”, questionei. “Por que não?” E Marquinhos respondeu:

- “Porque a gente teve tudo a mesma função e a gente ganhou 1 e elas 3”.

A turma começou um alvoroço discutindo a injustiça das recompensas serem diferentes e enquanto isso Ary Borges levantava a mão, desesperada para falar, balançando a mão. Quando a turma se conteve passei a palavra para ela, que disse:

-“É porque assim, a senhora tava falando semana passada sobre as meninas do futebol”, nesse momento interrompi a aluna justamente querendo contradizê-la como se não houvesse uma explicação para a recompensa e disse: “falei, e o que tem a ver uma coisa com a outra? Tem algo a ver?”, e a aluna respondeu:

-“Tem ué, porque as meninas no futebol fazem o mesmo trabalho e são recompensadas com outro valor”. Imediatamente passei a palavra para Ary Borges, que falou:

-“É porque as meninas jogando futebol recebem menos que os meninos”. Questionei aos meninos se eles tinham ficado felizes em receber menos pela mesma função e claro que eles disseram não, expliquei que isso é o que acontece todos os dias, mas ao contrário. Pude perceber vários(as) alunos(as) em silêncio, pareciam estar refletindo sobre a dinâmica. Continuei explicando que em diversas profissões, homens e mulheres desempenham a mesma função e recebem salários diferentes. Expliquei que a ideia de inverter a situação ali na aula, deixando os meninos com menos chocolates, era deixar os meninos desconfortáveis e para que eles se colocassem no lugar de mulheres que todos os dias recebem menos que os homens.

Dei os chocolates faltantes para os meninos para igualar as recompensas e na sequência exibi uma apresentação com alguns dados referentes às diferenças salariais. A apresentação se iniciava com a informação de que, no ano de 2016, entre os 100 atletas mais bem pagos do mundo de acordo com a Forbes, apenas duas eram mulheres, que eram tenistas. Expliquei que o tênis é um dos esportes que mais assemelha os salários e premiações de homens e mulheres.

Na sequência a apresentação trazia dados sobre a Marta que mostravam que ela havia ganhado o prêmio de melhor jogadora do mundo por 5 vezes e que havia realizado 103 gols jogando pela seleção brasileira. Já o Neymar, o mais longe que já chegou em uma eleição de melhor jogador do mundo foi em terceiro lugar, além de ter realizado apenas 50 gols pela seleção brasileira. Os dados mostravam ainda que

Marta, em 2016, recebia 400 mil dólares por ano enquanto Neymar recebia 14 milhões de dólares por ano.

Os(as) alunas se mostram surpresas com a diferença, mas percebe-se que as crianças nessa idade (10 e 11 anos) não fazem muita ideia de quanto dinheiro isso significa, então acredito que eles entenderam a discrepância salarial entre homens e mulheres no futebol, mas não conseguiram compreender a magnitude disso.

Na sequência falei para os(as) alunos(as) que iríamos para o espaço externo fazer um jogo de futebol e que a única regra obrigatória era que os times fossem mistos, o resto eles podiam combinar entre eles.

Ao sairmos da sala Marta veio em minha direção e perguntou:

-“Prô, é obrigatório jogar? Porque eu não queria, mas eu sei que minha participação é importante pra você e pra essa pesquisa que você tá fazendo.” Marta é uma aluna participativa, mas já percebi, há bastante tempo que não se sente confortável ao jogar futebol, prefere jogos como queimada e basquete. Respondi então:

-“Marta, até você não querer participar é importante para minha pesquisa. Você não se sentir confortável de jogar futebol já me mostra algo importante, mas me fala, por que você não quer jogar?”, ela respondeu:

-“Ah Prô, eu não gosto de futebol, não sou boa, aí os meninos encham o saco, irritam a gente, então prefiro não jogar.” Discursos como esse são bastante comuns nas aulas de Educação Física e ela não é a única que se sente assim. Pedi então pra ela participar um pouquinho e falei que logo ela podia sair do jogo, conversei com a turma que estava dominando a organização dos times e avisei para lembrarem que as experiências de cada um ali eram diferentes, então para terem paciência, empatia e ajudarem os(as) colegas que precisassem.

Quanto à divisão dos times não houve problema, essa turma possui meninas bastante participativas e que gostam de futebol, então facilmente eles conseguiram se organizar em times mistos. Já durante o jogo alguns problemas comuns começaram a aparecer, alguns meninos falando “vai, quebra lá na frente, entra, arranca” como se todos os outros(as) estudantes tivessem experiência com esses termos do universo do futebol e as meninas reclamando que os meninos não

passavam a bola e jogavam muito mais entre eles. Deixei o jogo rolar mesmo com esses problemas e fiquei de fora observando as relações. Quando faltavam alguns minutos para a aula acabar pedi que eles(as) fossem ao banheiro e beber água e fossem para sala de aula na sequência para conversarmos sobre a aula.

Perguntei primeiro então às meninas como elas se sentem quando as obrigo a fazer parte de um time misto. Ary Borges pediu a palavra e disse:

-“Eu não gosto muito porque às vezes tenho medo deles jogarem muito forte e eu me machucar. E às vezes eles começam a jogar só entre eles igual o Davi Luiz que não passava a bola pra ninguém”. Kerolin pediu a palavra e disse:

-“Eu gosto, mas ao mesmo tempo não gosto. Não gosto porque eles são mais fortes, às vezes machucam a gente. Mas eu gosto porque jogando com eles eu acho que a gente aprende mais.” Perguntei então aos meninos como eles se sentiam com a obrigatoriedade de jogar com times mistos, o Kaká, que estava a todo momento atravessando a fala das meninas, levantou a mão:

-“Ah nois gosta de jogar com menina suave, mas aí depois a gente sai como ruim, que não toca pra elas. Eu tava lá há meia hora falando ei Tamires passa lá na frente pra eu tocar porque se eu tocasse pra ela os menino ia pegar e fazer o gol em mim. Aí ela não passou eu não toquei pra ela.” Aproveitei o momento então para novamente trazer a influência das experiências prévias dos alunos para compreender os diferentes entendimentos e experiências, perguntei então para o Kaká:

-“Kaká, você já fez escolinha de futebol alguma vez? Ele respondeu que não, mas que jogava bola na rua todos os dias depois da escola. Perguntei então para Tamires a mesma coisa e ela respondeu que nunca tinha feito escolinha de futebol e que não jogava futebol na rua todos os dias, só bem de vez em quando. Expliquei então que, quando alguém do time diz “passa lá na frente pra eu tocar pra você!” o Kaká, que tem muita experiência com futebol entende que ele precisa ir para o ataque pra procurar um espaço vazio e tentar receber a bola, enquanto a Tamires, que tem pouca experiência com futebol apesar de gostar do esporte, provavelmente não entenderia da mesma forma. Falei então que esses(as) estudantes que têm mais experiência precisam usar isso a favor do time, ajudar os menos experientes, explicar com paciência para tornar o jogo melhor.

Encerramos assim a 6ª aula da unidade didática.

Nota de campo 4 – 23/05/2024 (Aula 7 da Unidade Didática)

Para aproveitar a discussão sobre as experiências anteriores relacionadas ao futebol, realizei na 7ª aula da unidade didática um jogo de queimada no qual a pessoa queimada tinha uma chance de se salvar. A pessoa queimada teria direito à cobrança de um pênalti, caso fizesse o gol a pessoa estava salva e voltava ao jogo, caso não acertasse o gol a pessoa era queimada e passava a fazer parte do jogo na zona de coveiro.

Iniciei a aula como de costume, acalmando um pouco a sala que vinha do almoço até conseguir iniciar a chamada e a conversa com a turma sobre o que faríamos na aula. Apesar desta turma ter aulas duplas, nesse dia teria que usar uma aula para um ensaio de um evento cultural que aconteceria em breve na escola, por isso apenas uma aula foi voltada para a unidade didática.

Como estes(as) alunos(as) já estão acostumados(as) a jogar queimada a explicação foi rápida, quando citei a questão do gol como salvamento os(as) mais experientes já se “inflaram” como que com certeza que acertariam o gol caso fossem queimados(as), já os menos experientes resmungaram, como se não tivessem chances no jogo. Como de costume, a dominação dos meninos foi evidente. Eles defendiam, atacavam, brigavam pela bola, jogavam-se no chão. Logo de início uma das meninas menos experientes no futebol foi queimada, ao pegar a bola de futebol da minha mão para colocar na marca do pênalti ela disse: “ah, já sei que vou errar mesmo”, e errou. Foi ao coveiro. Na sequência, Kaká, aquele que gosta muito de futebol foi queimado, a turma foi ao delírio por ter queimado um dos principais jogadores do jogo. Ao pegar a bola ele caminhou todo confiante para a marca do pênalti e ao chutar a bola, fora. Mais uma vez a turma foi ao delírio, uns gritavam, uns riam, outros batiam palmas. Kaká, desolado, pegou a bola e foi ao coveiro.

Assim foram acontecendo alguns lances, uns acertavam, outros erravam, mas o jogo ainda estava dominado pelos meninos. Bia Zaneratto disse:

-“Tem como vocês deixarem a gente jogar também? Só vocês jogam, só vocês pegam, que saco.” Solicitei então aos meninos que dominavam o jogo que passassem

a bola para os(as) demais estudantes. O jogo continuou, mas sem sucesso, estabeleci então a regra de que as jogadas de ataque tinham que ser alternadas entre meninos e meninas e que, um jogador só poderia arremessar novamente depois de quatro outros jogadores. Nesse momento, algumas meninas comemoraram a regra porque viram uma oportunidade de jogar mais ativamente e alguns meninos resmungaram a regra porque não poderiam atacar várias vezes seguidas, mas o jogo acabou se desenvolvendo melhor que anteriormente.

Gabi Portilho foi queimada, correu até mim para pegar a bola de futebol e colocar na marca do pênalti com aquele desânimo de quem não estava gostando de estar ali naquele jogo, muito menos querendo cobrar um pênalti. Caminhou com a bola, colocou na marca e gol. Um super chute, forte, com direção que deixou todos(as) boquiabertos(as). O time comemorou como se ganhassem uma medalha de ouro e a aluna, agora mais acreditada em si, voltou ao jogo de queimada como se fosse outra pessoa.

Rivaldo foi queimado, esse era um dos meninos com características bastante diferentes da maioria dessa sala. Participativo, mas não um amante de esportes, muitas vezes deixado de lado. Foi queimado e correu com toda garra para pegar a bola de futebol, cobrou o pênalti e fez o gol. Uma bola no meio do gol, que passou por baixo das pernas do goleiro, o qual acabou sendo alvo de gozação do seu time. Ronaldo falou:

-“Tomou gol do Rivaldo? Debaixo das pernas?” E ria em alto som, menosprezando o gol que acabara de ser feito pelo aluno.

Terminando o horário de aula encerramos o jogo e solicitei que os(as) estudantes se sentassem em roda para conversarmos um pouco. Perguntei: “E aí, o que acharam do jogo”? Muitos(as) alunos(as) falando ao mesmo tempo que gostaram, eis que a Gabi Portilho levantou a mão.

-“Professora, fiquei muito feliz. Quando eu acertei o gol vi que na verdade eu consigo jogar futebol, ou fazer alguma outra coisa. Só falta eu ter a oportunidade de jogar e também a coragem né.” Na sequência Rivaldo completou:

-“Verdade Gabi Portilho, eu também fiquei feliz que acertei o gol, mesmo que eu não goste muito de futebol.”

-“Ah eu gosto muito de futebol então pra mim foi da hora.”

Perguntei então sobre a necessidade das mudanças de regras no meio do jogo:

-“Vocês viram que eu precisei alterar algumas regras para que as meninas e alguns meninos que estavam mais de canto pudessem arremessar a bola também? O que vocês acharam? Não devia ser necessário né?”

- “Ah, as meninas têm medo da bola, não ficam na frente defendendo, aí não pegam a bola.” – disse o Davi Luiz.

- “Ah vocês que querem fazer tudo e não deixam a gente participar direito do jogo, ficam entrando na nossa frente, roubando nossa bola. Mas a mudança de regra foi boa Prô, acho que deu pra gente jogar mais já que eles não deixam.”

Expliquei a eles(as) que precisamos discutir essas questões relacionadas a gênero nas nossas aulas justamente por isso, pra que nossas aulas se tornem mais inclusivas, pra que os meninos percebam o potencial das meninas e pra que todos(as) participem efetivamente das atividades.

Retornamos à sala de aula e encerramos assim a 7ª aula da unidade didática.

Nota de campo 5 – 06/06/2024 – Aula 8 da Unidade Didática

Assim como na semana anterior, uma das aulas de Educação Física da semana foi utilizada para os(as) alunos(as) ensaiarem a apresentação que aconteceria no evento cultural da unidade escolar. Sendo assim, realizamos na semana apenas uma aula da unidade didática.

Mais um dia de bastante paciência até que os(as) alunos(as) se acalmassem ao voltarem do almoço. Nesse dia, havia tido uma “briga” entre dois alunos de outras salas e os(as) alunos(as) estavam mais alvoroçados que o normal. “Perdi” um bom tempo da aula tendo que ouvir a cada aluno(a) que chegava na sala de aula a história. Finalmente com os(as) estudantes mais calmos(as) expliquei o que faríamos nesta e nas próximas duas aulas.

Em sala de aula expliquei aos alunos sobre a metodologia Callejera bem brevemente. Contei onde surgiu, o contexto e expliquei como funcionariam os três tempos e que, naquela aula faríamos o primeiro tempo e na próxima semana faríamos

os outros dois tempos. Expliquei sobre os três pilares que eram fundamentais no jogo: solidariedade, cooperação e respeito e sobre como esses valores pontuariam no jogo.

Depois que expliquei começamos então a construção de regras. Ronaldo começou dizendo:

- “Pode reclamar? Bater os braço?”

-“Se você bater os braços pra lamentar que você perdeu um gol tudo bem, mas se você reclamar com o seu colega que perdeu o gol sendo desrespeitoso você vai perder pontos no final” – respondi.

Na sequência Cafú disse:

-“Pode comemorar se ganhar, sem zoar o adversário?” Percebi neste momento que eles(as) estavam se dirigindo a mim para saber o que podia ou não, sem compreender que o jogo estava nas mãos deles(as).

Expliquei novamente que algumas coisas não estariam claras nas regras, mas eles precisavam pensar se aquelas atitudes eram desrespeitosas, se estavam sendo ou não solidários(as). Kerolin disse:

-“Professora, tipo assim, se eu driblar alguém, aí a pessoa do outro time cair, sem querer e eu for lá e fazer o gol. Não pode? Eu não posso fazer o gol se isso acontecer?”

-“Poder você até pode, mas nesse caso onde o time dela perderia pontos no final?” – questionei. E alguns(mas) responderam que era no valor solidariedade. Enfatizei que a ideia do nosso jogo não era ganhar a qualquer custo, mas sim melhorar as relações entre os(as) alunos(as) e jogar um futebol respeitoso, que todos saíssem satisfeitos. Relembrei o exemplo dado pela aluna anteriormente e questionei:

-“Se a pessoa cai do seu lado sem querer o que você faz?”

-“Ajudo a levantar, vejo se tá tudo bem” – disse a Marta. Enfatizei que esse era um dos pilares do jogo, ser solidário(a) aos(às) colegas dos outro time. Instiguei-os(as) a pensarem mais em regras e o Ronaldo disse:

-“Não pode falar palavrão.” Completei a fala dizendo que era uma boa ideia e questionei o que faríamos se alguém então descumprisse a regra. Alguns(mas) alunos(as) fizeram cara de pensativos e a Duda Sampaio disse:

-“Se alguém do time falar palavrão e tiver com a bola, perde a bola”. Vários(as) alunos(as) balançaram a cabeça como se concordassem com a regra e o Cafú completou:

-“Só que se a pessoa que falou já tiver sem a bola aí ele sai do jogo por um tempo. Fica 2 minutos fora”. Questionei se todos(as) concordavam e a regra foi aceita. Uma aluna sugeriu que a cada palavrão o time adversário tivesse direito a um pênalti, mas outra aluna disse:

-“Aí só vai ter pênalti do jeito que eles falam palavrão”.

-“Já sei” – disse Ronaldo. “A cada 3 palavrões, 1 pênalti pro outro time”. A maioria dos estudantes fizeram comentários apoiando a regra e tínhamos então mais uma definida.

Questionei se mais alguém tinha alguma regra para sugerir, alguns(mas) responderam que não, outros não emitiram nenhum comentário. Marquinhos comentou comigo que acha que deviam ser proibidos gestos de provocação. Perguntei aos(às) alunos(as) se concordavam e alguns(mas) disseram que sim, mas a maioria disse que não. Enfatizei então que, mesmo que não fosse uma regra, isso seria levado em conta no pilar de respeito.

Percebi que os(as) alunos(as) pensavam em poder ou não poder com coisas bastante absurdas para um jogo na escola como os xingamentos, as provocações, jogo de corpo. Confesso que nesse dia minha expectativa acabou me desanimando bastante. Eu possuía uma visão de que haveria muita participação, de que regras bastante interessantes seriam criadas, mas não foi bem assim. Os alunos estavam parecendo entediados, como se quisessem terminar aquilo logo, dizendo que não tinham mais regras para colocar. Finalizamos assim mesmo a aula então, com apenas essas duas grandes regras relacionadas aos palavrões.

Notas de campo 6 – 13/06/2024 – (Aulas 9 e 10 da Unidade Didática)

Neste dia, durante um momento de intervalo na parte da manhã, Cafú me encontrou pela escola e perguntou:

-“Prô, a gente vai fazer aquele futebol argentino hoje? Qual é o nome mesmo?”. Fiquei bastante feliz por ele ter guardado essa informação sobre o jogo e lembrei

a ele o nome. Expliquei que faríamos mais tarde na aula e um aluno que estava ao lado dele tinha faltado na aula anterior e ficou bastante curioso.

No início da aula, depois de realizada a chamada como de costume, lembrei aos(as) alunos(as) como funcionava o jogo, quais eram os pilares, quais as regras que havíamos combinado. Não houve nenhum questionamento no momento, achei os(as) alunos(as) um pouco apáticos e minhas expectativas já foram abaixo.

Fomos então à quadra e separei a turma em dois times, sendo que solicitei que eles(as) se dividissem em dois grupos para jogarem o primeiro e o segundo tempo, a única exigência era que os times fossem mistos. Eles(as) rapidamente se acertaram e pudemos começar o jogo.

Ao começar Cafú disse:

-“Vamo lá time, sem palavrão, sem briga.”

Começou o jogo e a primeira ocasião clara de que eles(as) haviam entendido a ideia do jogo foi que o Kaká fez falta em outro colega, ele parou e deu a mão ao colega para que se levantasse e pediu desculpas. Na sequência olhou para mim como quem diz: você viu isso né? Deu uma risadinha e continuou o jogo. Esse aluno é um menino que costuma brigar bastante em atividades competitivas, ainda mais no futebol, então foi interessante ver que logo no início ele se lembrou da ideia do jogo. Eis que Ronaldo falou um palavrão enquanto seu time estava com a posse de bola. Os(as) estudantes que estavam perto e ouviram já começaram a gritar avisando que ele havia falado um palavrão, parei o jogo, informei que ele havia falado um palavrão já que nem todos(as) tinham escutado e questionei se lembravam a regra. Alguns(mas) estudantes citaram em voz alta: “Agora a bola é deles” ou “agora a bola é nossa”. O time do Ronaldo resmungou por ele ter cometido o erro, a bola foi ao time adversário e retomamos o jogo.

O jogo seguiu bem com os(as) alunos(as) se ajudando, se respeitando, passando a bola para a maioria dos colegas. De repente, em um lance, Tamires trombou com bastante força na Ary Borges depois de tropeçar, derrubando-a no chão. A Ary Borges é uma aluna bastante sentimental e normalmente é deixada um pouco de lado por algumas meninas que costumam dominar um pouco a turma, ao cair ela já fez uma cara de indignada e como se fosse chorar, mas a Tamires rapidamente

começou a puxá-la pelo braço dizendo: “vem que eu te levanto, levanta, levanta, levanta, desculpa, foi sem querer”. Como ela puxou a colega com bastante força pelo braço os(as) colegas começaram a dar risada como se realmente achando o momento engraçado. Comentei que caso ela não estivesse machucada agora estaria, já que o braço foi puxado tão forte e de novo eles(as) caíram na gargalhada. A Ary Borges se levantou rindo, como nunca havia visto antes. Assim que levantou cumprimentou a Tamires e seguiram ao jogo.

Logo em seguida, gol do time 1, feito por uma das meninas. O time comemorou sem desrespeitar o adversário. Apesar do gol feito, Davi Luiz chegou perto da Ary Borges que havia feito o gol e falou:

-“Boa Ary Borges, só tenta não demorar muito pra chutar senão eles roubam a bola”. A aluna pareceu entender a instrução e seguiram.

O jogo seguia bem e Duda Samapaio veio ao meu encontro e disse:

-“Professora eu não acho que eles tão passando muito a bola pra gente”. Falei então para ela tentar conversar com os alunos que ela achava que não estavam sendo cooperativos já que isso podia fazê-los perder o jogo. A aluna se dirigiu ao Kaká que pareceu não dar muita bola ao que ela estava falando. Mas dali algum tempo o time sofreu uma falta e o Kaká chamou a Duda Sampaio para cobrar a falta, ela ficou toda feliz e o time tentou ajudá-la com palavras de incentivo.

Depois de um tempinho de jogo, Cafú do time 2, chutou a bola no rosto da Ary Borges do time adversário, mas não foi até ela se desculpar e verificar se estava tudo bem. Percebi que a aluna ficou “esperando” o pedido de desculpas, já que essa era a ideia do jogo, mas não aconteceu.

Logo em seguida a Tamires, que era do time 2, falou um palavrão e prontamente os(as) jogadores que estavam perto já começaram a gritar lembrando a regra que havia sido estipulada. Já que o time dela estava com a posse de bola tiveram que passar a bola ao time 1.

O jogo recomeçou e o time 2 rapidamente recuperou a posse de bola e na sequência, gol do time 2, realizado por um menino. Mais uma vez houve comemoração do time, mas respeitando os adversários.

No decorrer do jogo dava para sentir um clima bastante diferente dos jogos de futebol de aulas anteriores. Os meninos que costumam dominar as aulas estavam sendo solícitos e cooperativos na maior parte do tempo, as meninas e meninos que não costumam jogar tanto estavam, nitidamente, mais confortáveis com o jogo.

No finalzinho do jogo, em uma jogada entre por meninos e meninas, o time 1 realizou o segundo gol. Logo após o gol se encerrou o tempo de jogo e encerramos então o segundo tempo do Futebol Callejero que era o jogo propriamente dito e passaríamos então para o terceiro tempo em que iríamos discutir, refletir e definir as pontuações. Minha primeira pergunta foi:

-“Vocês acharam o clima do jogo diferente?” e muitos(as) alunos(as) começaram a responder juntos que sim. Ary Borges disse:

- “Foi bom porque só teve um palavrão de cada time, então foi muito melhor, ninguém saiu triste”. Kaká complementou:

-“É a gente sempre que joga o futebol normal nois briga, nois xinga, nois bate e hoje foi diferente.” A Ary Borges complementou dizendo que normalmente sai todo mundo bravo e não havia ninguém bravo naquele dia. Neymar complementou:

-“Eu achei que a gente tocou muito mais pras meninas”. Perguntei então para as meninas se elas se sentiram mais confortáveis em estarem ali. Ary Borges, que já tinha dado algumas opiniões, disse que sim, mas que algumas meninas ainda ficaram com “cara de paisagem” no meio do jogo. Expliquei que não podíamos esperar que todos(as) jogassem com o mesmo entusiasmo, já que algumas pessoas têm preferências por outro esportes e isso é natural. Perguntei então se alguém havia saído chateado e todos(as) disseram que não. Mas a Duda Sampaio comentou apenas comigo ao final do jogo que ela queria ter jogado no gol e que o Marquinhos havia jogado o tempo todo, então trouxe isso para a discussão com a turma, Marquinhos se justificando disse:

-“Eu falei pra ela jogar no gol no primeiro tempo porque eu ia ser goleiro do segundo tempo, ela ficou pra jogar o segundo tempo então eu que fiquei no gol, se ela tivesse ido no primeiro tempo ela tinha jogado no gol.” A aluna pareceu compreender a justificativa, mas ainda ficou chateada por não ter jogado no gol. Falei então que faltou um pouco de cooperação do Marquinhos que poderia ter deixado a

Duda Sampaio jogar um pouco no gol. Perguntei se concordavam e todos(as) disseram que sim.

Enfatizei se os(as) estudantes haviam reparado nas brigas, que foram praticamente nulas. Além disso, dei ênfase às faltas que, apesar de acontecerem, tiveram um desfecho muito mais tranquilo, sem xingamentos. Os(as) alunos(as) pareciam estar bastante felizes e tranquilos(as), fomos então à parte final em que falei a eles(as) o que eu havia anotado durante o jogo e as pontuações.

Com relação ao primeiro time percebi que os meninos estavam se esforçando para passar a bola a todos(as) e questionei ao time se as meninas tinham percebido isso. Ary Borges disse:

-“Eles tavam tocando bastante pro Davi Luiz, aí o pessoal que tava de fora ficou gritando passando pra Ary Borges, pra Ary Borges e eles começaram a tocar mais.”
Questionei ao restante das meninas se concordavam que os meninos estavam mais cooperativos e todas disseram que sim.

Comentei sobre os palavrões que haviam sido ditos, mas, em parceria com os(as) alunos, chegamos à conclusão de que foi um saldo bastante positivo já que em uma aula tradicional surgiram muito mais.

Falei para o time 2 sobre a bolada do Cafú na Ary Borges, que não teve nenhum pedido de desculpas. O aluno se fez de desentendido, como se não lembrasse que havia feito isso, mas rapidinho percebeu que estava errado e naquele momento pediu desculpas à aluna.

Fomos então à pontuação, o time 1 havia ganhado o jogo e começava então com 2 pontos enquanto o adversário com 1 pontos. Fomos então aos pilares, começando pela solidariedade. Vários(as) alunos(as) começaram a dar suas opiniões, dizendo que haviam sido solidários(as) lembrando momentos em que ajudaram os outros. Apesar do detalhe da bolada, os(as) alunos(as) lembraram alguns momentos em que houve solidariedade e concluímos então que os dois times mereciam os pontos da solidariedade, completando um placar de 3 a 2.

Fomos então à cooperação e comentei que na minha opinião o aluno 8 havia sido um pouco fominha, questionei quais alunos(as) haviam jogado no mesmo tempo que ele e perguntei a opinião do time e maioria concordou, dizendo que ele poderia

ter sido mais cooperativo, concluímos então que o time merecia apenas 1 ponto do pilar cooperação. Já sobre o time 1 achei que foram bastante cooperativos, mas comecei a discussão dizendo que achava que eles não mereciam os 2 pontos da cooperação, justamente para vê-los(as) argumentar. Kaká já começou a dizer:

-“O quê? Nós tocou pra todo mundo, tocou pras meninas, pros outros meninos. Pode perguntar pra todo mundo.” Marquinhos já emendou a fala:

-“É verdade professora vai, a gente foi bem, ajudou todo mundo.” Na sequência a Bia Zaneratto disse:

-“O problema é que quando acabar o Callejero eles voltam a não passar a bola” e Kerolin comentou: “pelo menos quem sabe na próxima eles começam a pensar um pouco mais em tocar”. Comentei então que era claro que os meninos não se transformariam do dia pra noite, mas que a ideia do jogo era justamente fazê-los pensar sobre isso e tentar minimizar as atitudes de preconceito.

Ao questionar o time todos(as) disseram que haviam recebido a bola e que estavam satisfeitos, concordamos então em validar os 2 pontos da cooperação para o time 1, totalizando então 5 a 3.

Quando começamos a discussão sobre o pilar respeito já estava bem próximo ao horário final da aula, que antecedia o intervalo. Os(as) alunos já pareciam um tanto inquietos(as) e tive que solicitar a atenção de todos diversas vezes. Questionei então se eles(as) achavam que nosso jogo tinha sido um jogo respeitoso por ambos os times e uma falação geral tomou conta do momento. Um aluno novamente trouxe à tona a questão dos palavrões, que os(as) alunos(as) haviam descumprido a regra, mas a própria turma tomou à frente pra dizer que não achavam que aquilo devia descontar ponto já que falaram muito menos do que falariam normalmente. Kerolin disse:

-“Ah mas tem aula que é tanto palavrão, hoje falaram 2, nem conta. Melhoraram muito, não tira ponto por isso não. Não foi falta de respeito, é que eles já tão muito acostumados a falar palavrão.” Questionei a turma se concordavam e disseram que, uns com palavras outros afirmando com a cabeça.

Na sequência perguntei se alguém havia se sentido desrespeitado(a) durante o jogo, Tamires fez uma brincadeira dizendo que havia sido desrespeitada pela bola que não a obedecia e os alunos(as) deram risada. Ninguém disse que se sentiu

desrespeitado e como falei no início era nítido que o clima da aula estava bastante tranquilo. Como faltavam 3 minutos para o encerramento da aula concluí dizendo que ambos os times marcariam os 2 pontos do pilar respeito e que então o jogo acabava 8 a 6 para o time 1. O time comemorou rapidamente sem desrespeitar os colegas. Pedi atenção dos alunos para concluir rapidamente dizendo que me surpreendi positivamente com a participação da turma e que minhas expectativas foram superadas, agradei os(as) alunos(as) pela participação e enfatizei que nos próximos jogos de futebol eles(as) pensassem um pouco em como foi o futebol callejero para que a gente tenha aulas mais tranquilas, com mais respeito, cooperação e solidariedade. Encerramos assim então a aula 10 da unidade didática.

Nota de campo 7 – 27/06/2024 (Aula 12 da unidade didática)

Neste dia, após o almoço, a coordenação solicitou que os professores levassem suas turmas ao pátio porque haveria uma ação da Unidade Básica de Saúde sobre alimentação saudável e cuidados bucais. A aula começava às 13h10 e a ação estava marcada para às 13h50 com duração de uma hora. Como na semana seguinte era a última semana de aula do bimestre e muitos alunos faltariam, precisei correr para realizar o fechamento da unidade nesses poucos minutos que teria de aula.

Iniciei como de costume, acalmando os alunos para que pudesse realizar a chamada. Na sequência expliquei que naquele dia faríamos o encerramento da sequência de aulas sobre futebol, iniciei agradecendo a colaboração de todos e retomando aula a aula o que foi feito. Ao término da retomada coloquei novamente as palavras usadas na nuvem de palavras realizada na primeira aula na lousa para refazermos a dinâmica.

Coloquei na lousa as expressões que foram utilizadas na primeira aula: esportes masculinos, esportes femininos, atletas de futebol e machismo. Expliquei à eles(as) que faríamos uma aula na semana anterior para conhecer mais jogadoras de futebol como as jogadoras da seleção brasileira que participaram da Copa do Mundo de 2023 porém por problemas pessoais tive que me ausentar da escola e não foi possível realizar, já que na próxima semana já iniciavam as férias. Sendo assim, falei que na parte dos atletas de futebol, talvez eles citassem os mesmos nomes da

primeira aula, mas que em breve gostaria de propor algumas atividades para conhecermos mais jogadoras.

Nesse momento Kerolin disse:

-“Professora, qual o nome daquela jogadora do Corinthians, uma mais famosa?”

-“Tamires? Uma loira de olho caro?” – questionei.

-“Isso! Ela é da seleção?” Respondi que sim. A Kerolin é a aluna que citei em outra nota de campo a qual a mãe foi jogadora de futebol na juventude e teve que parar de jogar futebol por conta de lesão e a aluna que disse que quer ser jogadora de futebol. Essa aluna gosta muito de futebol e percebe-se o quanto ela se interessa pelo assunto.

Questionei os(às) alunos(as) se as expressões “esportes masculinos” e “esportes femininos” representavam algo diferente, e em coro responderam que não. Indaguei então se fazia sentido separar os esportes em duas categorias e novamente em coro responderam que não. Kerolin disse:

-“Não pode porque qualquer um pode praticar qualquer esporte.”

Comentei então que esse era um dos objetivos dessa sequência de aulas, compreender que todos(as) podem gostar e praticar qualquer esporte. Perguntei então se eles(as) conheciam algum esporte que é praticado apenas por homens ou apenas por mulheres e os(as) alunos(as) começaram a trazer nomes: escalada, tênis, esgrima, hipismo, handebol. Expliquei aos(às) estudantes sobre o caso da Ginástica Artística, explicando que ambos os gêneros praticam o esporte, mas em aparelhos diferentes. Citei também o caso da Ginástica Rítmica, que é um esporte apenas feminino e expliquei também sobre o Beisebol e o Softbol, que são esportes similares, mas separados por gênero.

Quando citei a expressão “atletas de futebol” surgiram diversos nomes: Neymar, Messi, Cristiano Ronaldo, Pelé entre outros nomes de homens. Entre eles, meninas citaram Marta e Tamires. Expliquei novamente que a ideia era termos conhecido mais jogadoras e reforcei que como não temos costume de ver mulheres praticando esportes na televisão, nas redes sociais, era difícil pensarmos em nomes de mulher.

Chegamos então na expressão “futebol de nossas aulas” e perguntei se eles(as) achavam que depois dessas aulas alguém mudaria um pouco as atitudes preconceituosas. Nesse momento as meninas dominaram a fala dizendo que acreditavam que alguns alunos poderiam mudar. Bia Zaneratto disse:

-“Acredito que se eles tiverem força de vontade eles mudam sim”. Ary Borges completou: “realmente, acho que eles precisam pensar e querer mais, acho que eles conseguem.”

Relembrei com os(as) estudantes sobre o jogo dos privilégios mostrando que o time mais forte era o time com mais experiência no universo do futebol para lembrar a eles(as) que nosso ponto de partida para chegar aqui no dia de hoje não foi o mesmo, sendo assim não podemos cobrar os mesmos conhecimentos, as mesmas habilidades de todos(as).

Kerolin pediu a palavra e disse:

-“Eu acho que eu só gosto muito de futebol porque a minha mãe gosta muito, então ver ela gostando e jogando me fez gostar também. Ah e querer ser jogadora também.” Falei para a aluna sobre a representatividade, que ela se espelhou na mãe que jogava, por isso é tão importante a visibilidade do futebol de mulheres para encorajarem meninas a praticar futebol e tantos outros esportes em que somos invisíveis.

Nesse momento tivemos que encerrar a aula e assim concluí a aplicação da unidade didática.

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO – ATITUDES PARA A IGUALDADE DE GÊNERO NO FUTEBOL

Gênero: () Feminino () Masculino

NÍVEL SOCIOCULTURAL

1) O futebol é um esporte masculino.

() Concordo Plenamente () Concordo () Não sei () Discordo
() Discordo plenamente

2) O tempo que meninas investem em treinamento de futebol é tempo perdido porque elas não jogarão profissionalmente.

() Concordo Plenamente () Concordo () Não sei () Discordo
() Discordo plenamente

3) Treinar futebol torna as meninas menos femininas.

() Concordo Plenamente () Concordo () Não sei () Discordo
() Discordo plenamente

4) A participação da mulher no futebol ajuda no crescimento da sociedade.

() Concordo Plenamente () Concordo () Não sei () Discordo
() Discordo plenamente

5) O desempenho das meninas no futebol pode igualar (ou superar) o dos meninos.

() Concordo Plenamente () Concordo () Não sei () Discordo
() Discordo plenamente

6) As meninas possuem aptidão física necessária para praticar futebol.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

7) Com o treinamento constante e força de vontade uma mulher pode chegar a ser tão habilidosa (ou mais) que um homem no futebol.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

8) As mulheres deveriam evitar os esportes de contato como o futebol, porque podem ser perigosos para sua saúde.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

9) As meninas, em vez de jogar futebol deveriam ser animadoras ou praticar esportes que valorizem a beleza.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

10) As meninas são muito delicadas para praticar futebol.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

11) As meninas devem fazer cursos fora da escola de dança, teatro e balé enquanto os meninos devem fazer cursos de futebol, lutas e outros esportes

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

12) Na prática do futebol as meninas se machucam com maior frequência do que os meninos.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

13) Os meninos nasceram com maior aptidão para o futebol do que as meninas

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

14) Os meninos são melhores do que as meninas em relação à rapidez necessária para a tomada de decisão no futebol.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

15) As meninas devem brincar apenas com brinquedos de menina (boneca, barbie, cozinha, entre outros) enquanto os meninos devem brincar apenas com brinquedos de meninos (bola, carrinho, herói, entre outros).

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

NÍVEL RELACIONAL

16) Quando jogamos futebol em aulas de educação física os meninos geralmente insultam as meninas menos preparadas.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

17) Quando jogamos futebol com equipes mistas em aulas de educação física os meninos preferem passar a bola para meninos do que para meninas.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

18) Nas aulas de educação física costumamos jogar futebol sem que meninos e meninas se chateiem.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

19) Ao formar equipes mistas para jogar futebol em aulas de educação física as meninas são escolhidas como última opção.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

COMPETÊNCIA MOTRIZ PERCEBIDA

20) Creio que sou melhor que muitos colegas meninos e meninas na aula de educação física.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

21) Penso que possuo melhores capacidades que outros colegas meninos e meninas para a educação física.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

22) Até o momento, sou bom(boa) em educação física e esportes.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

23) Outros(as) me dizem que sou um(a) esportista completo(a), capaz de realizar bem qualquer exercício na aula de educação física.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

24) Em educação física e esporte, sempre tenho a sensação de ser superior, de ser melhor que os demais colegas meninos e meninas.

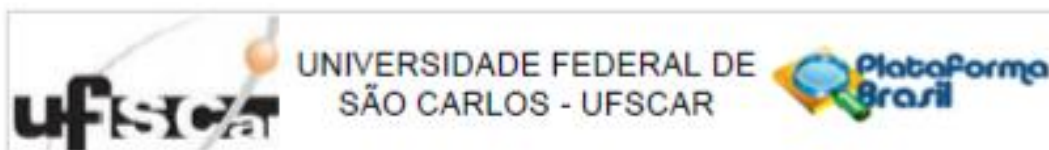
Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

25) Penso que possuo as qualidades necessárias para ser bom(boa) em educação física e esporte.

Concordo Plenamente Concordo Não sei Discordo
 Discordo plenamente

ANEXOS

ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Meninos brincam de bola e meninas brincam de bola também: problematizando a dominação masculina no futebol nas aulas de Educação Física

Pesquisador: MARINA ARRIAGA PERASSOLLI

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 76922024.2.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.758.532

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2225097, de 28/02/2024) e/ou do Projeto Detalhado (PROJETO_MARINA, de 15/01/2024): RESUMO, HIPÓTESE (se houver), METODOLOGIA, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, do tipo pesquisa-ação a ser realizada em aulas de Educação Física escolar. Os pesquisadores apontam que "a presente pesquisa tem como ponto de partida a dominação masculina na prática do futebol dentro e fora do ambiente escolar. Com anos de proibição da participação de mulheres nos esportes e mais especificamente no futebol, as consequências deste impedimento ainda são encontradas e a invisibilidade da participação de mulheres promove ações de preconceito e machismo durante as aulas de Educação Física. É necessário, portanto, trabalhar o futebol nas escolas para além do fazer, compreendendo este esporte como um grande produto cultural que carrega inúmeras possibilidades e conhecimentos. Buscamos então com esta pesquisa identificar e analisar os processos educativos emergentes da implementação de uma unidade didática de futebol com

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3361-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental durante as aulas de Educação Física. Será realizada uma pesquisa-ação, na qual o principal instrumento de coleta de dados serão os diários de aula que serão posteriormente analisados mediante a análise de conteúdos a partir do método de codificação de categorias”.

HIPÓTESE

“Partindo da compreensão de que o futebol nas aulas de Educação Física é atravessado por diversas formas de preconceito, sobretudo de gênero, temos como hipótese que uma unidade didática sobre futebol problematizando a dominação masculina neste esporte seja capaz de fazer surgir diversos processos educativos e discussões relevantes para compreender o papel da mulher no esporte e no futebol ao longo da história e as consequências desta posição ocupada por elas, além de conscientizar meninas sobre seus direitos de ocuparem os espaços esportivos dentro e fora da escola”.

METODOLOGIA

“Para a coleta de dados serão realizadas Rodas de Conversa pautadas na dialogicidade de Paulo Freire, configurando o diálogo como principal mediador no caminho para a construção de conhecimentos (Freire, 1999). Além disso, serão utilizados diários de aula, nos quais serão registrados os momentos de interação e observação com os participantes da pesquisa,

descrevendo o que está sendo observado acrescido de sentimentos e reflexões da autora. Segundo Zabalza (2004) os diários de aula ou de aula como ele os chama, são instrumentos de grande riqueza pois o fato de escrever as experiências vividas em um diário trazem consigo todo um processo de reflexão acerca dos fatos ocorridos. Para compor esses diários de aula utilizaremos as notas de campo que serão realizadas aula por aula e que, de acordo com Bogdan e Bikien (1994), são os registros escritos da observação realizada pelo investigador da pesquisa, nesse caso, a professora. Serão realizadas notas descritivas, que buscam descrever com palavras a imagem captada e notas reflexivas as quais consistem no ponto de vista do observador incluindo suas preocupações e ideias. Serão definidas algumas pautas a serem observadas, porém no decorrer do processo podem surgir outras ocorrências, por isso seguindo certas estratégias a observação será semiestruturada (Negrine, 1999). A pesquisa será realizada em uma escola da rede estadual de São Paulo, integrante do Programa de Ensino Integral (PEI) a qual atende estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental localizada na cidade de Guarulhos na Grande São Paulo. Os participantes da pesquisa serão estudantes de



uma turma de 5º ano que possui em média 25 alunos, com idades entre 10 e 11 anos. Para a coleta de dados será implementada uma unidade temática contendo 12 aulas em que trabalharemos diferentes temáticas do futebol, incluindo a lógica interna (para ensinar a jogar) e a lógica externa a fim de compreender aspectos socioculturais relacionados ao futebol. Com base nas intervenções buscaremos identificar e reconhecer os processos educativos emergentes da implementação desta unidade didática de futebol nas aulas de Educação Física”.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

“Ser estudante do 5º ano do Ensino Fundamental da turma escolhida para participar da pesquisa; entregar os termos de consentimento e assentimento assinados respectivamente pelos/as responsáveis e por si próprio/a, formalizando a concordância com a participação na pesquisa”.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

“Não ser aluno/a do 5º ano da turma participante da pesquisa; não entregar os termos de consentimento e/ou de assentimento, devidamente assinados”.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar e analisar os processos educativos emergentes a partir da implementação de uma unidade didática de futebol, problematizando a dominação masculina neste esporte durante aulas de Educação Física.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos, os pesquisadores informam que “há a possibilidade de acidentes físicos durante a realização das atividades práticas, próprias das aulas de Educação Física escolar, como por exemplo, quedas, torções, lesões ou outras ocorrências que possam afetar, mesmo que minimamente, a integridade física do estudante. Os temas abordados na pesquisa, as discussões e as perguntas não serão invasivas à intimidade dos(as) participantes, porém, esclarecemos que a participação na pesquisa pode gerar estresse, desconforto e constrangimento como resultado da exposição de opiniões pessoais, relacionado a questões ideológicas e/ou morais.

Em relação aos benefícios, afirmou que “A participação do(a) estudante nessa pesquisa trará benefícios que envolvem o desenvolvimento de valores e habilidades importantes para a vida como solidariedade, empatia, cooperação, resolução de problemas, além de desenvolver

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP Município: SÃO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



habilidades motoras. A participação na pesquisa também ajudará a tornar as aulas de Educação Física um ambiente mais democrático, de respeito e acolhedor, promovendo uma convivência mais saudável com respeito às diferenças. A pesquisa também deverá fornecer subsídios para professores(as) de Educação Física, na medida em que discutirá as questões de gênero nas aulas dentro da escola e desenvolverá conhecimentos e habilidades por meio de uma unidade didática sobre futebol. Além disso, os dados que serão obtidos poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão gerar novos conhecimentos trazendo benefícios para a área da educação e da Educação Física”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 de 2016 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatoria:

Foi apresentada a folha de rosto, preenchida e assinada corretamente. Foram reapresentados os TCLE e TALE, conforme determina a Resolução CNS 510/16 e contendo também a solicitação explícita para gravação de imagem e som dos voluntários. Foi apresentado carta de autorização por parte do responsável pelo local da pesquisa.

Recomendações:

Vide campo “Conclusões ou Pendências e Lista de inadequações”

Conclusões ou Pendências e Lista de inadequações:

Pendências resolvidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar “Aprovado” o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução N° 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SÃO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 6.796.532

Interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. **OBSERVAÇÃO:** Nos documentos encaminhados por Notificação **NÃO DEVE** constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|---------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2225097.pdf | 26/02/2024 10:42:57 | | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_MARINA.pdf | 26/02/2024 10:42:37 | MARINA ARRIAGA PERASSOLLI | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TALE_MARINA.pdf | 26/02/2024 10:42:26 | MARINA ARRIAGA PERASSOLLI | Aceito |
| Outros | CARTA_RESPOSTA.pdf | 26/02/2024 10:41:11 | MARINA ARRIAGA PERASSOLLI | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETO_MARINA.pdf | 15/01/2024 09:29:30 | MARINA ARRIAGA PERASSOLLI | Aceito |
| Declaração de concordância | CARTA_AUTORIZACAO.pdf | 15/01/2024 09:29:16 | MARINA ARRIAGA PERASSOLLI | Aceito |
| Folha de Rosto | Folhaderosto_Marina.pdf | 15/01/2024 09:27:12 | MARINA ARRIAGA PERASSOLLI | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 11 de Abril de 2024

Assinado por:
Sonia Regina Zerbetto
(Coordenador(a))

| | |
|----------------------------------|------------------------------|
| Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235 | CEP: 13.565-905 |
| Bairro: JARDIM GUANABARA | |
| UF: SP | Município: SAO CARLOS |
| Telefone: (16)3351-9685 | E-mail: cephumanos@ufscar.br |